

ISSN (Versão Impressa): 1519-9894

ISSN (Versão Online): 2179-2194

fragmentum

- 62 -

**FORMAÇÃO DO LINGUISTA E FORMALIZAÇÃO
DO OBJETO EM FERDINAND DE SAUSSURE**

Micaela Coelho (Min. do Trabalho e Emprego - Brasil)

Eliane Silveira (UBU - Brasil)

Estanislao Sofía (UFSM - Brasil)

Organizadores



Fragmentum / Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Centro de Artes e Letras (CAL). Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFSM). Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem (Laboratório Corpus). N. 1 (set. 2001)- .Santa Maria, 2001- .

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum>

Semestral

ISSN 1519-9894 (versão impressa)

e-ISSN 2179-2194 (versão online)

N. 62 (jul./dez. 2023). "Formação do linguista e formalização do objeto em Ferdinand de Saussure", organizado por Micaela Coelho (MTE - Brasil), Eliane Silveira (UBU - Brasil), Estanislao Sofia (UBA - Argentina).

1. Ferdinand de Saussure 2. Linguística 3. Curso de Linguística Geral
4. Universidade Federal de Santa Maria. 5. Centro de Artes e Letras

Ficha catalográfica elaborada por Luciano Rapetti CRB-10/2031
Biblioteca Central da UFSM

Editoria do Programa de Pós-Graduação em Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Santa Maria

Prédio 16, CE, sala 3222 – Bloco A2

Campus Universitário - Bairro Camobi

CEP 97105-900 – Santa Maria, RS – Brasil

Fones: 55 3220 8359 – 55 3220 8025

Email: ppgletras@ufsm.br

Site: www.ufsm.br/ppgletras

Fragmentum

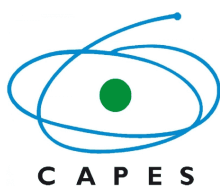
www.ufsm.br/fragmentum – fragmentum.corpus@gmail.com

Apoio

Centro de Artes e Letras - CAL/UFSM

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PRPGP/UFSM

Pró-Reitoria de Extensão – PRE/UFSM



Fragmentum

Publicação do Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM

ANO DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

2001

POLÍTICA EDITORIAL

Fragmentum é um periódico científico publicado trimestralmente nas versões impressa (ISSN 1519-9894) e on-line (ISSN 2179-2194) e destinado a pesquisadores e estudantes em nível de pós-graduação. O periódico divulga textos produzidos por pesquisadores que desenvolvem, como escopo e/ou resultado de pesquisas, as seguintes problemáticas:

a) Na Linguística, questões enunciativas e/ou discursivas, tendo por eixo diretor o campo do saber sobre a história da produção do conhecimento linguístico, a partir da análise de instrumentos linguísticos bem como de outras textualidades alicerçadas pela História das Ideias Linguística em sua relação com a Análise de Discurso de linha francesa;

b) Na Literatura, estudos comparados que têm evidenciado a relação do texto literário não apenas com seu contexto de produção como também com outras artes, mídias, saberes e formas, aproximação esta que articula artes e conhecimentos em suas específicas cidades, demonstrando processos de leitura, compreensão, interpretação e análise envolvidos no acesso a obras de arte e à recepção de um público especializado.

Admitem-se textos em português, francês, inglês ou espanhol. Não são aceitos textos de pesquisadores que não tenham a formação mínima de doutor. Acadêmicos de doutorado podem submeter textos à avaliação, desde que em coautoria com o professor orientador.

Com periodicidade semestral, cada novo dossiê temático será organizado por dois pesquisadores e constituído de um conjunto de artigos somados a uma resenha e à divulgação, em formato de resumo, de duas teses já defendidas, que apresentem relevância para a temática em foco. Afóra essa estrutura preestabelecida, *Fragmentum* se reservará o direito de publicar entrevistas e outras textualidades inéditas, de caráter artístico e ensaístico, quando convier. Originais em francês, português e espanhol deverão apresentar título, resumo e palavras-chave na língua em que foi escrito o texto e em inglês. Para originais em inglês, título, resumo e palavras-chave deverão ser apresentados em inglês e em português.

Reitor da Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Luciano Schuch

Diretor do Centro de Artes e Letras

Prof. Dr. Gil Roberto Costa Negreiros

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras

Prof. Dr. Dionei Mathias

Coordenadora Geral do Laboratório Corpus

Prof.^a Dr.^a Verli Petri

Comitê Editorial

Comissão Editorial

Amanda Eloina Scherer, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Enéias Farias Tavares, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Verli Petri, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Editora-Chefe

Amanda Eloina Scherer, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Editor-Gerente

Enéias Farias Tavares, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

Editor-Júnior

Robson Severo, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

Editores de Língua Estrangeira

Francês – Amanda Eloina Scherer, UFSM, RS, Brasil.

Inglês – Enéias Farias Tavares, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Espanhol – Germán García Bermúdez, Universidad de la República, Montevideo, Uruguay.

Conselho Editorial

Alcides Cardoso dos Santos, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.

Ana Paula El-Jaick, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Ana Zandwais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Anne-Gaëlle Toutain, Université de Berne, Suisse.

Beatriz Maria Eckert-Hoff, Universidade do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil.

Bethania Mariani, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

Caciane Souza de Medeiros, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

† Carme Regina Schons, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, Brasil.

Caroline Mallmann Schneiders, Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo/RS, Brasil.

Célia Marques Telles, Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Chloé Laplantine, Laboratoire Histoire des Théories Linguistiques, França.

Christian Puech, Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, França.

Cristiane Dias, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Eduardo Guimarães, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Enéias Farias Tavares, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

Eni Puccinelli Orlandi, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP; Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, MG, Brasil.

Estanislao Sofia, Professor Visitante Estrangeiro Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

Evandra Grigoletto, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil Flavio Felicio Botton, Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil.

Flávio Loureiro Chaves, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Gema Sanz Espinar, Universidad de Madrid, Espanha Gerson Luiz Roani, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, SP, Brasil.

Gesualda Rasia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Giuseppe D'Ottavi, Institut des Textes et Manuscrits Modernes, Paris (ENS/CNRS), França.

Gladys B. Morales, Universidad Nacional de Río Cuarto, Argentina Héliane Kohler, Université de Franche-Comté, França.

Irène Fenoglio, Centre National de la Recherche Scientifique, França.

Isabel Cristina Ferreira Teixeira, Universidade Federal do Pampa, Bagé, RS, Brasil.

José Edicarlos de Aquino, Universidade Federal do Tocantins.

José Horta Nunes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

José Luís Jobim de Salles Fonseca, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Juan Manuel López-Muñoz, Universidad de Cadiz, Espanha.

Juliana Steil, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

Larissa Montagner Cervo, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

Lucília Maria Sousa Romão, Universidade Estadual de São Paulo, USP-Ribeirão, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Mara Ruth Glozman, Universidad de Buenos Aires, Argentina.

Márcia Helena Saldanha Barbosa, Universidade de Passo Fundo (UPF), Brasil.

Maria Cleci Venturini, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR, Brasil.

Maria da Glória Bordini, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Maria da Glória Corrêa Di Fanti, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Maria José R. Faria Coracini, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Marianne Rossi Stumpf, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Mariarosaria Zinzi, Università degli Studi di Firenze, Itália.

Marilene Weinhardt, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
Marluza da Rosa, Universidade Federal de Santa Maria – Campus Frederico Westphalen.
Mary Neiva Surdi da Luz, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil.
Nádia Régia Maffi Neckel, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).
Orna Messer Levin, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
Paola Capponi, Università di Torino, Italia.
Paulo Ricardo Kralik Angelini, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
Regina Zilberman, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
Rejane Pivetta de Oliveira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
Silmara Dela Silva, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.
Taís da Silva Martins, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
Valdir do Nascimento Flores, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil.
Valdir Prigol, Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil.
Vanise Gomes de Medeiros, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.
Véronique Daleth, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Produção Editorial Capa e Projeto Gráfico Originais

Simone de Mello de Oliveira, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
Mirian Rose Brum-de-Paula, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

Produção Gráfica

Ana Carolina Cipolat, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

Editoração Eletrônica

Robson Severo, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

Revisão de linguagem

Alessandra Stefanello, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Indexadores

Rede Cariniana (IBICT)

Latindex – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Diadorim – Diretório de Políticas Editoriais das Revistas Científicas Brasileiras

Google AcadêmicoZhdK – Zürcher Hochschule der Künste

EZB – Elektronische Zeitschriftenbibliothek

TIB – Leibniz Information Centre for Science and Technology University Library WorldCat® (OCLC)

Apresentação

Micaela Coelho
Eliane Silveira
Estanislao Sofía

O lugar que a teorização de Ferdinand de Saussure ocupa no meio científico tem se reafirmado, dia após dia e ano após ano, contrariando as previsões daqueles que, há tempos, a colocam como matéria acabada. Desde a primeira publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, diferentes correntes linguísticas surgiram e se reinventaram e, mesmo assim, é difícil assinalar, hoje, alguma que deixe de estabelecer conexão direta ou indireta com as perspectivas saussurianas de língua – seja para a elas se filiar ou para delas se afastar.

Tal como a herança manuscrita com a qual o linguista suíço nos presenteou, suas ideias se apresentam, para nós, como uma mina de tesouros em processo de exploração, cujos caminhos – tão arduamente abertos – levam a territórios ainda mais preciosos. Com isso, é possível partir dos ensinamentos do próprio genebrino para propor discussões que coloquem em pauta uma questão que o próprio Saussure ascendeu e que ainda hoje gera debates fecundos: o que é e o que faz um(a) linguista?

Esse questionamento tem ultrapassado diversas fronteiras e rompido outras, dadas a necessidade e a relevância de sua compreensão. Partindo dessa questão, pode-se pensar, por exemplo, que a constituição e o fazer do linguista dependem necessariamente do objeto que ele analisa e da tarefa que executa. Nesse sentido, é possível propor uma discussão que coloque em pauta as possibilidades de aproximação e de diferenciação entre as noções saussurianas de matéria, tarefa e objeto da Linguística. É o que faz Allana Marques, no artigo *Da matéria ao objeto: a tarefa do linguista na visão saussuriana*, que abre este número 62 da *Fragmentum*.

Além de permitir reflexões sobre as extensões de noções abordadas no seio da própria reflexão de Saussure, o questionamento que orienta este número ultrapassa as fronteiras territoriais, se mantendo relevante e atual em diferentes países. Nesse cenário, a diferença idiomática não se coloca como um empecilho para a difusão e para recepção das ideias. Ao contrário, essa diferença abre caminhos para desbravar as problemáticas e os desdobramentos semântico-conceituais que circundam a tradução e as retraduições de uma teori(z)a(ção) em diferentes línguas. É por esse viés que Alena Ciulla e Valdir Flores abordam as ideias de Saussure, ao analisarem os *Aspectos linguísticos da tradução e da retradução do CLG no Brasil*.

Uma vez ultrapassadas as grandes fronteiras entre nações, observamos que a busca por compreender o que é um linguista e o que ele faz se mostra capaz de romper com as margens que se colocam até mesmo dentro de um único país. Mary da Luz e Tamiris Gonçalves evidenciam essa potência da teorização saussuriana, ao mostrarem a sua presença no contexto de formação de professores em uma região do estado de Santa Catarina, em seu texto *A linguística saussuriana em discursos sobre formação inicial de*

professores: projeções em ementários de cursos de letras do oeste de Santa Catarina. Nesse cenário, também é rompida a fronteira muitas vezes imposta entre diferentes correntes linguísticas, uma vez que as autoras demonstram a relevância de se pensar a língua e o fazer do profissional de Letras a partir de intersecções.

Por fim, a questão que circunda a constituição e o fazer do linguista também rompe a fronteira entre o passado e o presente, visto que se mantém, produtiva e incessantemente, na ordem do dia. É isso que objetivamos demonstrar, com as resenhas de trabalhos recém publicados sobre a teorização saussuriana. Para tanto, Anne-Gaëlle Toutain apresenta o livro *Le sentiment linguistique chez Saussure*, organizado por Gilles Siouffi e publicado em 2021.

Bruno Turra, por sua vez, se dedica a apresentar a tese de doutorado *As posições do sujeito falante na teorização de Ferdinand de Saussure*, defendida por Karen Silva em 2023. Em contrapartida, é o próprio Bruno Turra que tem dois de seus trabalhos apresentados: o primeiro deles é o seu livro *Ferdinand de Saussure e seu saber-fazer com a escrita. Ou do que se circunscreve de um enigma*, apresentado por Maria Fausta Pereira de Castro; o segundo é a sua tradução da obra *Saussure* de John Joseph, apresentado por Estanislao Sofía.

Por último, temos a tradução, em português, da conferência de abertura de Sylvain Auroux, que deveria ter sido ministrada no *XI Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, em Buenos Aires (Argentina), nos dias 19, 20 e 21 de abril de 2017. Como ele não pôde comparecer e gentilmente enviou o texto à comissão organizadora, o adicionamos a este número, para que seja compartilhado com nossos interlocutores.

Artigo original

Da matéria ao objeto: a tarefa do linguista na visão saussuriana

From matter to object: the linguist's task in Saussure's perspective

Allana Cristina Moreira Marques

Resumo: Tendo em vista a distinção observada por De Mauro (1967) entre matéria e objeto, no *Curso de Linguística Geral*, neste estudo investigamos o estatuto desses termos em fontes da edição póstuma: anotações de alunos de Ferdinand de Saussure e anotações de seu próprio punho. Nossa análise contribuiu para evidenciarmos a pertinência da tarefa do linguista na compreensão do que Saussure estabelece como matéria e objeto da Linguística. Isso porque, para além de ser intermediária entre a matéria e o objeto, a tarefa do linguista, na visão saussuriana, é a própria condição de existência do objeto nesta ciência.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; Matéria; Objeto; Tarefa.

Abstract: Considering the distinction observed by De Mauro (1967) between matter and object, in the *General Linguistics Course*, in this study we investigated the status of these terms in sources of the posthumous edition: notes by Ferdinand de Saussure's students and his handwritten notes. Our analysis contributed to highlight the pertinence of the linguist's task in understanding what Saussure establishes as the matter and object of Linguistics. This is because, in addition to being an intermediary between matter and the object, the task of the linguist, in the Saussurian view, is the very condition of existence of the object in Linguistics.

Keywords: Ferdinand de Saussure; Matter; Object; Task.

A matéria, a tarefa e o objeto: o vislumbre de uma tríade saussuriana

De maneira distinta do que comumente acontece com os pares conceituais saussurianos, poucas vezes os termos *matéria* e *objeto*, mobilizados por Ferdinand de Saussure em sua reflexão, foram tomados a partir das relações que, ao mesmo tempo, os unem e os distanciam. Na contramão disso, De Mauro (1967), organizador de uma das principais edições críticas do *Curso de Linguística Geral* (CLG), e exímio conhecedor da fortuna crítica saussuriana, evidencia relações conceituais importantes entre esses dois termos.

A proposta do linguista italiano é a de que Saussure instaura uma distinção entre o que é a matéria da Linguística, isto é, a totalidade de fatos heteróclitos que compõem o conjunto de manifestações da linguagem humana, e o objeto da Linguística propriamente dito, a língua. Desse modo entendido, o termo *matéria* estaria reservado à massa de fatos que precede a análise do linguista enquanto o termo *objetivo* estaria reservado ao produto já ordenado por sua análise.

O vislumbre de uma nova distinção na terminologia saussuriana estabelecida entre os termos *matéria* e *objeto*, segundo De Mauro (1967), primeiramente observada por Borgström em 1949, ganhou adeptos e críticos. É o que se verifica no estudo *Modélisation, langage et langue chez Saussure* assinado por Béatrice Turpin (1993[1967]) para quem a separação entre matéria e objeto é relativa àquela entre linguagem e língua, respectivamente. Por outro lado, a proposta interpretativa de De Mauro (1973), calcada no que propõe Borgström, recebeu críticas e indagações. É o que faz Vardar (1977), por exemplo, ao apontar hesitações na interpretação do elemento metalinguístico *objeto*.

Tendo em vista a acuidade da distinção destacada por De Mauro (1973[1967]) entre os termos saussurianos *matéria* e *objeto*, mas, ao mesmo tempo, as críticas e as indagações que essa separação suscitou, questionamo-nos como essa diferenciação se comporta quando consideradas as fontes que deram origem à edição de 1916. É possível vislumbrar essa separação terminológica já nas aulas ministradas em Genebra, fontes da reflexão sobre a matéria e a tarefa da Linguística, ou mesmo em anotações manuscritas de Saussure que serviram de fonte para elaboração do conhecido capítulo a respeito do objeto da Linguística?

Movidos por tal questionamento, apresentamos este estudo que teve por objetivo investigar o estatuto das noções de *matéria* e de *objetivo* em anotações de alunos de Ferdinand de Saussure e anotações autógrafas do mestre genebrino. Embora primeiramente direcionados por esse par, nosso estudo evidenciou a necessidade de se levar em conta também, na compreensão da matéria e do objeto em Linguística, um terceiro elemento: a tarefa do linguista.

É preciso considerar que apesar da pertinência das questões relativas à matéria e à tarefa da Linguística, a discussão teórica a respeito do objeto da Linguística ganhou os palcos na história da recepção do CLG. Por poucas vezes a matéria e a tarefa da Linguística, pontualmente abordadas no início da edição, provocaram calorosas discussões quando comparadas à gama de estudos concernentes ao objeto. Nesse estudo, procuramos demonstrar a indissociabilidade entre o que chamamos de tríade saussuriana: a matéria, o objeto da Linguística e a tarefa do linguista.

Guiados por esse interesse, propomos, neste artigo, uma retomada da reflexão de De Mauro (1973[1967]), avaliando suas adesões e críticas, uma leitura dos capítulos do CLG “Matéria e tarefa da Linguística; suas relações com as ciências conexas” e “Objeto da Linguística” em cotejo com materiais que serviram de fonte para a empreitada editorial de Bally e Sechehaye, são eles: anotações de cadernos dos alunos, relativas à elaboração sobre a matéria e a tarefa da Linguística, e anotações manuscritas de Saussure, relativas ao objeto da Linguística.

Matéria versus objeto: a interpretação de De Mauro (1973[1967]), suas adesões e suas críticas

A distinção destacada por De Mauro (1973[1967]) entre matéria e objeto é apresentada na nota 40, do conjunto de notas que compõem a edição crítica do CLG organizada pelo linguista italiano¹. Trata-se da segunda nota do capítulo “Matéria e tarefa da Linguística sua relação com as ciências conexas”. Essa nota, que acompanha o primeiro parágrafo do capítulo, coloca em evidência, a partir de um asterisco, o termo *matéria*. De Mauro explicita que, para Saussure, a matéria “é o conjunto de todos os fatos que, ao

¹ Agradecemos à Professora Doutora Eliane Silveira, que, em uma de suas aulas, no quando da Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia, apresentou-nos essa diferenciação feita por De Mauro, ponto de partida desta nossa reflexão.

nível da linguagem corrente, podem ser considerados como ‘linguísticos’”. Tal interpretação está calcada na afirmação de Saussure segundo a qual “a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 37).

De Mauro (1973[1967]) adverte, no entanto, que, como propõe Saussure, esse conjunto de fatos resulta em uma massa heteróclita, suscetível de ser estudada por múltiplas disciplinas, com as quais a Linguística se relaciona, uma vez que seu objeto, na proposta do genebrino, é a língua. A respeito do termo *objeto*, por sua vez, o linguista italiano esclarece:

Esse último termo é utilizado por Saussure no sentido de “finalidade de uma atividade”, em outras palavras, no sentido escolástico para o qual o *objectum* é, como *τελος* aristotélico, o termo de uma operação e, no caso de *objectum* de uma ciência, é a matéria do saber como ela é apreendida e conhecida (...) (DE MAURO, 1973[1967], p. 415).

A partir do trecho em destaque, bem se vê, De Mauro chama a atenção para o fato de que o termo *objeto*, na visão saussuriana, possui o sentido de finalidade de uma atividade, de termo de uma operação, ainda, de matéria do saber. Para sustentar seu argumento, De Mauro (1973[1967]) se vale do que é explicitado por Dewey em sua *Logic*:

A palavra *objeto* será reservada à matéria tratada na medida em que ela foi produzida e ordenada de forma sistemática no curso da pesquisa; os objetos são, portanto, os *objetivos* da pesquisa. A ambiguidade que poderá encontrar na utilização do termo “objeto” nesse sentido (uma vez que a regra é que essa palavra se aplica às coisas observadas e pensadas) é apenas aparente. De fato, as coisas existem para nós *como* objeto apenas na medida em que foram anteriormente determinadas como resultados de pesquisa. (DEWEY apud DE MAURO, 1973[1967], p. 415).

Tal como fora definido por Dewey, então, o objeto de um estudo é um produto ordenado no curso de uma pesquisa, isto é, constitui a matéria já tratada. Para o editor crítico, essa mesma distinção é a que Saussure procura estabelecer ao separar a reflexão em torno da matéria e da tarefa da Linguística de seu verdadeiro objeto. Assim, no capítulo “Matéria e tarefa da Linguística: suas relações com as ciências conexas”, Saussure se reserva a apresentar como matéria da Linguística todas as manifestações da linguagem humana, as quais são, portanto, anteriores à análise do linguista. No capítulo “Objeto da Linguística”, por outro lado, Saussure trata do objeto da Linguística enquanto tal, portanto, enquanto um novo estágio da matéria, que resulta da operação do linguista.

Uma vez mais, em sua nota de número 176, De Mauro (1973[1967]), ao tratar do par diacronia e sincronia, reforça a distinção entre matéria e objeto no pensamento saussuriano. Segundo o estudioso:

A atitude fundamental de Saussure é que a oposição entre sincronia e diacronia é uma oposição de ‘ponto de vista’; ela tem um caráter metodológico, concerne à pesquisa e seu *objeto* (no sentido esclarecido no C.L.G 20, n. 40) e não ao conjunto de coisas das quais se ocupa o pesquisador, sua *matéria*”. (DE MAURO, 1973[1967], 453).

Em primeiro lugar, é preciso destacar o fato de que, para De Mauro, a distinção saussuriana entre a sincronia e a diacronia coloca em causa o ponto de vista da análise. Trata-se, portanto, de uma distinção de cunho metodológico, uma vez que estabelece os pontos de vista possíveis de serem adotados pelo pesquisador que se coloca frente aos fatos linguísticos. De posse desse entendimento, De Mauro procura evidenciar que a famosa distinção saussuriana entre sincronia e diacronia concerne, então, ao objeto de pesquisa do linguista, e não à matéria. A partir do excerto em destaque, bem se vê, então, que a matéria aparece como “conjunto de coisas” das quais o pesquisador também se ocupa, no entanto, de maneira distinta de seu objeto de pesquisa, possível de ser analisado pelo ponto de vista sincrônico ou pelo ponto de vista diacrônico.

Com base na dualidade destacada pelo editor crítico entre matéria e objeto, no estudo *Modélisation, langage et langue chez Saussure*, Béatrice Turpin (1993) argumenta que, para Saussure, o objeto é um construto teórico do ponto de vista. Tal compreensão, segundo ela, é possível quando se tem em conta a distinção entre língua e linguagem. Assim, a língua enquanto objeto é o resultado de uma abstração, isto é, o produto analítico de um ponto de vista, o do linguista; a linguagem, por sua vez, é a matéria antes de qualquer análise. Desse modo, para a autora, se a língua é o objeto saussuriano, a linguagem constitui a matéria de sua Linguística.

Em sua apresentação da edição crítica de Tullio De Mauro nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Baumer (1968) também coloca em evidência a separação do italiano entre matéria e objeto. Para Baumer (1968, p. 88), é preciso admitir que essa não é uma separação muito clara e que De Mauro, no intuito de esclarecer uma distinção, acabou por torná-la mais obscura. O autor lembra que se trata de dois termos da tradição filosófica e se questiona: é possível afirmar que na compreensão de De Mauro *objectum materiale* é aquele do qual várias disciplinas podem-se ocupar e *objectum formale* aquele que distingue a Linguística de outras disciplinas?

Em caso afirmativo, para o autor é possível que se aceite a distinção de De Mauro. Nesse sentido, o *objeto material* estaria para a *matéria* e o *objeto formal* para o *objeto*. No entanto, algumas questões persistem para o estudioso: “Dada a incerteza terminológica de Saussure, não seria possível que ele tivesse usado esses dois termos sem querer distingui-los rigorosamente?” (BAUMER, 1968, p. 89) Ainda: “É verdade que nos encontramos aqui em plena epistemologia, e que poderíamos extrapolar para o infinito as linhas esboçadas por Saussure; mas ele mesmo previu? Matéria e objeto não são dois termos provisórios?” (BAUMER, 1968, p. 89). Frente a esse dilema, Baumer (1968) opta, então, por renunciar, tal qual em sua opinião é feito por Engler (1968) em seu *Lexique de la terminologie saussurienne*, uma opinião sobre essas duas noções, matéria e objeto.

De maneira ainda mais incisiva a interpretação de De Mauro (1973[1967]) é criticada por Vardar (1977), para quem a definição de objeto enquanto o *télos* aristotélico ou o *objectum* escolástico – desse modo entendido como finalidade de uma atividade – não se sustenta ao se considerar os diferentes sentidos que esse termo adquire ao longo do CLG. Tanto o é que, como afirma Vardar (1977, p. 270), “De Mauro se vê obrigado a constatar que ‘objeto tem em várias passagens o sentido habitual de coisa’”. Portanto, para Vardar, há um equívoco por parte de De Mauro que não se prestou a verificar se a solução adotada era pertinente a todas as ocorrências do termo objeto no CLG, o que leva à necessidade de se

tomar o termo *objeto* em seu sentido menos revolucionário do que o proposto por De Mauro.

Para Vardar, o equívoco de De Mauro ainda está em fazer abstração de um termo importante para a interpretação do pensamento de Saussure, o de tarefa: “outro elemento metalinguístico que deve ser apreendido pelas relações que estabelece com os outros dois” (VARDAR, 1977, p. 271). Como ressalta o autor, o capítulo “Matéria e tarefa da Linguística; suas relações com as ciências conexas” se propõe a duas subdivisões: a da matéria e a da tarefa da Linguística. É, pois, a seu ver, no termo *tarefa* que se encontram implicados o sentido de *télos* e *objectum*, atribuído equivocadamente por De Mauro ao termo *objeto*, uma vez que *tarefa* denota finalidade ou objetivo da atividade Linguística.

De nossa parte, concordamos com a necessidade defendida por Vardar (1977) de se considerar também o termo tarefa na compreensão do que Saussure estabelece como objeto e matéria da Linguística. No entanto, o que procuraremos ressaltar em análise aos cadernos dos alunos e às fontes manuscritas é que, para Saussure, tarefa e objeto se constituem mutuamente. Nesse sentido, parece-nos insuficiente, tendo em conta a reflexão saussuriana, definir apenas tarefa como a finalidade de uma atividade, uma vez que a tarefa do linguista é indissociável de seu objeto, por ele mesmo criado.

Ainda, a respeito da crítica apresentada por Vardar (1977) à análise de De Mauro (1973[1967]) e promovendo uma articulação com o que é destacado por Baumer (1968), observamos que, uma leitura do trabalho de Engler, que levanta o léxico terminológico saussuriano, mostra-nos, de fato, que a distinção entre matéria e objeto não se apresentou como relevante no glossário saussuriano elaborado pelo também editor crítico do CLG.

Uma evidência de que tal separação passou despercebida aos olhos de Engler é o fato de que o termo *matéria* não aparece em seu glossário e não há qualquer menção a ele na definição do termo *objeto*. Por outro lado, é importante evidenciarmos o estabelecimento de “coisa” como termo saussuriano, definido como o objeto da Linguística criado pelo ponto de vista, discussão que desenvolveremos adiante em análise às fontes manuscritas. Assim, embora Vardar (1977) teça crítica ao fato de que De Mauro se viu obrigado a reconhecer que o termo *objeto* no CLG comumente se refere à coisa, é preciso considerar que Saussure, no fluxo de elaboração de sua teoria, recorre a esse termo para nomear seu objeto até então inominado.

Depois de visitada a interpretação de De Mauro (1973[1967]) a respeito da distinção entre matéria e objeto na terminologia saussuriana e conhecidas adesões e recusas a ela, passemos à leitura de documentos saussurianos que nos ajudarão a argumentar em favor de uma tríade saussuriana que reúne a matéria, a tarefa e o objeto, que se sustenta não apenas pelo fato de aparecerem juntos na discussão apresentada no CLG, como destaca Vardar (1977), mas, sobretudo, pela própria natureza do objeto delineado por Saussure que tem em seu cerne a prática ou a tarefa do linguista.

Matéria, tarefa e objeto na edição do *Curso de Linguística Geral*

A matéria da Linguística é definida, no segundo capítulo da introdução do CLG, como sendo “constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 37). Ao se considerar que se trata, então, de todas elas, Saussure esclarece que na matéria da Linguística

estão inclusas manifestações de povos selvagens, de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou mesmo em decadência. Além do mais, estão inseridas nesse domínio não só manifestações consideradas como a linguagem correta ou a bela linguagem, “mas todas as formas de expressão” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 37). A tudo isso se junta ainda o fato de que “como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 37).

Das reflexões introduzidas no primeiro parágrafo do capítulo que acabamos de apresentar, chamamos a atenção para o estilo de escrita adotado na formulação desse conteúdo. Se por um lado, já é certo que a matéria da Linguística é constituída por todas as manifestações da linguagem humana, por outro, o trabalho que o linguista desenvolve com o texto se apresenta ainda em modo prospectivo, ele deverá levar em conta os textos escritos. Da mesma maneira, a tarefa da Linguística é apresentada. Ela será:

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas mães de cada família;
- b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 37).

Detenhamo-nos, ainda que brevemente, sobre as tarefas da Linguística elencadas por Saussure. No que tange à primeira delas, um leitor atento do capítulo precedente, “Visão geral sobre a história da Linguística”, pode ser levado a crer que está frente a uma inconsistência de pensamento. Isso porque no primeiro capítulo do CLG –que para além de apenas histórico é também crítico –Saussure tece forte ressalvas aos estudos comparatistas, dentre as quais está a concepção da língua enquanto organismo ou como um quarto reino da Natureza o que, certamente, inviabiliza a noção de língua mãe, comum aos estudos comparatistas.

A segunda tarefa da Linguística, segundo Saussure, está atrelada aos aspectos gerais que podem ser apreendidos a partir da comparação das línguas. Para nós, tal tarefa se mostra condizente com o próprio exercício teórico de Saussure que, como sabemos, de maneira original, propôs a noção de sistema para caracterizar aquilo que é, num âmbito universal, comum às línguas particulares.

Por fim, a terceira tarefa, uma vez mais, reflete uma necessidade percebida e perseguida por Saussure. Ela o levará a repensar o campo de estudos da linguagem – seja concebendo para a Linguística um objeto próprio, seja propondo uma metodologia condizente com tal objeto –possibilitando, anos mais tarde, uma guinada sem volta na história dos estudos linguísticos.

Ainda nesse capítulo, Saussure procura estabelecer as relações entre a Linguística e as ciências conexas. No entanto, o que mais nos chama a atenção é a maneira como este curto capítulo é concluído, a partir do questionamento sobre a utilidade da Linguística. Assim, num exercício assaz epistemológico Saussure se presta a justificar a existência dessa nova ciência. Para que serve a Linguística?

Qual é, enfim, a utilidade da Linguística? Bem poucas pessoas têm a respeito ideias claras: não cabe fixá-las aqui. Mas é evidente, por exemplo, que as questões Linguísticas interessam a todos – historiadores, filólogos etc. – que tenham de manejar textos. Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas – consequência paradoxal do interesse que suscita – não há domínio em que tenha germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros são desprezíveis; a tarefa do linguista, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 38).

Desse longo excerto, chamamos a atenção para a tarefa do linguista nele delimitada. Nessa ocasião, ela está em denunciar e dissipar tão quanto possível os erros, ideias absurdas, preconceitos, miragens e ficções tão comuns a esse domínio do saber.

O terceiro capítulo da introdução é o “Objeto da Linguística”. Dividido em três pequenas partes – “A língua: sua definição”, “Lugar da língua nos fatos da linguagem” e “Lugar da língua nos fatos da semiologia” –, esse capítulo é o responsável por apresentar, na edição de Bally e Sechehaye, a língua enquanto objeto da Linguística. O ponto de partida é a problemática em torno do objeto: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?”

O impasse da Linguística, esclarecem as páginas da edição, está no fato de que diferentemente de “outras ciências que trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 39), na Linguística, “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 39).

A justificativa para essa conclusão surpreendente está no fato de que nenhum objeto é dado naturalmente ao linguista. Ao contrário, é criado por seu próprio ponto de vista. Além do mais, a natureza do fenômeno linguístico é sempre dual – acústico, vocal; individual, social; sistema, evolução – o que requer que o linguista sempre aborde o objeto por este ou por aquele lado. Assim, tendo em vista a particularidade do objeto da Linguística, Saussure chega à conclusão de que

(...)qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 40)

É nesse sentido, então, que Saussure propõe que tomemos a língua – conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade [da linguagem] nos indivíduos; (op. cit. p. 41); “objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem” (op. cit. p. 46); “objeto que se pode estudar separadamente” (op. cit. p. 46); “objeto de natureza concreta” (op.

cit. p. 46) – enquanto norma das manifestações da linguagem.

Depois de abordados, ainda que brevemente, os principais pontos dos capítulos “Matéria e tarefa da Linguística sua relação com as ciências conexas” e “Objeto da Linguística”, passemos, então, à leitura das anotações dos alunos afim de observarmos o estatuto dos termos *matéria*, *tarefa* e *objeto*.

Matéria, tarefa e objeto nas anotações dos alunos

Em sua edição crítica do *Curso de Linguística Geral*, Rudolf Engler (1989[1968]) apresenta como possíveis fontes utilizadas por Bally e Sechehaye, na elaboração do capítulo “Matéria e tarefa da Linguística; sua relação com as ciências conexas”, i) anotações de Riedlinger e Caille do primeiro curso ministrado por Saussure em Genebra – correspondentes apenas ao título do capítulo; e ii) anotações de Dégallier, Mme Sechehaye e Joseph do terceiro curso. Com vistas ao objetivo deste trabalho acompanhamos as anotações do último curso de Saussure relativas à questão da matéria, da tarefa e do objeto da Linguística, por nós agrupadas no quadro abaixo.

Quadro I: SAUSSURE, F. de. Cours de linguistique générale. Tome 1, édition critique de R. Engler, Wiesbaden, Otto, Harrassowitz, 1968

<p>D3</p> <p>¹⁰³ Darmesteter e Hatzfeld dão <esta definição> para <i>linguística</i>: estudo científico das línguas.</p> <p>1º O que este estudo tem por <i>matéria</i>?</p> <p>¹⁰⁴ a) qualquer manifestação de linguagem humana, civilizada ou obscura ou grosseira; não preferir um período de uma língua mais do que outro. Estuda também os períodos arcaicos e decadentes. No mesmo período, levará em conta todas espécies de formas.</p> <p>¹⁰⁵ b) se ocupará continuamente com da língua escrita, dos textos, mas nunca se esquecerá de fazer uma distinção radical entre este texto e o que ele abrange.</p> <p>¹⁰⁶ 2º - Objeto, tarefa deste estudo:</p>	<p>S1.2</p> <p>¹⁰² Matéria e objeto são:</p> <p>¹⁰³ A) A matéria da lingüística</p> <p>¹⁰⁴ estudará todas as línguas e todos os períodos, e não somente clássicos brilhantes, nem formas de bela linguagem, etc.</p> <p>¹⁰⁵ B) Em segundo lugar, se ocupa da língua na forma escrita, pois só conhecemos os idiomas passados por ela, mas ela liberta a língua que queríamos representar sem a confundir com a cobertura escrita (os signos gráficos são muito consideráveis).</p> <p>¹⁰⁶ O <i>objeto</i> ou tarefa será:</p> <p>¹⁰⁷ a história de todas as línguas (o que inclui naturalmente o estudo das línguas maternas).</p>	<p>J2</p> <p>¹⁰³ A linguística, ao contrário, como a concebemos agora, é um estudo <i>científico</i> das línguas.</p> <p>¹⁰⁴ Deverá levar em conta qualquer manifestação de linguagem,</p> <p>¹⁰⁵ oralmente e por escrito.</p> <p>¹⁰⁶ Aqui está o seu objeto:</p> <p>¹⁰⁷ 1º a história das línguas conhecidas, a história das famílias linguísticas;</p> <p>¹⁰⁸ 2º extrair desta história as leis mais gerais;</p> <p>¹⁰⁹ É, portanto, uma tarefa da lingüística definir a si mesma.</p>
---	--	---

Quadro I: SAUSSURE, F. de. Cours de linguistique générale. Tome 1, édition critique de R. Engler, Wiesbaden, Otto, Harrassowitz, 1968

<p>¹⁰⁷ a) fazer história, tanto quanto possível, de todos os tipos de línguas. Chegaremos rapidamente à história das famílias de línguas.</p> <p>b) É preciso fazer emergir dessa história de todas as línguas leis gerais; encontrar <as> forças em jogo em todas <as> línguas, separar os fenômenos gerais dos fenômenos particulares.</p> <p>¹⁰⁸ c) tarefas mais especiais:</p> <p>¹⁰⁹ Uma das tarefas especiais da lingüística é definir-se (portanto, suas relações com a psicologia).</p>	<p>⁰⁸ B) Em segundo lugar, buscar as forças em jogo de forma uma maneira permanente e universal em todas as línguas; deprender as leis às quais podemos reduzir os fenômenos mencionados.</p>	
--	---	--

Fonte: Saussure (1968)

Das anotações dos alunos, correspondentes aos primeiros parágrafos do segundo capítulo da Introdução do CLG, destacamos um aspecto que se faz presente nas anotações de Dégallier e que, no entanto, se ausenta das anotações de Mme Secheyaye e ganha forma distinta nas anotações de Joseph: a referência à definição de *linguistique* apresentada por Darmesteter e Hatzfeld, também por Thomás, no “*Dictionnaire Général de la Langue Française: du commencement du XVII siècle jusqu’à nos jours*”. Tal definição também não aparece na edição do CLG. Detenhamo-nos um pouco, então, na definição apresentada por esse dicionário e que, ao que indicam as anotações de Dégallier, serviu de ponto de partida para o mestre genebrino.

Figura 1: Hatzfeld, A. *Dictionnaire Général de la Langue Française: du commencement du XVII siècle jusqu’à nos jours*. Paris: Libraire Ch. Delagrave, s/d.

<p>LINGUISTE [lin-guist'] <i>s. m. et f.</i> [ÉTYM. Dérivé de <i>lingua</i>, <i>langue</i>, § 265. XVII^e s. CHAPELAIN, <i>Lett.</i> dans DELB. <i>Rec.</i> Admis ACAD. 1835.] (T. didact.) Celui, celle qui s'adonne à l'étude scientifique des langues.</p> <p>LINGUISTIQUE [lin-guís'-tik'] <i>adj.</i> [ÉTYM. Dérivé de <i>linguiste</i>, § 229. <i>Néolog.</i> Admis ACAD. 1835.] (T. didact.) Relatif à l'étude scientifique des langues. <i>Substantivul, au fém.</i> La —, la science du linguiste.</p>	<p>pour lions, P. p nagé objet navir le — —, u mode 2 Mars</p>
--	---

No que se refere a este campo semântico, o dicionário francês apresenta definições para dois vocábulos: o primeiro, *linguiste*: etimologicamente derivado de *língua*, diz daquele que se dedica ao

estudo científico das línguas; o segundo, *linguistique*: etimologicamente derivado de *linguiste*, é relativo ao estudo científico das línguas; é a ciência do linguista.

Para introduzir sua reflexão, Saussure se vale, bem se vê, da definição de Linguística dada pelo dicionário enquanto estudo científico da língua. Nas anotações de Joseph, “A Linguística ao contrário, como a conhecemos agora, é um estudo *científico* das línguas”. Tal definição, não há dúvidas, se mostra insuficiente na explicação de numerosos aspectos dessa ciência do linguista. É o que problematiza Saussure, e o que se pode acompanhar, sobretudo, nas anotações de Dégallier, ao propor duas importantes questões. A primeira: qual é a matéria desse estudo científico das línguas? A segunda, deduz-se da forma abreviada escrita pelo aluno, qual é o objeto, a tarefa desse estudo?

Nas anotações de Dégallier e de Joseph, a matéria da Linguística é definida, tal qual o é na edição do CLG, enquanto “toda manifestação da linguagem humana”. Nas de Mme Secheyaye, por seu turno, enquanto o estudo “de todas as línguas e todos os períodos”. Além do mais, como ressaltam os três alunos, em consonância com o CLG, caberá à Linguística se ocupar também da língua escrita. Nas palavras de Joseph, a Linguística deve ter em conta todas as manifestações da linguagem humana, sejam elas orais, sejam elas escritas.

A questão do objeto é o segundo ponto tratado por Saussure. Chamamos a atenção para o modo como esse termo aparece, respectivamente, nas anotações de Dégallier e de Mme Secheyaye: “¹⁰⁶2º - Objet, tâche de cette étude:” e “¹⁰⁶ L’objet ou tâche sera:”. Bem se vê, na primeira anotação, o termo *objeto* é ser seguido de vírgula e acompanhado do termo *tarefa*, estabelecendo uma possível relação de sinonímia. Tal relação se confirma na anotação de Mme Secheyaye em que o termo objeto é seguido da conjunção alternativa “ou”. Com base nisso, questionamo-nos se, para Saussure, nesta ocasião, o termo *objeto* possui sentido aproximado de *tarefa*.

Avaliemos as respostas que Saussure mesmo propõe para suas questões epistemológicas e que podem auxiliar-nos nessa indagação. Para ele, o objeto ou tarefa da Linguística a) fazer a história das todas as línguas conhecidas e, conseqüentemente, a história de suas famílias; b) retirar dessa história as leis mais gerais; e c), nas palavras de Dégallier, uma das tarefas mais especiais, definir-se a si mesma. Tendo em vista os itens elencados pelo linguista genebrino, parece-nos que o que ele chama de objeto (ou tarefa), neste contexto de reflexão, está, de fato, para as tarefas da ciência Linguística, e não para o objeto de estudo dessa ciência propriamente dito.

Dessa maneira, considerando a distinção proposta por De Mauro (1973[1967]) entre matéria e objeto, é possível, neste ponto de nossa análise, evidenciar que nas anotações dos alunos os termos *matéria* e *objeto* parecem se diferir, e que Saussure organiza sua fala tendo em vista esses dois aspectos distintos. É o que se evidencia nas anotações de Dégallier e Mme Secheyaye, em que fica claro que Saussure se propõe a tratar de dois aspectos da ciência Linguística: de sua matéria e de seu objeto.

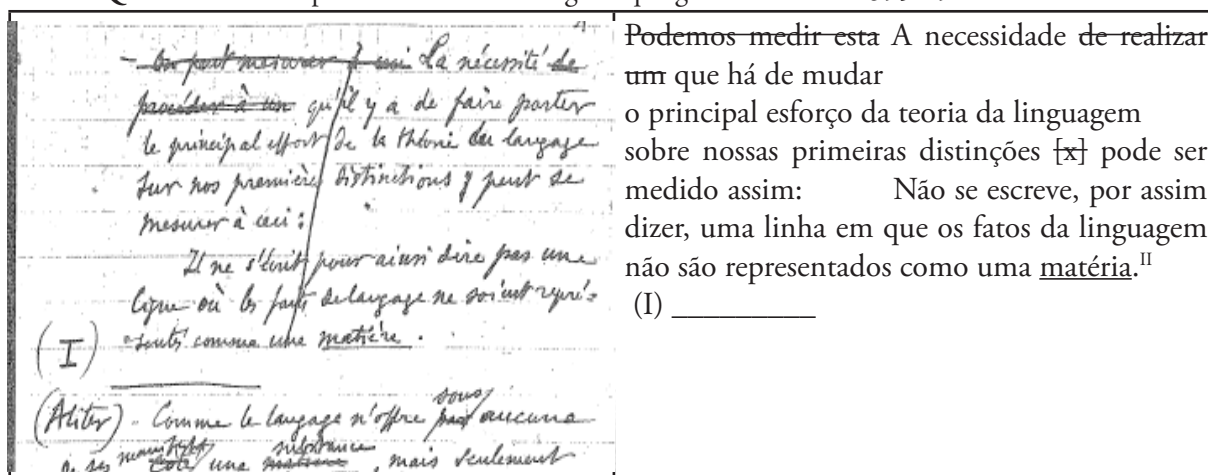
Apesar disso, evidenciamos que, nesta ocasião de reflexão, o termo *objeto* aparece nas anotações de dois alunos acompanhado do termo *tarefa*, sugerindo uma aproximação entre eles. Além disso, os itens que esclarecem esse objeto/tarefa da Linguística parecem se aproximar da definição estabelecida por De Mauro (1973[1967]) enquanto “finalidade de uma atividade”, já que estabelecem prospectivamente as tarefas do linguista ou da Linguística. Nesse contexto, parece que ainda estamos distantes da definição da

língua enquanto o objeto primeiro da ciência Linguística. Apesar do posicionamento radical de Vardar (1977), é preciso destacar que o termo *tarefa*, escolhido pelos editores para as passagens do CLG, se aproxima do que De Mauro propõe como “finalidade de uma atividade”.

Matéria, tarefa e objeto nas *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f*.

Dentre os documentos que foram utilizados na elaboração do capítulo “Objeto da Linguística” está o manuscrito saussuriano *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f*. Doado à Biblioteca de Genebra em 1955, catalogado por Robert Godel e arquivado no conjunto de manuscrito Mr. fr. 3951, tal documento foi utilizado, sobretudo, para elaboração de três importantes reflexões da edição de 1916: i) a imaterialidade do fenômeno linguístico; ii) o fato de que, em Linguística, o ponto de vista cria o objeto e; iii) a conclusão de que a língua é forma e não substância. Passemos a examinar, então, de que maneira as reflexões a respeito da matéria, da tarefa e do objeto aparecem nesse documento.

Quadro II: Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. 1. Excerto 1.



Fonte: Saussure (1981?)

Já na primeira página da organização de Godel (ANO) dada ao documento, como se pode verificar no excerto acima, Saussure argumenta a respeito do principal *esforço*, a nosso ver, passível de ser entendido também como *tarefa*, da teoria da linguagem: estabelecer suas distinções primeiras. A razão desse esforço é logo esclarecida: não pode escrever uma linha em teoria da linguagem em que os fatos da linguagem não são representados enquanto uma matéria, termo sublinhado por Saussure. Bem se vê, que Saussure descarta essa primeira reflexão com uma rasura diagonal, que, no entanto, não descarta completamente o que fora escrito.

Com um traço, anunciando uma nova divisão, Saussure recomeça sua reflexão.

Quadro III: Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. 1. Excerto 2.

^{II} Tradução nossa de: ~~On peut mesurer à ceci La nécessité de procéder à un qu'il y a de faire porter le principal effort de la théorie du langage sur nos première distinctions [x] peut se mesurer à ceci : Il ne s'écrit pour ainsi dire pas une ligne où les faits de langage ne soient représentés comme une matière.~~

	<p>(Caso contrário) - Como a linguagem não oferece ^{suas} nenhuma ^{de suas manifestações} lado uma ^{substância} matéria, mas apenas ^{ações combinadas ou isoladas} ações combinadas de forças psicológicas, físicas, mentais; - e como, não obstante, todas as nossas distinções, toda nossa terminologia, todas as nossas maneiras de falar adotam a ideia da linguagem material moldadas sobre a ^{essa} suposição mais ou menos involuntária^[x] de uma matéria ^{substância}, não se pode inevitável deixar de reconhecer, antes de tudo, que a teoria da linguagem terá, como tarefa principal, que esclarecer quais são nossas primeiras distinções. É impossível, para nós, aceitar um valor que se tem o direito de construir todas uma teoria abstendo-se desse trabalho de definição, embora essa maneira cômoda [x] pareça satisfazer, até agora, < _{o presente público linguístico} >^{III}.</p>
--	--

Fonte: Saussure (1981?)

Ele parte, então, do fato de que a linguagem não oferece em nenhuma de suas manifestações uma matéria. Com uma rasura, o linguista elimina o termo matéria e, com um inciso, o substitui por *substância*. Em primeiro lugar, como se vê, a linguagem é entendida a partir de suas manifestações, tal qual o é na edição do CLG. No entanto, o ponto destacado por Saussure é que em nenhuma das manifestações da linguagem há matéria, ou melhor, substância. Elas são constituídas por ações combinadas, ou isoladas como acrescenta o inciso, de forças psicológicas, físicas e mentais. Por outro lado, o linguista denuncia que toda a terminologia da teoria da linguagem, todas as suas maneiras de falar “adotam a ideia da linguagem material”, ou melhor dizendo, são moldadas na suposição de uma matéria, termo que novamente ele rasura e substitui por substância. Nesse momento, o linguista genebrino dá vistas a principal das tarefas da teoria da linguagem: esclarecer quais são suas distinções primeiras. Isso porque, para ele, é impossível que uma teoria se abstenha desse trabalho de definição, mesmo que, até agora, é o que tem sido feito pelos linguistas.

Considerando os termos *matéria* e *tarefa* que aparecem nesse excerto, vemos, então, que a matéria está atrelada ao que Saussure entende por substância. Além do mais, nesta ocasião, o linguista parece

III Aliter) - Comme le langage n'offre pas^{sous} aucune ^{de ses manifestation} côté une ^{substance} matière, mais seulement des actions combinées ou isolées de forces physiologiques, psychiques, mentales; - et comme néanmoins toutes nos distinctions, toute notre terminologie, toutes nos façon de parler sons adoptées à l'idée du langage matière moulées sur la^{cette} supposition plus ou moins^[x] involontaire^[x] d'une ^{substance} matière, on ne peut inévitablement se refuser, avant tout, à recon- -nâitre que la théorie du langage aura pour plus essentielle tâche de démêler ce qu'il en est de nos distinctions premieres. Il nous est impossible d'accorder une valeur qu'on ait le droit d'élever toutes une théorie en se passant de ce travail de définition, quoique cette manière commode [x] ait paru satisfaire jusqu'à []

insatisfeito com o uso do termo matéria, substituindo-o, recorrentemente, por outro, substância. A nosso ver, então, embora Saussure trate das manifestações da linguagem sua argumentação está direcionada para esclarecer que não há nelas substância e não em defini-las como a matéria da ciência Linguística. Quanto à tarefa, é preciso observar que Saussure se mostra amplamente insatisfeito com a terminologia da teoria Linguística, tendo em vista que pressupõe a existência de substância nas manifestações da linguagem. Desse modo, ele estabelece que é tarefa da Linguística delimitar suas distinções primeiras. Assim, tendo em vista as tarefas da Linguística apresentadas no CLG, à de delimitar-se e definir-se a si mesmas, acrescentaríamos, conforme o que postula Saussure, a de estabelecer suas distinções primeiras, isto é, definir sua própria terminologia.

Quadro IV – Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. 7.

<p><i>Le lien qu'on établit entre les choses</i> à mesure qu'Plus on approfondit la matière ^{proposée} de l'étude linguistique, plus on se convainc ^{de} cette vérité, qui donne ^{à réfléchir} à réfléchir: que le lien qu'on établit entre les choses préexiste <u>aux choses elles-mêmes</u>, et sert à les déterminer.</p> <p>Ailleurs il y a des choses, ^{qu'on considère} et l'on est libre de considérer ^{à différents points de vue} à différents points de vue. Ici il y a d'abord des points de vue, justes ou faux, à l'aide desquels on ^{crée} <u>des choses</u>. Ces créations se trouvant correspondre à des réalités, quand le point de départ est juste, ou n'y pas correspondre dans le cas contraire; mais dans les deux cas aucune chose n'est donnée <u>avant une critique</u> ^{qui pas la critique des points de vue}.</p> <p><i>T.S.V.P.</i></p>	<p>A ligação que estabelecemos entre as coisas</p> <p>À medida que mais aprofundamos a a matéria ^{proposta ao} estudo linguístico, mais convencemo-nos ^[X] dessa verdade que leva, ^{seria inútil dissimular} muito singularmente a reflexão: que a ligação que estabelecemos entre as coisas preexiste ^{nesse domínio} às próprias coisas, e serve para determiná-las.</p> <p>Em outros lugares, há as <u>coisas</u> ^{os objetos dados} que considera[] é livre de se considerar em seguida de diferentes pontos de vista. Aqui há de início os pontos de vista, justos ou falsos, ^{mas unicamente pontos de vista} com a ajuda dos quais CRIAMOS ^{secundariamente} as coisas. Essas criações correspondem a realidades quanto o ponto de partida é justo, ou não correspondem, em caso contrário: mas nos dois casos nenhuma coisa, nenhum objeto é dado antes de uma crítica] a não ser pela crítica dos pontos de vista</p> <p style="text-align: center;">IV um só instante em si</p>
---	---

Fonte: Autor Saussure (1981?)

Neste outro excerto em destaque, Saussure, mais uma vez, faz menção à matéria, desta vez, porém, não no sentido de substância, como antes por ele recolocado. Aqui sua referência é a matéria de

IV Tradução nossa de: Le lien qu'on établit entre les choses À mesure qu' Plus on approfondit la La matière ^{proposée à} de l'étude linguistique, plus on se convainc ^[X] de cette vérité, qui donne ^{il serait inutile de le dissimuler} **beaucoup** ^{singulièrement} à réflexion: que le lien qu'on établit entre les choses préexiste ^{dans ce domaine} aux choses elles mêmes, et sert à les déterminer. Ailleurs il y a des choses ^{des objets donés} quel'on **considère** est libre de considérer en suite à différents points de vue. Ici il y a d'abord des points de vue, justes ou faux, ^{mais uniquement des points de vue}, à l'aide desquels on **CRÉE** ^{secundairement} des choses. Ces créations se trouvant correspondre à des réalités quand le point de départ est juste, ou n'y pas correspondre dans le cas contraire : mais dans les deux cas aucune chose n'est donnée aucun objet n'est donné **avant une criti**[] ^{un seul instant en soi} que pas la critique des point de vue

estudo linguístico ou, como ele uma vez mais reformula, a matéria proposta ao estudo linguístico. De nossa parte, acreditamos que nessa ocasião o sentido de tal termo se aproxima daquele observado por De Mauro (1973[1967]). Isso porque Saussure parece sugerir um exercício de frente à matéria do estudo linguístico, um aprofundamento, uma análise que nos colocará frente às coisas, evidenciando que a relação entre essas coisas preexiste a elas mesmas.

Nesse contexto, um novo termo se apresenta e merece atenção, *coisas*, e que, ao longo do excerto, se alternará com *objetos*. Ainda é possível observar a reflexão que servirá de fonte para a compreensão de que em Linguística o ponto de vista cria o objeto. Quanto a isso, chamamos a atenção para o fato de que Saussure parecia estar às voltas com o objeto, nomeando-o ainda de forma imprecisa, como coisa. É o que levará Engler a propor esse termo como constitutivo do léxico saussuriano.

Além disso, é preciso considerar ainda o exercício que a análise implica frente a essa coisa ou objeto. Frente à matéria proposta ao estudo linguístico, há pontos de vistas, são eles quem criam as coisas, criam os objetos. A nosso ver, esse excerto condensa o que temos defendido neste trabalho, a indissociabilidade da reflexão sobre a matéria, a tarefa e o objeto na visão saussuriana. Isso porque, como Saussure estabelece, frente à matéria, a tarefa do linguista é criar o objeto. É nesse sentido que, ao que nos parece, torna-se impossível pensar o objeto sem levar em consideração a tarefa, uma vez a tarefa do linguista é condição de existência de seu objeto.

Algumas considerações

Com vistas à distinção entre matéria e objeto na teoria saussuriana, partimos nesse estudo em direção a uma análise de documentos que serviram de fonte para elaboração do CLG. De nossa parte, objetivamos averiguar essa era uma distinção que Saussure, à sua maneira, procurou demarcar. Nossa análise dos cadernos dos alunos demonstrou que, na ocasião do terceiro curso ministrado em Genebra, Saussure toma como termos distintos *matéria* e *objeto*. No entanto, o sentido de objeto nesse contexto está para *tarefa*. Nesse sentido, ele se aproxima do que propõe De Mauro ao estabelecer que objeto é a finalidade de uma operação. Todavia, é preciso ressaltar, o objeto a que se refere Saussure nesse contexto didático não é o mesmo de quando ele define a língua como objeto de estudo da Linguística.

Nossa breve análise do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f* demonstrou que *matéria*, *tarefa*, *objeto* e, ainda, *coisa* são termos recorrentes nesse momento da elaboração teórica de Saussure. Entretanto, o termo *matéria* aparece como relativo à substância, tanto o é que, em certas ocasiões, ele é rasurado e substituído por substância. Resta-nos a questão: teria Saussure observado a polissemia do termo *matéria*, nessa ocasião de reflexão, e suas implicações para o que ele compreenderá como objeto? Uma resposta afirmativa é possível se considerarmos que, ainda nesse documento, Saussure faz referência à matéria do estudo linguístico, aproximando, ao que nos parece, ao sentido destacado por De Mauro como fenômeno anterior à análise do linguista. Vimos também, neste contexto, uma flutuação entre o termo *coisa* e *objeto* na reflexão que dará origem à compreensão de que o ponto de vista cria o objeto, dando-nos vistas à articulação entre o fazer do linguista e a criação de seu próprio objeto.

A nosso ver, essa análise contribuiu para refletirmos, uma vez mais, sobre o estabelecimento do

objeto da ciência Linguística, mas, para além disso, deu-nos condições de evidenciarmos como o objeto linguístico é estabelecido por Saussure à medida que ele esclarece o que faz o linguista, especificamente, e a Linguística, em um âmbito geral. É nesse sentido que o objeto e a tarefa do linguista parecem constituir-se mutualmente na visão saussuriana, o que não está em desacordo com a máxima de que, em Linguística, é o ponto de vista, evidentemente do linguista, que cria o objeto. Nesse sentido, a tarefa, para além de ser uma intermediária entre a matéria e o objeto, constitui a condição do objeto em Linguística.

Referências:

BAUMER, I. Saussure, Corso di linguistique generale. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, v. 24, n. 1, p. 89-94. Genève: Droz, 1968.

DE MAURO, T. Notes. In: SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Edition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1973[1967].

HATZFELD, A. **Dictionnaire Général de la Langue Française**: du commencement du XVII siècle jusqu'à nos jours. Paris: Libraire Ch. Delagrave, s/d.

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 [2000].

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística geral**. Org. por Charles Bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Trad. De A. Chelini; J. P. Paes e I. Bliksten. 34ª edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Edição crítica de R. Engler. (Tome 1 e 2). Wiesbade: Otto Harrassowitz, 1968 e 1974.

SAUSSURE, F. de. Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f. In: **Papiers Ferdinand de Saussure**, 3951: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1891?.

TURPIN, B. Modélisation, langage et langue chez Saussure. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.47, n. 1, p. 159-175. Genève: Droz, 1993.

VARDAR, B. Le terme 'objet' dans le CLG. In: Cahier Ferdinand de Saussure. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.31, n. 1, p. 269-275. Genève: Droz, 1977.

Artigo original

Aspectos linguísticos da tradução e da retradução do CLG no Brasil

Linguistic aspects of the translation and retranslation of the CGL in Brazil

Alena Ciulla
Valdir do Nascimento Flores

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar um estudo da tradução/retradução do Curso de linguística geral de Ferdinand de Saussure, tomando por base a reflexão sobre o tema da retradução presente em Berman (1990). São analisadas, quanto aos aspectos linguísticos, algumas passagens das edições brasileiras de 1970 e 2021.

Palavras-chave: tradução, retradução, Ferdinand de Saussure, Curso de linguística geral.

Abstract: This article aims to present a study of the translation/retranslation of Ferdinand de Saussure's book, Course of General Linguistics, based on Berman's (1990) reflection on retranslation. Some passages from the 1970 and 2021 Brazilian editions are analysed in terms of linguistic aspects.

Keywords: translation, retranslation, Ferdinand de Saussure, Course of General Linguistics.

Introdução

O título de nosso artigo parafraseia textualmente o célebre texto, de 1959, do grande linguista russo Roman Jakobson (1896-1982), “On Linguistic Aspects of Translation” – “Aspectos linguísticos da tradução”^I, conforme a versão brasileira^{II} –, que integra uma obra coletiva intitulada *On translation [Sobre a tradução]*^{III}. Ao utilizá-lo aqui, queremos delimitar o alcance de nossa reflexão: faremos, a seguir, tão-somente alguns apontamentos linguísticos acerca da tradução/retradução brasileira do livro *Curso de linguística geral* (doravante, também CLG), do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913).

O CLG teve uma primeira tradução publicada no Brasil em 1970 (Editora Cultrix)^{IV}. Nessa época, a tarefa ficou nas mãos de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. A tradução é acompanhada de um “Prefácio à edição brasileira” de autoria de Isaac Nicolau Salum. No corpo do livro, os tradutores fazem poucas *notas de tradução* (sete ao todo).

O livro foi *retraduzido* em 2021 (Editorial Parábola)^V. Dessa vez, a *retradução* ficou a cargo de

I O leitor poderá encontrar uma detalhada análise desse texto de Jakobson, articulada ao conjunto da obra sobre tradução do autor, em Flores (2019a) (cf. o capítulo: “O falante e a tradução. A condição tradutória”).

II A versão brasileira desse ensaio integra a coletânea *Linguística e comunicação* (JAKOBSON, 1974: 63-72).

III Cf. Brower (1959).

IV Cf. SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

V Cf. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

Marcos Bagno. O livro conta com uma “Nota do Editor” de Marcos Marcionilo, uma “Apresentação” de Carlos Alberto Faraco, além de “notas” e “Posfácio” de Marcos Bagno. As notas adjungidas pelo tradutor não se circunscrevem apenas à tradução do livro, mas têm naturezas diversas (comentários críticos, informações suplementares, opinião pessoal etc.).

Uma rápida olhada nos dois livros é suficiente para ver que são trabalhos muito distintos entre si e com objetivos também distintos. E é nesse ponto que o título de nosso artigo tem, aqui, papel maior de delimitação temática: não pretendemos nem comparar as traduções com vistas à formulação de alguma opinião sobre o trabalho realizado, nem comparar o teor dos paratextos (cf. GENETTE, 2009) de cada edição (notas, prefácios, posfácios etc.), nem opinar sobre esses paratextos^{VI}. Nosso propósito é apenas trazer à discussão alguns aspectos linguísticos da tradução^{VII}/*retradução* como forma de vislumbrar como se configura o que Berman (1990) chama de *kairos*, “o momento favorável” da *retradução*.

Para proceder a isso, fazemos o seguinte percurso: inicialmente, apresentamos a noção de *retradução*, tanto em seus aspectos gerais quanto na elaboração dada por seu criador, Antoine Berman (1990); em seguida, incluímos uma pequena nota explicativa a respeito das traduções/*retraduções* do CLG no mundo, como forma de situar o leitor no tema de nosso estudo; adiante, abordamos o que consideramos aqui como aspectos linguísticos da tradução/*retradução* do livro; finalmente tecemos algumas conclusões.

Sobre a noção de *retradução*

Como explicam Mattos; Faleiros (2014, p. 37), o termo *retradução* é polissêmico. E a polissemia circunscreve, no mínimo, dois sentidos, isto é, “dois entendimentos diferentes para o termo – nova tradução; tradução indireta”.

A noção de *tradução indireta* diz respeito à ideia de que uma *retradução* implica traduzir para outra língua um texto já traduzido numa dada língua: “isto é, a *retradução* não seria uma ‘nova tradução’, mas uma tradução feita a partir de outra tradução” (MATTOS; FALEIROS, 2014, p. 37). Há vários exemplos disso no Brasil. No âmbito dos estudos da linguagem – de maior interesse para nós –, lembramos a primeira edição brasileira, em 1979, da obra, com autoria atribuída a Mikhail Bakhtin, *Marxismo e filosofia da linguagem*^{VIII}. Nela, em nota no começo do livro, os tradutores informam que (cf. LAHUD et al., 1988, p. 7) a “tradução baseou-se, principalmente, na tradução francesa”, além de também na “tradução americana” (LAHUD et al., 1988, p. 7).

A noção de *nova tradução* diz respeito a uma outra tradução de um dado texto na mesma língua em que fora já traduzido. Ainda tomando os estudos da linguagem como parâmetro, consideramos como exemplo a recente *retradução* brasileira, de 2021, do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure.

Além dessa polissemia, digamos, preliminar, Mattos; Faleiros (2014, p. 38), a partir dos trabalhos de Ladmiral (2012), Chevrel (2010) e Gambier (2012), recuperam ainda cinco outros sentidos para *retradução*: 1) *nova tradução de um mesmo texto de partida* – “é o sentido mais comumente atribuído à

VI Uma resenha da tradução de 2021 pode ser lida em Prais (2022), cf. *Referências*.

VII Sobre a tradução de Saussure no Brasil (não apenas o CLG, mas também outros documentos), ver: Flores; Hoff (2020) e Flores (2018).

VIII Sobre a tradução dessa obra no Brasil, ver: Brait; Pistori (2020).

retradução nos estudos da tradução mais recentes”; 2) *revisão de uma tradução já feita*; 3) *retrotradução* (“retraduzir, na mesma língua do ‘original’, uma tradução desse ‘original’”); 4) *tradução de uma tradução* (é a “tradução indireta”, lembrada acima, também “podendo ser chamada de metatradução ou ‘tradução-pivô’ (LADMIRAL, 2012), ou, ainda, ‘tradução intermediária’ (GAMBIER, 2012)”); 5) *toda e qualquer tradução, na medida em que é possível que toda tradução seja por si só uma retradução*^{IX}.

Essa polissemia atual ligada ao termo *retradução* tem, no entanto, um denominador comum. Trata-se da obra fundadora do filósofo, crítico literário e teórico francês Antoine Berman (1942-1991). Destaca-se, em especial, o artigo publicado, em 1990, no quarto volume da prestigiada revista francesa *Palimpseste*^X, totalmente dedicado ao tema da *retradução*. A revista é, ao todo, constituída por cinco artigos mais a “Apresentação”, de Paul Bensimon. São eles : “La retraduction comme espace de la traduction”, de Antoine Berman; “Quel langage pour le théâtre? (À propos de quelques traductions d’Othello)”, de Anne-Françoise Benhamou; “Retraduire, (re)mettre en scène”, de Michel Gresset; “Finnegans Wake: la traduction parasitée”, de André Topia, e “Sous le signe de Mercure, la retraduction” de Liliane Rodriguez.

Entre os cinco artigos, é ao de Berman^{XI} que todos os que tratam do tema da *retradução* voltam, tanto para a ele se filiar quanto para dele se afastar. Nesse artigo, intitulado “A retradução como espaço da tradução”, Berman começa estabelecendo que entende “espaço” no sentido de “espaço de inacabamento”^{XII}: “nesse domínio de essencial inacabamento que caracteriza a tradução, apenas às retraduições cabe atingir – de tempos em tempos – a completude”^{XIII} (Berman, 1990, parágrafo^{XIV} 1). À indagação sobre por que traduzir, Berman responde:

Normalmente, busca-se o fundamento da necessidade das retraduições num fenômeno bastante misterioso: enquanto os originais permanecem eternamente jovens (qualquer que seja o grau de interesse que temos por eles, sua proximidade ou seu distanciamento cultural), as traduções “envelhecem”. Correspondendo a um dado estado da língua, da literatura, da cultura, acontece que, muitas vezes de maneira bem rápida, elas não respondem mais ao estado seguinte. É preciso então retraduzir, pois a tradução existente não desempenha mais o papel de revelação e de comunicação das obras. Além disso – e é aqui uma direção de pensamento muito diferente – como nenhuma tradução pode pretender ser “a” tradução, a possibilidade e a necessidade da retradução estão inscritas na própria estrutura do ato de traduzir. Toda tradução feita depois da primeira tradução de uma obra é, portanto, uma retradução^{XV} (BERMAN, 1990, parágrafo 2).

IX Mattos; Faleiros (2014, p. 39) consideram que outros sentidos para *retradução*. “mais raros, podem eventualmente comparecer: o caso das traduções ‘em equipe’, como a realizada por Boris Schnaiderman e os irmãos Campos na *Poesia russa moderna*: um se encarrega da tradução semântica, o outro ‘retraduz’ essa tradução, a fim de ‘poetizá-la’. Ou mesmo o caso em que, em uma conferência, dois interlocutores falam línguas pouco faladas e, para que possa ser feita a tradução pelos seus respectivos tradutores, é preciso que primeiro se lance mão de uma tradução para uma língua franca – geralmente o inglês”.

X A *Palimpsestes* é fundada sob a direção de Paul Bensimon. Segundo Mattos; Faleiros (2014: 40), “no seu conjunto, a *Palimpsestes* de número 4 é uma publicação fundadora nos estudos da retradução”. O tema voltou a ser abordado pela revista em 2004 (“Porquoi donc retraduire?”). Desta vez, contou com textos de personalidades como Henri Meschonnic (“Le rythme, prophétie du langage”), Michaël Oustinoff (“Vladimir Nabokov ou pourquoi se retraduire?”), Annie Brisset (“Retraduire ou le corps changeant de la connaissance Sur l’historicité de la traduction”), entre outros. A revista encontra-se disponível, integralmente, em: <<https://journals.openedition.org/palimpsestes>>.

XI O artigo de Berman recebeu uma tradução no Brasil, feita por Clarissa Prado Marini e Marie-Hélène Catherine Torres, no volume 37 de 2017, da importante revista *Cadernos de tradução*, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O artigo está disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p261>>. Aliás, o tema da retradução é tratado pela revista na edição do volume 39 de 2019. O volume encontra-se disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/2709>>. Antes disso, em 2003, a mesma revista aborda o tema em um número intitulado “Tradução, Retradução e Adaptação”, disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/434>>.

XII No original: “espace d’accomplissement”.

XIII No original: “Dans ce domaine d’essentiel inaccomplissement qui caractérise la traduction, c’est seulement aux retraductions qu’il incombe d’atteindre — de temps en temps — l’accompli”.

XIV Usamos esse sistema de referência, com indicação de parágrafo, para citar o artigo de Berman, disponível em: <<https://journals.openedition.org/palimpsestes/596#authors>>.

XV No original: “D’ordinaire, on cherche le fondement de la nécessité des retraductions dans un phénomène lui-même assez mystérieux : alors que les

Em outras palavras, “é preciso retraduzir porque as traduções envelhecem e porque nenhuma é a tradução: assim vê-se que traduzir é uma atividade submetida ao tempo e uma atividade que tem uma temporalidade própria: a da caducidade e do inacabamento”^{XVI} (BERMAN, 1990, parágrafo 3).

Essas explicações, admite Berman, não são suficientes para responder duas questões, que circunscrevem fenômenos enigmáticos – “por que uma tradução envelhece? Por que uma obra autoriza várias traduções?”^{XVII} (BERMAN, 1990, parágrafo 4).

Quanto à primeira questão, cabe considerar que, apesar de uma tradução estar submetida ao tempo e poder envelhecer, há traduções que não envelhecem: “a História nos mostra que existem traduções que perduram tanto quanto os originais e que, às vezes, conservam mais brilho que estes. Essas traduções são o que se convencionou chamar de *grandes traduções*”^{XVIII} (BERMAN, 1990, parágrafo 4). Segundo o autor, é o caso da *Vulgata*^{XIX} de São Jerônimo, da *Bíblia* de Lutero^{XX}, do Plutarco de Amyot^{XXI}, das *Mil e uma noites* de Galland^{XXII}, do Shakespeare de Schlegel^{XXIII}, da *Antígona* de Hölderlin^{XXIV}, do *Dom Quixote* de Tieck^{XXV}, do *Paraíso Perdido* de Milton de Chateaubriand^{XXVI}, do Poe de Baudelaire^{XXVII}, entre outros.

Ao olhar para essas “grandes traduções”, Berman se pergunta se há algo nelas que permite precisar a que se deve a grandeza que têm. O autor propõe, assim, seis características comuns à categoria da “grande tradução” (BERMAN, 1990, parágrafos 9-14): 1) é um evento na língua de chegada (escrita e/ou oral); 2) se caracteriza por ser tão sistemática quanto a original; 3) é um lugar de encontro entre a língua do original e a do tradutor; 4) cria uma ligação intensa cujo impacto pode ser mensurado na cultura que a recebe; 5) é um precedente incontornável para a atividade de tradução contemporânea; 6) além disso, é uma *retradução*.

Isso possibilita a Berman formular uma espécie de axioma da grande tradução: “Se nem toda retradução é uma grande tradução (!), toda grande tradução é uma retradução”^{XXVIII} (BERMAN, 1990, parágrafo 15). Ciente de que muitas das “grandes traduções” que ele mesmo elenca são, na verdade, primeiras traduções, Berman nuança sua formulação, para que alcance alguma veracidade empírica: a) uma primeira tradução pode ser uma grande tradução desde que tenha sido tomada, desde o seu início, como uma *retradução*; b) uma *retradução* não pode ser entendida apenas como uma nova tradução de

originaux restent éternellement jeunes (quel que soit le degré d'intérêt que nous leur portons, leur proximité ou leur éloignement culturel), les traductions, elles, 'vieillissent'. Correspondant à un état donné de la langue, de la littérature, de la culture, il arrive, souvent assez vite, qu'elles ne répondent plus à l'état suivant. Il faut, alors, retraduire, car la traduction existante ne joue plus le rôle de révélation et de communication des œuvres. Par ailleurs — et c'est là une direction de pensée très différente — comme aucune traduction ne peut prétendre être 'la' traduction, la possibilité et la nécessité de la retraduction sont inscrites dans la structure même de l'acte de traduire. Toute traduction faite après la première traduction d'une œuvre est donc une retraduction”.

XVI) No original: “Il faut retraduire parce que les traductions vieillissent, et parce qu'aucune n'est la traduction: par où l'on voit que traduire est une activité soumise au temps, et une activité qui possède une temporalité propre: celle de la caducité et de l'inachèvement”.

XVII) No original: “pourquoi une traduction vieillit-elle? Pourquoi une œuvre autorise-t-elle plusieurs traductions?”.

XVIII) No original: “l'Histoire nous montre qu'il existe des traductions qui perdurent à l'égal des originaux et qui, parfois, gardent plus d'éclat que ceux-ci. Ces traductions sont ce qu'il est convenu d'appeler des *grandes traductions*”.

XIX “declarado único texto autêntico no Concílio de Trento, em 1546)” (cf. Meschonnic, 2010: XLI).

XX Meschonnic (2010: XLI) – numa linha semelhante a Berman neste caso – refere-se a essas traduções como “os originais segundos”.

XXI Trata-se da tradução feita pelo francês Jacques Amyot (1513-1593) e publicada em 1559 da obra *Vidas paralelas*, do grego Plutarco.

XXII Trata-se de Antoine Galland (1704-1717), tradutor do árabe para o francês da famosa compilação de histórias.

XXIII Trata-se do linguista e filósofo August Wilhelm Schlegel (1767-1845), responsável pela tradução para o alemão, “uma tradução durável”, como dirá Meschonnic (2010: LIV).

XXIV Trata-se do alemão Friedrich Hölderlin (1770-1843) que publicou a tradução alemã em 1803.

XXV Trata-se do alemão Ludwig Tieck (1753-1853), que traduz *Dom Quixote* entre 11795 e 1799.

XXVI A obra em verso do inglês John Milton (1608-1674) foi publicada pela primeira vez em 1667 na Inglaterra. A tradução em prosa poética feita, em 1836, para o francês, por François-René de Chateaubriand (1768-1848), tornou-se célebre.

XXVII Trata-se das traduções feitas pelo francês Charles Pierre Baudelaire (1821-1867) da obra do americano Edgar Allan Poe (1809-1849).

XXVIII) No original: “Si toute retraduction n'est pas une grande traduction (!), toute grande traduction, elle, est une retraduction”.

um texto já traduzido:

podemos falar aqui de retradução desde que exista uma nova tradução de uma obra, mesmo que se trate de uma parte dessa obra que não havia sido ainda traduzida. Basta que um texto de um autor já tenha sido traduzido para que a tradução dos outros textos desse autor entre no espaço da retradução^{XXIX} (BERMAN, 1990, parágrafo 18).

O que podemos concluir disso é que, entre outras coisas, a *retradução* é um espaço de tradução no sentido de que se um texto de um autor já foi, em algum momento, traduzido, as traduções – deste ou de outro texto – que se seguem serão sempre *retraduções*, e farão parte desse espaço.

Nesse sentido e no que tange à segunda questão antes formulada por Berman (“Por que uma obra autoriza várias traduções?”), cabe ver que, na opinião do autor, uma grande tradução é sempre colocada como *retradução*, o que implica considerar que é, então, produzida na repetição. Acrescentam-se a isso dois pontos importantes da reflexão de Berman: a *insuficiência* [*défaillance*]^{XXX} (constitutiva da tradução) e o *kairos*, formulados a partir da obra de Goethe.

Berman (1990, parágrafo 21) retoma Goethe quanto aos “três modos” de traduzir: a *tradução intra ou justalinear (palavra por palavra)* – “visando no máximo dar uma ideia grosseira (nas palavras de Goethe) do original”^{XXXI} –; a *tradução livre* – “que adapta o original à língua, à literatura, à cultura do tradutor”^{XXXII} –; e a *tradução literal* – “que reproduz as ‘particularidades’ culturais, textuais etc. do original”^{XXXIII}. Para Goethe, conforme Berman, toda tradução percorre esse ciclo:

disso fica evidente que nenhuma primeira tradução pode ser uma grande tradução. E na medida em que os dois últimos modos pressupõem o primeiro, é evidente que uma tradução completa só pode advir a partir do segundo modo, ou seja, já de uma ‘primeira’ retradução^{XXXIV} (BERMAN, 1990, parágrafo 21).

Nessa direção, e na companhia de Goethe, Berman pensa que a primeira tradução de uma obra ou de um texto não será a mais próxima do original. Ora, apesar de Goethe, em grande medida, servir de base para a “teoria da retradução” de Berman, ela não é suficiente para fundamentá-la porque ainda nos interrogamos a respeito do envelhecimento das traduções (por quê?) e da necessidade de refazê-las. É para responder a isso que é necessário pensar a *insuficiência* e o *Kairos*.

A *insuficiência* mostra que “toda tradução é marcada pela ‘não-tradução’. E as primeiras traduções são aquelas que são mais afetadas pela não-tradução.” (BERMAN, 1990, parágrafo 25)^{XXXV}. Sendo a

XXIX No original: “on peut parler ici de retraduction, dès qu’il y a une nouvelle traduction d’une œuvre, même si on a affaire à une partie de cette œuvre qui n’avait pas, elle, été encore traduite. Il suffit qu’un texte d’un auteur ait déjà été traduit pour que la traduction des autres textes de cet auteur entre dans l’espace de la retraduction. C’est pour cette raison que le Poe de Baudelaire est bien une retraduction”.

XXX Embora a palavra possa ter outros sentidos, optamos por manter a tradução feita por Clarissa Prado Marini e Marie-Hélène Catherine Torres, quando da tradução brasileira do artigo de Berman.

XXXI No original: “visant tout au plus à donner une idée grossière (Goethe dixit) de l’original”.

XXXII No original: “qui adapte l’original à la langue, à la littérature, à la culture du traducteur”.

XXXIII No original: “qui reproduit les ‘particularités’ culturelles, textuelles, etc. de l’original”.

XXXIV No original: “D’où il est évident qu’aucune première traduction ne peut être une grande traduction. Et dans la mesure où les deux derniers modes présupposent le premier, il est non moins clair qu’une traduction accomplie ne peut advenir qu’à partir du second mode, c’est-à-dire déjà d’une ‘première’ retraduction”.

XXXV No original: “toute traduction est marquée par de la ‘non-traduction’. Et les premières traductions sont celles qui sont le plus frappées par la non-

insuficiência simultaneamente uma incapacidade e uma resistência de traduzir, nas primeiras traduções vê-se que a *insuficiência* está em seu ápice; a *retradução*, por sua vez, contribuiria para reduzir essas *insuficiências*, motivo pelo qual há tantas retraduições de uma mesma obra. Não se pode suprimir completamente a *insuficiência*, e isso nem mesmo na retradução que, no máximo, produz abundância. À uma tradução pobre, contrapõe-se uma tradução abundante que depende, por sua vez, do *kairos*.

Kairos (BERMAN, 1990, parágrafo 26) é “o momento favorável”, quer dizer, “a grande retradução surge apenas ‘no momento favorável’ [...] no qual se encontra bruscamente e imprevisivelmente (mas não sem razões) a resistência ‘suspensa’ que gera a insuficiência, a incapacidade de traduzir ‘bem’ uma obra”^{XXXVI}. O *kairos* é a reunião das condições para a *retradução* ocorrer (parâmetros socioculturais para a *introdução* de uma dada obra, além de fatores históricos). Soma-se a isso, a *pulsão tradutora* [*la pulsion traduisante*]^{XXXVII}, quer dizer, o desejo de traduzir que se conjuga com o desejo de não traduzir, o que configura recuos do tradutor: “podemos localizar muito bem, numa tradução, os recuos de um tradutor. Mas naquele em que a pulsão tradutora habita, o recuo está reduzido ao seu mínimo: Lutero, Amyot, Schlegel, Armand Robin são exemplos luminosos de indivíduos dominados pela pulsão de traduzir”^{XXXVIII}.

Enfim, isso acontece quando é chegado o tempo de uma dada tradução em uma dada cultura; esse tempo pode, eventualmente, voltar, o que impele à *retradução*.

Com esse pequeno trajeto que fizemos no interior do pensamento de Berman, reunimos as condições para abordar o nosso tema neste artigo: os aspectos linguísticos da tradução e da *retradução* do *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure. Antes de passarmos, porém, a esse tópico (cf. item 3), faremos, a seguir, uma pequena nota, buscando situar a história das traduções e, principalmente, das *retraduições* do CLG no mundo.

Pequena nota sobre tradução e *retradução* do CLG

O CLG sempre foi objeto de muitas traduções. O Brasil sempre foi sabedor disso. Já no prefácio à primeira tradução brasileira Salum lista, além da versão japonesa, de 1928 (a primeira tradução no mundo), a alemã, a russa, a espanhola, a inglesa, a polonesa, a húngara. Atualmente há traduções em muitas línguas do mundo.

Uma das principais fontes, quando se quer abordar o tema da tradução/*retradução* do CLG no mundo é a obra conjunta *Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction* (2018)^{XXXIX}, coordenada por Ekaterina Velmezova e John Joseph. Nela, são abordadas as traduções de língua chinesa (Kim, 2018), alemã (Sofia; Swiggers, 2018), inglesa (FOREL, 2018), italiana (COSENZA, 2018), turca (ÖZTÜRK KASAR, 2018) e indonésia (SALVERDA, 2018).

A obra apresenta ainda um excelente anexo, de autoria de Reinier Salverda, “F. de Saussure’s

traduction”.

XXXVI No original: “le moment favorable. La grande retraduction ne surgit qu’ ‘au moment favorable’ [...] où se trouve brusquement et imprévisiblement (mais non sans raisons) ‘suspendue’ la résistance qui engendre la défaillance, l’incapacité de ‘bien’ traduire une œuvre”.

XXXVII Embora a palavra possa ter outros sentidos, optamos por usar a tradução feita por (Mattos; Faleiros, 2014).

XXXVIII No original: “On peut très bien repérer, dans une traduction, les reculs d’un traducteur. Mais chez celui qu’habite la pulsion traduisante, ce recul est réduit à son minimum : Luther, Amyot, Schlegel, Armand Robin sont des exemples lumineux d’individus dominés par la pulsion de traduire”.

XXXIX Sobre a tradução do CLG no mundo, ver: John Joseph, Ekaterina Velmezova (éds) «Le «Cours de linguistique générale»: réception, diffusion, traduction» (Cahiers de l’ILSL, No. 57), Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. Disponível em: <<https://wp.unil.ch/labelletres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>>.

Cours de linguistique Générale in translation: A world bibliography, 1928-2014” [F. de Saussure *Curso de linguística geral* em tradução: uma bibliografia mundial, 1928-2014]. A lista conta com 50 traduções, em 31 idiomas, acompanhada de grande riqueza de informações^{XL}. Especificamente com relação à existência de mais de uma tradução no mesmo idioma, Salverda (2018, p. 116) fornece uma lista de 27 traduções em 10 idiomas: “três para o japonês, duas para o alemão, três para o russo, duas para o espanhol, três para o inglês, duas para o português, duas para o coreano, três para o chinês, cinco em árabe e dois em persa”.

Sobre essa lista e em atenção aos nossos propósitos aqui, cabe considerar o que segue: a) o levantamento de Salverda vai de 1928 a 2014, período que não inclui a retradução brasileira, de 2021; b) Salverda considera que há duas traduções para o português, no entanto, não se configura neste caso, ainda, uma situação de *retradução*, já que são levadas em conta a tradução brasileira, de 1970, e a portuguesa, de 1971. Portanto, a situação de *retradução*, no caso brasileiro, apenas se concretiza recentemente.

Dessa lista, o caso do Japão é bastante interessante para os nossos objetivos aqui. Conforme Suenaga (2005, p. 241-242): a primeira tradução é de 1928 (feita a partir da segunda edição do CLG, de 1922) com o título de “Princípios de linguística”; em 1940, o mesmo tradutor revisa sua tradução (desta vez, a partir da segunda edição, também da primeira, de 1916, e da terceira, de 1931); em 1972, o mesmo tradutor revisa a tradução e, então, republica a obra com o título de “Curso de linguística geral”.

A situação brasileira recentemente altera-se, com a publicação da última tradução, a *retradução*. Nesse sentido, pensamos que se configura uma nova realidade, que permite novas avaliações e prospecção de entendimento e recepção do CLG no Brasil. Para tratar disso com mais vagar, a seguir tecemos alguns comentários tomando como uma espécie de *corpus* passagens oriundas das duas traduções brasileiras. Com base nesse material, fazemos algumas observações a respeito dos aspectos linguísticos da tradução do CLG no Brasil e os efeitos decorrentes da concomitância dessas duas traduções no mercado editorial brasileiro.

Algumas considerações sobre a tradução e *retradução* do CLG no Brasil

Com base na noção de *retradução* de Berman firmamos, então, o nosso ponto de partida para situar as traduções do CLG no Brasil. Assim, em primeiro lugar, ressaltamos que é em relação a esse espaço de inacabamento, constitutivo de toda tradução, que fazemos nossa análise. Não é nosso intuito, portanto, a mera constatação de “erros de tradução” e, sim, observar, em alguns trechos, como as escolhas tradutórias podem fazer reconstituir o texto da tradução em cotejo com o texto original.

A nossa perspectiva geral de análise também vai ao encontro de Jakobson (1974), porque, como o autor russo, também pensamos a tradução de modo articulado “a uma teoria geral da língua e da linguagem”, conforme Flores (2019a, p.215).

Essa articulação se justifica, em grande parte, pelo fato de que, na tradução, tanto o falante quanto o tradutor buscam algo em comum: o significado. E o significado das palavras a serem traduzidas “é decididamente um fato linguístico” (JAKOBSON, 1974, p.63). Assim, consideramos que o significado

XL Para cada um dos 50 títulos, são fornecidas as seguintes informações: (i) seu ano de publicação; (ii) seu idioma; (iii) seu título em língua estrangeira; (iv) o texto fonte utilizado; (v) o nome do(s) seu(s) tradutor(es); (vi) se há um prefácio ou introdução e, em caso afirmativo, por quem; (vii) seu local de publicação; (viii) seu(s) editor(es); (ix) número de páginas; (x) informações sobre reimpressões e reedições; e (xi) detalhes, se houver, sobre possível acesso online” (Salverda, 2018, p.116).

linguístico está no centro da operação de tradução^{XLI} e, por isso, explicitamos brevemente aqui algumas questões relacionadas aos aspectos linguísticos aí envolvidos: são eles que guiam nossas análises.

De acordo com Jakobson (1974), toda experiência cognitiva, isto é, tudo de que se pode falar pode ser traduzido em qualquer língua existente. Onde houver insuficiência, pode-se empregar empréstimos, neologismos, circunlóquios, transferências semânticas etc. Mas a definição de nossa experiência cognitiva está numa relação complementar com as operações metalinguísticas ou, em outras palavras: somente compreendemos a referência às coisas, se tivermos um conhecimento linguístico sobre o significado das palavras que referem essas coisas. Podemos afirmar, então, com Jakobson (1974), que o significado linguístico é sempre uma tradução por outro signo. No caso da tradução *interlingual*, a tradução se dá de um signo em uma dada língua por um signo na língua para a qual se traduz.

Ressaltamos aqui que, sob esse viés, a tradução não é uma operação de equivalência entre o conteúdo do texto original em uma língua e o conteúdo do texto traduzido em outra língua, mas se trata de uma reconstrução do conteúdo do texto original, que é fruto de uma interpretação deste texto.

Partimos, então, da premissa de que, por envolver a compreensão do significado linguístico, a tradução é uma operação metalinguística e de interpretação. Para as nossas análises, além do conhecimento das línguas francesa e portuguesa, é preciso levar em conta a leitura interpretativa da teoria linguística que decorre dos textos em questão, quais sejam, o CLG original e os das duas traduções brasileiras.

O texto do CLG tem suas particularidades, pois, como sabido, a própria compilação do CLG e suas várias recepções são, por si só, motivo de permanentes discussões sobre conceitos em específico e mesmo sobre a teoria geral de Saussure e, conforme já registravam Ciulla; Finatto e Lopes (2016) em um estudo, envolvendo a primeira tradução brasileira:

Somando-se a essa múltipla interpretação de que foi resultado o CLG, trabalhamos com uma tradução de tal texto, de que, é sabido, decorrem novas interpretações e releituras. Muitos dos conceitos tratados no CLG foram, ainda, motivo de controvérsia e discussão, como em especialmente a partir da descoberta dos manuscritos. A tradução do CLG para o português brasileiro foi feita na década de 70 e, ainda que tenha sido reeditada, não temos notícia de uma revisão sistemática dessa tradução desde então. Diante dessa lacuna, então, apresentamos também, neste artigo, um estudo inicial de aproximação da tradução do CLG, em especial no que diz respeito aos trechos em que há a definição de signo linguístico (...). Tal experiência tem sido proveitosa, já que frequentemente as intuições que têm origem em um viés da pesquisa servem para fazer avançar o outro (CIULLA; FINATTO; LOPES, 2016, p.57).

Apontava-se aí para uma releitura tradutória, em especial das passagens que tratam do *signo linguístico*, na expectativa de elaborar esse conceito bastante central na reflexão saussuriana. Mas mais do que isso, há a intuição de que no processo de *retradução* – mesmo que parcial, de apenas alguns dos trechos relevantes para o conceito em questão – pode-se chegar a uma versão mais bem acabada e mais precisa de elaboração do conteúdo da obra original.

XLI É importante lembrar que Jakobson (1974) postula que todo processo de significação linguística é uma operação de tradução, considerando que o significado de um signo é a sua tradução em outro signo. Daí advém a sua célebre classificação triádica dos tipos de tradução em *intra*lingual, *inter*lingual e *inter*semiótica. Neste trabalho, por se tratar de tradução *interlingual*, nossas reflexões circunscrevem-se a este tipo.

Um outro aspecto a pontuar é que, no que diz respeito à insuficiência, caducidade e o consequente espaço de inacabamento da *retradução* do CLG, essas características estão todas ligadas não somente ao tempo e à cultura, mas a uma complexa construção teórica que se desenvolveu no tempo e na cultura. Assim, reconstituir o texto da tradução do CLG, mesmo que em uma frase isolada, implica em reconstituir no todo as reflexões saussurianas nas traduções e no original.

Selecionamos, então, três trechos para a análise, todos extraídos da *Primeira Parte* do CLG, *Capítulo I - Natureza do Signo Linguístico*. Observamos ainda que, coerentemente ao que acabamos de dizer no parágrafo anterior, estão copiados os cotextos mínimos dos trechos selecionados para a compreensão da análise, mas ela é feita pressupondo a leitura do livro todo.

Nosso objetivo com essas análises é o de mostrar que diferentes escolhas tradutórias têm consequências importantes para a recepção da teoria saussuriana – ou pelo menos revelam as diferentes leituras que os tradutores fazem. De certa maneira, fazemos ecoar aqui o que foi defendido em Flores; Hoff (2020, p. 2), que partem “da ideia de que a dita língua de chegada – no caso, o português –, em função de sua configuração específica, influencia o conteúdo que traduz”, o que significa, *grosso modo*, “formular a hipótese de que Saussure em português não é absolutamente sinônimo de Saussure em francês ou mesmo em qualquer outra língua”. Essa formulação encontra respaldo na obra da filósofa francesa Barbara Cassin (2018, p. 16) que, no *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*, explica: “o ponto de partida [do dicionário] é uma reflexão sobre a dificuldade de traduzir em filosofia”; o objetivo é “[...] pensar a filosofia em línguas, tratar as filosofias como elas se dizem, e ver o que isso muda em nossas maneiras de filosofar” (CASSIN, 2018, p. 16).

A seguir, nos quadros, os excertos selecionados (trechos de 1 a 3), por coluna, nesta ordem: na primeira coluna, o CLG original em francês (1976); na segunda (T1), a tradução brasileira de Chelini, Paes e Blikstein (1975); na terceira (T2), a tradução de Bagno (2021). O trecho em foco em cada análise está grifado no original, em francês.

Trecho 1

Original CLG, p.100	T1: Tradução de Chelini, Paes e Blikstein, p.81	T2: Tradução de Bagno, p.117
Ainsi l'idée de “soeur” n'est liée par aucun rapport intérieur avec la suite de sons s – ö – r qui lui sert de signifiant; il pourrait être aussi bien représenté par n'importe quel autre: à preuve les différences entre les langues et l'existence même de langues différentes:	Assim a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons <i>m-a-r</i> que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa boeuf (“boi”) tem	Assim, a ideia de “irmã” não está ligada por nenhuma relação interna à sequência de sons [i]-[r]-[m]-[ã] que lhe serve de significante; este poderia ser igualmente bem representado por qualquer outra sequência: prova disso são as diferenças entre as línguas diferentes. O significado “boi” tem como significante

le signifié “boeuf” a pour signifiant b – ö – f d’un côté de la frontière et o – k-s (<i>Ochs</i>) de l’autre.	por significante b-ö-f de um lado da fronteira franco-germânica e o-k-s (<i>Ochs</i>) do outro.	em francês [b]-[oe]-[f] (<i>boeuf</i>), enquanto em alemão é [ɔ]-[k]-[s] (<i>Ochs</i>).
--	---	---

A T1 opta por *mar*, nesse trecho em que se exemplifica a relação entre ideia e sequência de sons, quando em francês aparece *soeur*. Se a imagem acústica de *soeur* fosse a questão, por exemplo, e uma tradução de *soeur* para o português não mantivesse o traço a ressaltar, haveria uma justificativa para essa transposição^{XLII}. No caso de *soeur*, no entanto, a adaptação para *mar* não se justifica, pois o exemplo serve para ilustrar a arbitrariedade do signo: tanto um quanto outro não têm em sua imagem acústica uma motivação. Além disso, influencia a leitura, pois de um lado, apaga-se a escolha do original por este exemplo em especial, descaracterizando a obra e, por outro, há uma interferência dos tradutores que ficam aí marcados pela sua própria escolha.

Em T2, opta-se pela tradução de *sœur*, mas desta vez sem transposição, por *irmã*. Ainda que de outra forma, essa escolha também marca o tradutor de língua portuguesa e causa uma opacidade, podendo fazer pensar que Saussure deu um exemplo em português.

Outra observação sobre o Trecho 1 é sobre a pontuação: na primeira ocorrência de dois pontos em francês, na T1 há ponto e vírgula. Os dois pontos no original têm um papel importante, pois colocam em relevo a observação sobre a diferença entre as línguas. A troca pelo ponto e vírgula, por ser este um sinal muito próximo ao ponto final, que encerra um período, apaga a relação sintática de continuidade e de ênfase tão marcada neste trecho, no original, pelos dois pontos.

Em T2, na primeira ocorrência, os dois pontos são mantidos. Todavia na segunda ocorrência, há um ponto final entre a questão da diversidade das línguas e o exemplo do significado *bœuf*, desfazendo a relação de ilustração que é explicitada pelos dois pontos no original. Por fim, há um apagamento da questão da *diferença entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes*, que em T2 aparece parcamente como *prova disso são as diferenças entre as línguas diferentes*.

Sobre o Trecho 1, observamos ainda que o período que inicia, no original, por *il pourrait être aussi bien représenté par n’importe quel autre*, em T2, é traduzido por *este poderia ser igualmente bem representado por qualquer outra sequência*. O que acontece aí é que *il* [ele], no original, retoma *rapport* [relação] e *este*, que está em T2 no lugar de *il*, sendo um demonstrativo masculino que retoma o nome imediatamente anterior, remete a *significante* (até porque todos os outros candidatos gramaticalmente possíveis de serem recuperados por *este* são femininos, em português, quais sejam: *ideia*, *relação* e *sequência de sons*). Mas, do ponto de vista da teoria saussuriana, não é o significante que poderia ser igualmente bem representado por qualquer outra sequência e, sim, é a relação (entre a ideia e a sequência de sons) que poderia ser igualmente bem representada por qualquer outra sequência. Em T1, neste mesmo período, o sujeito da oração é elíptico, mas a desinência feminina de *representada* (em *poderia ser representada igualmente*)

XLII Como bem exemplificam Flores; Hoff (2020: 9), é o caso da opção dos tradutores do CLG quando utilizam um adjetivo em vez de um advérbio “ao propor “ensinamento” e “lento” como possíveis associações de imagens acústicas equivalentes à associação de “enseignement” e “justement” em francês (SAUSSURE, 1970, p. 145). Nesse caso, é possível entender que, devido a limitações derivadas das características das línguas envolvidas no processo tradutório, os tradutores optaram por fazer uma adaptação utilizando a técnica da *transposição*, em que ocorre uma mudança de categoria gramatical (ALBIR, 2018, p. 271)”.

permite associar o sujeito ao antecedente *relação*.

A parte final desse trecho é analisada a seguir.

Trecho 2

Original CLG, p.100.	T1: Tradução de Chelini, Paes e Blikstein, p.81.	T2: Tradução de Bagno, p.117.
Ainsi l'idée de « <i>soeur</i> » n'est liée par aucun rapport intérieur avec la suite de sons <i>s – ö – r</i> qui lui sert de signifiant: il pourrait être aussi bien représenté par n'importe quel autre: à preuve les différences entre les langues et l'existence même de langues différentes: le signifié "boeuf" a pour signifiant b – ö – f d'un côté de la frontière et o – k – s (Ochs) de l'autre.	Assim a ideia de "mar" não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons <i>m-a-r</i> que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa boeuf ("boi") tem por significante b-ö-f de um lado da fronteira franco-germânica e o-k-s (Ochs) do outro.	Assim, a ideia de " <i>irmã</i> " não está ligada por nenhuma relação interna à sequência de sons [i]-[r]-[m]-[ã] que lhe serve de significante; este poderia ser igualmente bem representado por qualquer outra sequência: prova disso são as diferenças entre as línguas diferentes. O significado "boi" tem como significante em francês [b]-[oe]-[f] (<i>boeuf</i>), enquanto em alemão é [ɔ]-[k]-[s] (<i>Ochs</i>).

Na T1 é acrescentada a expressão *palavra francesa*, no ponto em que, em francês, há *signifié* em *signifié "boeuf"* [*significado "boeuf"*]. Ou seja, em T1, o que está em jogo é a "palavra" *boeuf*; já no trecho original, é o *signifié "boeuf"*. T1 considera "palavra" o que, em francês, é *signifié*, um termo técnico bastante específico da teoria saussuriana.

A T2 opta por *significado "boi"*, o que, em parte, preserva a noção de *significado*, que é importante neste trecho, mas, ao traduzir *boeuf* por *boi*, introduz uma relação não contida no trecho original. Quer dizer, não é o significado *boi*, em português, que tem como significante em francês *boeuf*; é o significado *boeuf* que tem como significante *boeuf*.

Adiante, neste mesmo trecho, há outro ponto a ser considerado: onde se lê *d'un côté de la frontière*, no trecho original, em T1, lê-se *de um lado da fronteira franco-germânica*. Ora, sabemos que Saussure, bem como os compiladores do CLG, eram suíços e moravam na Suíça (onde também se encontra a Universidade de Genebra, local que sediou os cursos que deram origem ao CLG). Assim, essa fronteira em que se fala *b-ö-f* de um lado e *o-k-s* de outro, poderia ser tanto entre a Suíça e a França como entre regiões da Suíça, em que são faladas diferentes línguas, entre elas, principalmente o francês e o alemão. De qualquer modo, no texto do CLG há apenas *de um lado da fronteira* se diz *b-ö-f*, *do outro se diz o-k-s*. Há aí um aspecto cultural que é importante para entender a reflexão de Saussure sobre as relações do signo e que fica obliterado pela T1 nessa passagem.

Nesse mesmo trecho, a T2 elimina a palavra *frontière* e, assim, o aspecto cultural de "coabitação"

evocado por *fronteira* perde a referência ao fato de que línguas, mesmo que na vizinhança (de fronteiras), significam de modo diferente. Além disso, a T2 acrescenta a especificação sobre as línguas em que se diz *boeuf* e *Ochs*, respectivamente o francês e o alemão. Contudo, no original, não há essa especificação, e a ênfase não é nas línguas em particular, mas em um aspecto da arbitrariedade do signo das línguas em geral, que se confirma pela existência de diferença entre as línguas e no próprio fato de haver línguas diferentes.

A seguir, um terceiro e último trecho para análise:

Trecho 3

Original CLG, p.102	T1: Tradução de Chelini, Paes e Blikstein, p.83-84	T2: Tradução de Bagno, p.119
<p>Les exclamations, très voisines des onomatopées, donnent lieu à des remarques analogues et ne sont pas plus dangereuses pour notre thèse. On est tenté d'y voir des expressions spontanées de la réalité, dictées pour ainsi dire par la nature. Mais pour la plupart d'entre elles, on peut nier qu'il y ait un lien nécessaire entre le signifié et le signifiant. Il suffit de comparer deux langues à cet égard pour voir combien ces expressions varient de l'une à l'autre (par exemple au français <i>aië!</i> correspond l'allemand <i>au!</i>) On sait d'ailleurs que beaucoup d'exclamations ont commencé par être des mots à sens déterminé (cf. <i>diab! mordieu!</i> = mort Dieu, etc.).</p>	<p>As exclamações, bastante próximas das onomatopeias, dão lugar a observações análogas e não constituem maior ameaça para a nossa tese. É-se tentado a ver nelas expressões espontâneas da realidade, como que ditadas pela natureza. Mas para a maior parte delas, pode-se negar haja um vínculo necessário entre o significado e o significante. Basta comparar duas línguas, sob esse aspecto, para ver o quanto tais expressões variam de uma para outra língua (por exemplo, ao francês <i>aië!</i> corresponde em alemão <i>au!</i> e em português <i>ai!</i>). Sabe-se também que muitas exclamações começaram por ser palavras com sentido determinado (cf. <i>diabo!</i>; ou em francês, <i>mordieu</i> = morte Dieu etc.).</p>	<p>As interjeições, muito próximas das onomatopeias, permitem observações análogas e tampouco constituem risco para a nossa tese. É-se tentado a ver nelas expressões espontâneas da realidade, ditadas, por assim dizer, pela natureza. Mas para a maioria delas é possível negar que haja um vínculo necessário entre significado e significante. Basta comparar duas línguas a esse respeito para ver o quanto essas expressões variam de uma para a outra (por exemplo, ao francês <i>aië!</i> corresponde o inglês <i>ouch!</i>). Além disso sabe-se que muitas exclamações começaram sendo palavras com sentido determinado (cf <i>diabo!</i>; <i>credo</i> = latim <i>credo</i>, “eu creio” etc.).</p>

Em primeiro lugar, nas duas traduções nos deparamos, novamente, com a problemática dos exemplos, como vimos, no trecho anterior, na substituição^{XLIII} do exemplo em francês (*soeur*) por um exemplo em português (*mar* e *irmã*). Neste trecho, em T1, não há substituição de exemplo, mas é acrescentado um exemplo em português (*e em português ai!*). Em T2, é suprimido o exemplo do alemão, e é acrescentado um do inglês (*o inglês ouch!*). Ou seja, em T1 é adicionado um exemplo que não existia no original, em uma correspondência com o português, que é feita pelos tradutores e, em T2, há uma

XLIII Trata-se de substituição referencial, pois na tradução sempre há substituição.

supressão do exemplo em alemão e um acréscimo de uma correspondência com o inglês, também a cargo do tradutor. Note-se que há alterações de ordem referencial nas duas traduções.

Como já dissemos, essa é uma questão delicada, que traz ambiguidade para o texto, pois o exemplo é apresentado ao leitor como se assim tivesse sido formulado por Saussure, que não deu exemplos nem português nem em inglês, pelo menos não nesses casos, e, sim, apresentou um exemplo em francês, outro em alemão^{XLIV}.

Em T2, notamos ainda que se lê *interjeições*, no ponto em que, no original, há *exclamations* [exclamações]. A questão é que um não pode ser tomado pelo outro, já que *exclamation* é um ato de fala e *interjeição* é uma classe de palavra. Além disso, mais adiante, o termo *exclamations* é retomado, e, desta vez, em T2, a tradução é *exclamações*. Em T1, nas duas ocorrências de *exclamations* a escolha foi por manter *exclamações*.

Para finalizar a análise desse trecho, observamos que a tradução da exemplificação que aparece entre parênteses, *cf. diable! mordieu! = mort Dieu, etc.* é feita em T1 por *cf. diabo !; ou em francês, mordieu = morte Dieu etc.* Em primeiro lugar, foi traduzido *diable*, por *diabo*, mas não *mordieu*, que permanece em T1, com o adendo de que se trata de uma palavra em francês. Em segundo lugar, foi omitido o ponto de exclamação em *mordieu*. Por fim, foi traduzido *mort* por *morte*, mas *Dieu* permanece em francês. A decisão em manter simultaneamente expressões traduzidas para o português e expressões em francês, além das omissões, dificultam a compreensão do exemplo. O exemplo é de apenas duas exclamações: *diable*, que já é a própria palavra que originou a blasfêmia, e *mordieu*, esta com a indicação (pelo sinal de igualdade) da expressão com sentido determinado (*mort Dieu*) que originou a blasfêmia *mordieu*.

Nessa mesma passagem, T2 traduz *diable* por *diabo*, mas substitui *mordieu* por *credo*, sem o ponto de exclamação. Além disso, ainda em T2, é mantida a função do sinal de igualdade do original, com uma explicação para a origem de *credo* (que viria do *latim credo*, “eu creio”). Retornamos aqui, ainda uma vez, à problemática dos exemplos, pela questão referencial e cultural, que muda a recepção da teoria.

Conclusão

Feito o percurso teórico-analítico anterior, é possível tecer algumas considerações finais relativamente, de um lado, aos aspectos linguísticos levados em conta na discussão em torno da ideia de *retradução*; de outro lado, aos impactos que tradução e *retradução* têm no entendimento de uma dada teoria.

A análise dos trechos examinados mostra que os aspectos linguísticos considerados colocam em relevo a questão do significado linguístico. Quer dizer, um significado não pode ser atribuído à “coisa” do mundo, mas ao fato de que ele pode ser “traduzido” linguisticamente, e sempre em atenção ao uso que é feito dessa ou daquela palavra. Esse uso nada mais é do que o significado que adquire do fato de aparecer em um dado texto discurso enunciado (o termo aqui é indiferente). É, portanto com a língua que se fala da língua (propriedade metalinguística) e, na tradução, evidencia-se essa operação uma vez que se coloca

XLIV Como no caso de *boeuf e Ochs*, trata-se das principais línguas faladas na Suíça, o que enseja pensar que os exemplos dados por Saussure em seus cursos não são injustificados.

a língua a serviço da explicação da língua.

Essa interpretação que fazemos dos “aspectos linguísticos da tradução” é nitidamente jakobsoniana e encontra apoio numa formulação do autor que conhecerá notoriedade na história dos estudos da tradução: “as línguas diferem essencialmente naquilo que *devem* expressar, e não naquilo que *podem* expressar” (JAKOBSON, 1974, p. 67, itálicos do autor).

Além disso, ao entendermos que uma dada língua de chegada, em função de sua configuração específica, influencia o pensamento que traduz – concepção essa decorrente do trabalho de Cassin (2018) – deixamos entrever que as *retraduções* têm de lidar com o que, de certa forma, resiste à equivalência óbvia entre as línguas, mas não deixa de se inscrever na ordem dos saberes na língua de chegada. Em outras palavras, as leituras das *retraduções* impactam e influenciam no modo de reconstruir uma teoria – no caso a do Saussure no CLG. Nossas análises ilustram a permanente necessidade de *retradução* e, além de fazerem repensar a teoria, sinalizam uma perspectiva de recepção de leitura.

Por fim, o percurso aqui feito reafirma um princípio (ético? político? teórico?) da tradução: é preciso partir do conjunto do texto para traduzir; somente o conjunto pode determinar as partes e não o contrário. Seria esse um princípio derivado do próprio pensamento saussuriano cuja premissa básica é o primado do sistema sobre as partes?

Referências

ALBIR, H. **Traducción y traductología: introducción a la traductología**. 10. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2018.

CASSIN, B. (coord.); SANTORO, F.; BUARQUE, L. (Org.). **Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias – Línguas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v. 1.

CASSIN, B. Apresentação da 1ª edição francesa do Vocabulaire Européen des Philosophies. In: CASSIN, B. (coord.); SANTORO, F.; BUARQUE, L. (org.). **Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias – Línguas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v. 1, p. 16-21.

BERMAN, A. La retraduction comme espace de la traduction. In: **Palimpsestes**. 1990. Disponível em: <http://journals.openedition.org/palimpsestes/596>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. Marxismo e filosofia da linguagem: a recepção de Bakhtin e o Círculo no Brasil. **Bakhtiniana. Revista de estudos do discurso**. São Paulo, n. 15(2), p. 33–63, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/44560>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BROWER, R. A. (Org.). **On Translation**. Cambridge/EUA: Harvard University Press, 1959.

CHEVREL, Y. Introduction: la retraduction – und kein Ende. In: KAHN, R.; SETH, C. **La retraduction**. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010, p. 11-21.

CIULLA, A; LOPES, L.; FINATTO, M-J. O CLG como um corpus linguístico: representação de conhecimento e questões de tradução. In: PINHEIRO, C.; LIMA, H. (orgs.). **Diálogos – Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos**. Natal: EDUFRN, 2016 v. 2, p. 45-65.

COSENZA, G. Le rôle d'Alice Bally dans l'édition italienne du Cours de linguistique générale. In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 57-74. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

FLORES, V. do N. Comentários sobre as traduções da 'Nota sobre o discurso' de Ferdinand de Saussure no Brasil: elementos para leitura da 'Nota'. **Leitura**. n. 62, 2018, p. 173-190, Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4505>. Acesso em: 25 abr. 2023.

FLORES, V. do N.; HOFF, S. Saussure em francês e Saussure em português: Eles dizem (quase) a mesma coisa?. **Todas as letras. Revista de língua e literatura**. São Paulo, n. 22(2), 2020, p. 1-16. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/13387>. Acesso em: 25 abr. 2023.

FLORES, V. do N. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019a.

FOREL, C. "Any attempt to supply single-word English equivalents...". In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 45-56. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

GAMBIER, Y. La retraduction: ambiguïtés et défis. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (Orgs.). **Autour de la retraduction**. Paris: Orizons, 2012, p. 49-67.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 63-72.

JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

KIM, S.D. Les problèmes de la traduction du Cours de linguistique générale dans le monde de l'écriture chinoise: terminologie, épistémologie, réception. In : JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 7-24. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

LADMIRAL, J-R. Nous autres traductions, nous savons maintenant que nous sommes mortelles...". In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (Orgs.) **Autour de la retraduction**. Paris: Orizons, 2012, p. 29-49.

LAHUD, M. et al. Nota dos tradutores. In: BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud et al. São Paulo: HUCITEC, 1988. p. 7.

MATTOS, T.; FALEIROS, A. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. **Revista Letras Raras**. v. 3, n. 2, 2014, p. 35-57. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/307/241>. Acesso em: 25 abr. 2023.

MESCHONNIC, H. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira São Paulo: Perspectiva, 2010.

OLIVEIRA, T. M. Yves Gambier, teórico da retradução: uma releitura de Antoine Berman. **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**. v.2, n.1, 2014, p. 125-141. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/ronai/article/download/23096/12767/91169>. Acesso em: 25 abr. 2023.

OUSTINOFF, M. **Tradução: história, teorias e métodos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

ÖZTÜRK KASAR, S. La traduction turque du Cours de linguistique générale de F. de Saussure par B. Vardar: une version exemplaire d'un maître-traducteur. In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 75-98. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

PRAIS, F. SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021. 392p. Resenha. **Revista Do GEL** v. 19(1), p. 283–295. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3401>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SALVERDA, R. F. de Saussure in Indonesia: Translation and reception. In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 99-114. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SALVERDA, R. F. de Saussure's Cours de linguistique générale in translation: A world bibliography, 1928-2014. In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 115-130. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Notas e comentários de Tullio de Mauro, traduzidas do italiano por Louis-Jean Calvet. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1976.

SOFIA, E.; SWIGGERS, P. La traduction allemande du Cours de linguistique générale et sa diffusion dans les pays germanophones (1916-1935). In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 25-44. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SUENAGA, A. **Saussure, un système de paradoxes. Langue, parole, arbitraire et inconscient.** Limoges: Lambert-Lucas, 2005.

Artigo original

A linguística saussuriana em discursos sobre formação inicial de professores: projeções em ementários de cursos de Letras do Oeste de Santa Catarina

Saussurian linguistics present in speeches on initial teacher education: projections on syllabuses of letters courses in the west of Santa Catarina

Mary Neiva Surdi da Luz
Tamiris Machado Gonçalves

Resumo: Este artigo analisa ressonâncias do pensamento saussuriano no discurso sobre formação inicial de professores de línguas. Para tanto, recorreremos à Teoria Dialógica do Discurso, História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso franco-brasileira. O corpus são ementários de Cursos de Letras do Oeste catarinense. Os resultados apontam a essência de abordar os fundamentos da área das Letras, considerando que a linha base da linguística moderna é traçada a partir de Saussure. Dessa consideração, problematizamos o fato de a didatização dos saberes tomar a mesma sequência da constituição do discurso científico, sem considerar que, quando transposto, esse discurso já é outro.

Palavras-chave: Formação inicial de professores; Ementários; Letras; Saussure; Discurso.

Abstract: This article analyzes the resonances of Saussurian thought son speeches related to the initial training of Letters teachers. To this end, we resort to the Dialogical Theory of Speech, History of Linguistic Ideas, and the French-Brazilian Discourse Analysis. The corpus is formed by Letters courses syllabuses, in the west of Santa Catarina. The results point to the essence of approaching the fundamentals of Letters courses, taking in to consideration that the baseline of modern linguistics is drawn from Saussure. Based on this consideration, we bring light to the fact that the didacticization of knowledge takes the same sequence as the constitution of the scientific speeches, without considering that, when transposed, this speech is already another – that is, different from the original.

Keywords: Initial teacher education; Syllabus; Letters; Saussure; Speech.

Introdução

Neste artigo centramos nossa atenção em documentos institucionais para compreender como determinados discursos são organizados em diferentes materialidades textuais, viabilizando que, sob uma análise teórico-metodológica definida, seja possível compreender as vozes que os perpassam, fazendo-nos perceber ressonâncias, ideologias em tensão. Com Surdi da Luz, argumentamos que isso é possível porque tais materialidades são recortes do universo do dizível. São “[...] objetos linguístico-histórico-

discursivos, a partir dos quais podemos analisar o funcionamento do interdiscurso na relação com o intradiscurso, bem como os modos de inscrição da história e dos sujeitos” (SURDI DA LUZ, 2014, p. 66).

Tendo isso em vista, objetivamos analisar ressonâncias do pensamento saussuriano no discurso sobre formação inicial de professores de línguas, a partir da compreensão das vozes que perpassam ementários de licenciaturas em Letras do Oeste catarinense. O objetivo específico é entender quais projeções desse perfil de formação inicial do profissional da área emerge dessas considerações.

Para tanto, foram selecionados três Projetos Pedagógicos de Curso – PPCs de instituições de ensino (IE) que oferecem formação em Letras no Oeste do estado de Santa Catarina. Os PPCs mencionados são dois de IEs privadas e um de uma IE pública, publicados nos anos de 2020 e 2021 e disponibilizados na internet. Essas universidades oferecem duas curso de Letras não presencial; e uma presencial. A materialidade específica de análise são os ementários, por isso um dos critérios de seleção foi que os PPCs tivessem a apresentação das ementas, seguidas ou não de referências. Os critérios de seleção das materialidades levaram em conta a região, a oferta do curso e a disponibilidade de encontrar os documentos on-line. A busca se deu inicialmente no e-Mec; depois, nos *sites* das IEs.

Para levar a cabo os objetivos propostos, recorreremos a um diálogo entre Teoria Dialógica do Discurso, História das Ideias Linguísticas (HIL) e Análise de Discurso franco-brasileira, em que a primeira contribui com a noção de *vozes discursivas*; a segunda, com a ideia de *percurso dos saberes* e a terceira com a noção de *ressonância discursiva*. Nesses termos, para contemplar o objeto em questão, realizamos, por um lado, uma análise que se volta para o interdiscurso que compõe as materialidades selecionadas; e, por outro, coloca a atenção no intradiscurso, a fim de entender o fio do discurso, que nos conduz à reflexão sobre “[...] a relação indissociável, tensa e contraditória, entre o Estado, as instituições e os saberes” (FERREIRA, 2009, p. 15).

Com este estudo, esperamos compreender, com base em Serrani (2001), as ressonâncias presentes nas materialidades discursivas que constituem o discurso sobre formação inicial do profissional de Letras, discorrendo sobre a questão de que escolher um saber e catalogá-lo, encerrá-lo em um ponto de vista específico, registra o que é (e o que não é) *saber* dentro de um determinado campo. Nosso desejo é que as considerações levantadas com o apoio teórico escolhido possibilitem pensar a historicidade das ciências (AUROUX, 2008), a fim de refletir sobre como os discursos científicos no campo das Letras se constituem saberes para essa comunidade científica e passam a demarcar a representação histórica dessa área, desenhando um percurso de formação.

2. Discurso sobre vozes sociais na tessitura do dizer

Mobilizamos a noção de *discurso sobre* para entender como a linguística saussuriana (re)aparece em discursos sobre formação de professores, especificamente nos ementários de cursos de licenciatura em Letras. Assim, voltar-se para essa noção é traçar uma perspectiva que considera o tempo e o espaço, isto é, a historicidade a fim de identificar vozes discursivas que tecem dizeres.

Nesse sentido, é oportuno convocar referenciais teórico-metodológicos que permitam uma

análise social e histórica, que compreenda a linguagem como um fenômeno também construído nesses termos, a fim de que seja possível tomar como ponto de partida o discurso para o entendimento dos sentidos que os materiais de análise deixam ver. Esse é o caso das perspectivas fomentadas pela Teoria Dialógica do Discurso, pela Análise de Discurso franco-brasileira e pela História das Ideias Linguísticas.

Discorrendo sobre a metodologia das ciências humanas, Bakhtin (2017 [1930-1940]) explica que uma compreensão geral sobre os fenômenos advém do desmembramento de atos menores de compreensão que devem partir:

1. [...] [da] percepção psicofisiológica do signo no físico (palavra, cor, forma espacial).
- 2) [da] sua *inteiração* (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu *significado* reprodutível (geral) na língua.
- 3) A compreensão de seu *significado* em dado *contexto* (mais próximo e mais distante).
- 4) A compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade (BAKHTIN, 2017, p. 63).

Nessa citação, podemos entender que o autor nos conduz por um caminho de abordagem crítica, para olhar os fenômenos considerando sua interioridade e sua exterioridade, isto é, analisando elementos internos ao discurso, no que diz respeito à língua, suas formas de seleção e organização, no que diz respeito à estrutura e à composição dos enunciados; e externos a ele, mobilizando elementos de recepção e projeção dos discursos meio a suas relações dialógicas. Essa perspectiva tem a historicidade como um princípio imanente para acabamento “[...] da análise (do conhecimento e da interpretação) em um dado texto” (BAKHTIN ([1930-1940] 2017, p. 66), sem perder de vista os limites do texto e do contexto, para considerar que os signos presentes nas materialidades textuais comportam para além dos seus limites porque a compreensão e a interpretação se dão na relação com o mar de outros textos que circulam na sociedade (BAKHTIN [1930-1940] 2017).

Para o pensador russo, “Tudo isso se revela unicamente no nível do grande tempo” (BAKHTIN [1930-1940] 2017, p. 74), ou seja, na história, que deixa ver o diálogo infinito dos sentidos, mostrando que o que há são, como diz Bakhtin ([1930-1940] 2017), vozes e relações dialógicas construindo sentidos no tensionamento com o passado e com o futuro porque todo sentido se relaciona com a historicidade que o atravessa, tanto porque aponta para o que o antecede, quanto porque aponta para uma sucessão de possibilidades, em uma cadeia que sinaliza estabilizações ou renovações nesse jogo de não existir nem a primeira nem a última palavra. A história constrói um *continuum* de relações de sentido.

Nessa perspectiva, a língua(gem), como produto da vida social, é perpassada por relações dialógicas produzidas ao longo da história e tensionadas por ela. Por essa razão, com “[...] a ajuda da linguagem/língua, criam-se e formam-se os sistemas ideológicos (a ciência, a arte, a moral, o direito), e ao mesmo tempo o homem” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 264). Assim, a língua(gem) é organizadora dos processos de entender-se e do entender o mundo, já que, por meio da alteridade, permite que o *eu* e o *não eu* se constituam pela diferença, fazendo notar perspectivas e recortes de mundo. Nesses termos, atravessa os processos de significação e sentido, perpassa o simbólico porque mobiliza signos ideológicos, na edificação

de crenças, costumes, conceitos que compartilham os enunciados que dividem um mesmo horizonte. A língua(gem) é, nessa perspectiva, viabilizadora dos mais variados tipos de relações, ao mesmo tempo que é fruto dessas, já que “[...] é produto da atividade coletiva humana, e todos os seus elementos refletem a organização tanto econômica quanto sociopolítica da sociedade que a gerou” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 248).

Assim, todo discurso contém uma diversidade de vozes sociais que o tecem, porque há nas palavras uma memória semântica e social que constrói valorações (DAHLET, 2005; BUBNOVA, 2006). Essa perspectiva abre espaço para pensar o conceito de *discurso sobre*. Com Surdi da Luz (2010), argumentamos que ele se sustenta na memória histórica, forjada socialmente, de modo que organiza um determinado posicionamento sobre aquilo que constitui como objeto do dizer. Orlandi (1990) explica que o discurso sobre é organizador de interpretações porque ele é quem disciplina e delimita a memória, institucionalizando sentidos, de modo a construir argumentos de autoridade. Essa compreensão leva a pensar sobre como as teorias formatam o saber a partir da formalização de certos objetos, provocando modos de reconhecer e representar o saber na historicidade daquilo que analisamos.

Orlandi (2013), discorrendo sobre disciplinarização dos estudos da linguagem no Brasil, explica que o século XIX é marcado pelas relações de independência entre Brasil e Portugal, que levam à perspectiva nacional de língua e literatura brasileiras que organiza nossa sociedade, nossas instituições e marca a relação de trabalho dos profissionais da linguagem, delimitando concepções de ensino e percepções sobre língua(gem). Nesses termos, a autora (2013, p. 230) chama a atenção para “[...] como a produção do conhecimento linguístico resulta em uma organização social do trabalho sobre a língua com efeitos para a organização do próprio conhecimento social”.

Nesse contexto, há a profissionalização do professor de Letras, que, inicialmente, modela a gramática do cânone luso-brasileiro e nesse mesmo cânone tem o ideal de bem falar. Somado a qualquer exemplar de erudição e bom uso da língua, os professores escreviam suas gramáticas e disciplinavam sobre a língua, cada um à sua maneira. No século XX, depois de 1950, com a criação da Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB, passa a existir uma uniformização da metalinguagem, agora vinculada à perspectiva do linguista, profissional que conhece cientificamente a língua – ganhando mais força desde a institucionalização da disciplina linguística nos cursos de ensino superior.

Conforme Schneider (2012; 2018), a institucionalização da linguística como disciplina obrigatória nos cursos de Letras ocorre via decreto federal no ano de 1962, mas as discussões que marcam a presença da linguística no Brasil remontam a período anterior porque dizem respeito também aos agentes e aos espaços institucionais que legitimavam modos como esse domínio de saber se inseria no país. Assim, na perspectiva da autora, é preciso considerar que as discussões linguísticas se iniciam nos anos 1930, quando da proposição dos primeiros cursos de Letras, com profissionais brasileiros que se interessavam por linguística, e a partir de profissionais franceses visitantes, que compartilhavam uma visão europeia da linguística. Além disso, de acordo com Schneider (2018), é preciso destacar a importância das revistas que colocaram em circulação temáticas linguísticas e contribuíram para a legitimação desse saber em diferentes espaços, acadêmicos e não acadêmicos; bem como os congressos que discutiam essa pauta.

Todo esse cenário tensiona dois posicionamentos, o do gramático, que normatiza, mostrando

usos e desvios que cabem nessa prescrição; e do linguista, que discorre sobre usos pela via do discurso da ciência, elaborando metalinguagem que serve à unificação da compreensão dos fenômenos estudados. O aluno de Letras, nessa organização, constitui-se como profissional que sabe sobre a língua, tanto com base na perspectiva da gramática quanto em uma perspectiva linguística (ORLANDI, 2013). Esse panorama não é fixo porque as condições sociais, tecnológicas e teóricas levam à continuidade dos debates sobre os fenômenos e os objetos estudados.

É interessante pontuar que, no Brasil, embora haja cursos de bacharelado específicos em Linguística, a formação em Letras, licenciatura ou bacharelado, é a que enseja o caminho nas discussões da área. O percurso, então, inicia-se na graduação, quando há os primeiros contatos com componentes curriculares de Introdução à Linguística, bem como com demais componentes que vão mostrando diferentes linhas de pesquisa e suas interfaces dentro da linguística, de modo a formar uma visão alargada do fenômeno da língua(gem). Essa percepção vai se refinar na pós-graduação, nas especificidades do *lato* e do *stricto sensu* que localizam as pesquisas do profissional no âmbito da linguística e o titulam profissional da área.

Assim, por desenvolver justamente pesquisas embasadas teórico-metodologicamente na linguística, por recortar objetos e analisá-los sob essa ótica, é que esse profissional se constitui linguista, porque exerce um ponto de vista científico de análise da língua(gem) – teórico ou aplicado – e se coloca em interlocução com pares, movendo-se por comunidades de conhecimento, que são normativas para validar e reconhecer o que é produzido em determinado domínio de saber, conforme Auroux (2008). Assim, esse sujeito integra ambientes institucionalizados em que há legitimação do saber linguístico, circula por esses espaços em interlocução com outros profissionais da área, participa das discussões e contribui com a área, aportando movimentos de legitimação dos saberes em circulação a partir de suas pesquisas.

Nesse sentido, ser linguista edifica-se pela autorização de analisar, descrever, discorrer sobre as características e o funcionamento da língua(gem) e de posicionar-se acerca desse universo. Essa autorização lhe é outorgada pela formação específica na área e pela continuidade de estudos que lhe permitam, em suas pesquisas, acessar um horizonte de retrospectão, isto é, conforme explica Auroux (2008), um conjunto de conhecimentos antecedentes, que estão em relação com o tempo, porque se espriam pelas discussões que se deram em determinado campo ao longo da história. Isso lhe permitem projetar considerações, sempre ancoradas teórico-metodologicamente.

As pesquisas na Linguística, em suas diferentes ramificações, mostram que vai sendo tecido um discurso sobre a língua, manifestado em diferentes ângulos, teóricos ou aplicados. O estruturalismo, por exemplo, edificou-se como um discurso de autoridade sobre a língua, em razão de que o recorte apresentado por Saussure no “Curso de Linguística Geral – CLG” define o objeto da linguística. Costa, Schneiders e Sherer (2012) chamam a atenção para a importância de pensar sobre a palavra definição no âmbito da discussão da delimitação do objeto da linguística por Saussure porque ela marca a constituição da história de produção do conhecimento. A escolha por compreender que Saussure definiu o objeto da linguística também vem do fato, segundo as autoras, de que as ciências humanas lidam com objetos, pensando especificamente no caso das línguas, que preexistem a qualquer conhecimento linguístico, daí

o autor genebrino não ter descoberto o objeto da linguística, mas o definido.

Costa, Schneiders e Sherer (2012) argumentam que o CLG se inscreve na história da Ciência Linguística como um lugar de memória, que nos faz recontar a história da linguística desse ponto e determinar o percurso disciplinar a partir daí. Essa compreensão nos leva diretamente às questões que inspiraram esta pesquisa: como se organiza o currículo de formação inicial de Letras? Quais referências criam o discurso sobre LP? Para as análises, pautamo-nos em Serrani (2001, p. 40), quando define que existe “[...] ressonância discursiva quando determinadas marcas linguístico-discursivas se repetem, contribuindo para construir a representação de um sentido predominante”.

3. Do arquivo e do *corpus*: vozes em tensão

O arquivo deste estudo, compreendido como “[...] campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX 1997, p. 57), é formado pelos Projetos Políticos de Curso (PPC) de três cursos de Letras, constituindo-se, assim, em um arquivo documental/institucional, a partir do qual revisitamos ressonâncias do pensamento saussuriano no discurso sobre formação inicial de professores de línguas.

O *corpus*, para Orlandi (2002), em sua delimitação, não segue critérios empíricos, e sim teóricos. Isso porque, nas palavras da autora, a constituição dele e sua análise, em AD, estão intimamente relacionadas, tendo em vista que, ao se fazer a seleção do que faz parte do *corpus*, já se determinam as propriedades discursivas do que é selecionado. As ementas e demais textualidades que se mostram significativas para os objetivos da pesquisa, materiais esses de consulta pública, são nosso *corpus*.

A escolha dos PPCs se deu a partir de uma busca inicial no e-Mec, a fim de saber quais IES atendiam a região Oeste catarinense. Depois, partimos para a verificação de quais dessas IES tinham seus PPCs disponíveis on-line. Em seguida, desses PPCs, ficamos com aqueles que apresentavam ementas abertas à consulta pública.

Assim, a investigação se debruçou sobre a análise de três documentos, categorizadas como PPCs, oriundas de três IES, cujos nomes são referidos na forma de um código alfanumérico, composto pela letra maiúscula I (de instituição) e um número de 1 a 3, para indicar que são três as IES. Desse modo, temos a sequência: I1, I2 e I3, conforme mostra a Figura 1, que indica também o ano e o curso dos PPCs, bem como a modalidade de aula.

Quadro 1: Informações relativas às IES e às materialidades em análise

IES	PPC	ANO	CURSO	Modalidade
I1	I1	2020	Letras Port/Esp	Presencial
I2	I3	2021	Letras-Português	A distância
I3	I3	2021	Letras-Português	A distância
Total: 3	Total: 3			

Fonte: Produzido pelas autoras.

Dito isso, passamos ao recorte, que chamamos de recorte discursivo (RD). O recorte é o resultado

da relação entre a pergunta básica do analista e o material da análise. O recorte é considerado como uma unidade discursiva, um fragmento indissociável da linguagem e da situação (ORLANDI, 1987, p. 139).

No caso do *corpus* deste texto, consideramos como recorte as discursividades constitutivas dos documentos que compõem o *corpus*. Para encontrá-lo, foram analisados os PPCs das IES, selecionados componentes curriculares obrigatórios e verificadas, nas ementas e bibliografias, as regularidades em termos dos aspectos gerais trabalhados, a fim de chegarmos a um denominador comum que perpassasse o arquivo para compreender as vozes que marcam o perfil da formação inicial docente no Oeste catarinense. Assim, percorremos o arquivo buscando analisar as ressonâncias do pensamento saussuriano na formação do profissional de Letras, de modo que chegamos a 1 (um) RD com 3 (três) Sequências Discursivas (SDs), que nos propomos a compreender na seção que segue.

4. Ementários em tensão: conexões e projeções

Nesta seção é apresentado o RD, seguido de nosso gesto interpretativo-analítico. No que tange à organização do quadro que mostra o RD, há quatro colunas, nas quais cada uma contém, respectivamente, a indicação da SD; o período do curso em que é ofertado o CCR em análise; os títulos dos componentes curriculares (com o código da IE); a ementa, na íntegra ou em forma de excerto; e a referência bibliográfica, para o caso de especificar algum aspecto importante que demarque a constituição do arquivo.

A partir da análise do arquivo e do *corpus*, fizemos o recorte discursivo intitulado Aspectos Gerais de Fundamentação, uma vez que nele agrupamos componentes curriculares obrigatórios que apresentam caráter de introdução aos estudos linguísticos, que versam sobre fundamentos gerais da área, tal como é possível ver no Quadro 2.

Quadro 2: RD1: Aspectos Gerais de Fundamentação

SD	PERÍODO	CCR	EMENTA	Referências
SD1:	1	(I I a) Introdução aos estudos linguísticos	Breve histórico da produção do conhecimento linguístico. Os estudos da linguagem no campo da linguística: noções básicas e principais tendências teórico-metodológicas. Conhecimento linguístico e ensino.	A bibliografia básica do CCR indica o <i>Curso de Linguística Geral</i> ; a bibliografia complementar, dois livros sobre Saussure: <i>Introdução à leitura de Saussure</i> ; e <i>Para compreender Saussure</i> .

SD2	4	(I 2) Linguística aplicada à LP	Aspectos e características gerais da linguagem: abordagens descritivas e normativas. Introdução à Linguística Moderna e às dicotomias saussurianas: língua/fala, sincronia/diacronia, relações sintagmáticas/paradigmáticas. Contextualização da Linguística Aplicada como área de conhecimento e pesquisa. As concepções de língua e linguagem aplicadas ao ensino de língua portuguesa em contexto de educação básica. [...].	A bibliografia apresenta Manuais de introdução à linguística e o livro <i>Saussure: a invenção da linguística</i> .
SD3	3	(I 3) Introdução aos Estudos Linguísticos	A Linguística como estudo científico. A natureza da linguagem humana. Usos e funções da linguagem humana. Ferdinand de Saussure: o pai da Linguística Moderna. Níveis de análise linguística. Estruturalismo. Abordagens teórico-metodológicas de estudo da língua (gerativismo, funcionalismo e sociointeracionismo). Algumas áreas da Linguística (psicolinguística, neurolinguística, pragmática).	Não possui bibliografia

Fonte: as autoras

Para construir as análises, escolhemos o percurso da análise dos ementários das disciplinas constitutivas do arquivo documental/institucional, pois, como afirma Scherer, “[...] falar da história dos estudos linguísticos, a partir dos ementários, nos leva a uma compreensão mais específica da própria história disciplinar” (2005, p. 15). Isso posto, passamos à análise.

4.1 A linguística moderna como base para os estudos de Letras

No RD1, é possível notar que entre as SDs selecionadas há a essência de abordar os fundamentos da área das Letras, mostrando ao professor em formação inicial que a linha base do que é considerado linguística moderna é traçada a partir de Saussure. Entendemos que essa argumentação se realiza no tensionamento das palavras-chave na descrição da ementa ou essa com a bibliografia, já que os títulos dos CCRs são mais amplos, mencionando apenas linguística ou estudos linguísticos.

Esse discurso está em diálogo com o próprio CLG, no qual é declarado que os estudos anteriores que tratavam da linguagem não tinham suas margens muito bem delimitadas, levando ao fato de que a linguística carecia de um objeto definido para erguer-se como ciência, nos parâmetros da época, porque “[...] os limites que a separam de outras ciências não aparecem sempre nitidamente” (SAUSSURE, 2006, p. 13).

Em razão disso, Saussure propõe que o objeto da linguística é a língua, que não se confunde com a linguagem, mas é uma parte essencial dela. Para o autor (2006, p. 17), a língua “[...] é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Além disso, Saussure (2006, p. 18) justifica que a língua deve ser o objeto da linguística porque ela é “[...] um todo por si e um princípio de classificação”, dando motivos para tomá-la como norma de todas as manifestações da linguagem.

Justamente por essas delimitações metodológicas Saussure é considerado “[...] um divisor de águas no estudo científico da linguagem” (CARVALHO, 1997, p. 9). Como menciona De Mauro (2018) defende que a linguística contemporânea, com pesquisas nas mais diversas linhas, é tramada a partir de palavras-chave trabalhadas no CLG. Segundo o autor, a contribuição de Saussure está no estudo detalhado do aspecto arbitrário, que deixa ver a natureza social da língua, uma vez que “[...] os signos, na sua diferenciação recíproca e na sua organização em sistema, não respondem a nenhuma exigência natural que lhe seria externa, a única base válida de sua configuração particular em tal ou tal língua é o consenso social” (DE MAURO, 2018, p. 25-26).

No CLG, é possível perceber que existe uma grande preocupação em apresentar um recorte científico com clareza metodológica e indicação de um objeto definido, daí a obsessão em declarar o “verdadeiro” objeto da linguística (SAUSSURE, 2006, p. 10), em dizer como se organiza a “verdadeira linguística” (SAUSSURE, 2006, p. 15), “verdadeira ciência da linguística” (SAUSSURE, 2006, p. 18) ou mostrar o “verdadeiro” lugar da língua nos estudos de linguagem, como atestam os três primeiros capítulos do livro. Isso aponta a escolha de Saussure pela língua em razão da estabilidade desse objeto, de sua possibilidade de descrição, homogeneizada na perspectiva sincrônica.

Arrivé (2010) considera excessivo nomear o autor genebrino como quem atribuiu à linguística caráter científico, dado que “Saussure não fundou a linguística, que já possuía um longo passado científico quando ele nasceu. Mas sua obra está na origem de uma mutação considerável na evolução da disciplina.” (ARRIVÉ, 2012, p. 21). Assim, Arrivé reconhece o que chama de efeito Saussure, que seria a influência direta ou indireta de Saussure em muitos nomes da linguística. Segundo ele, “Saussure é o autor mais lido, mais traduzido, mais citado e mais comentado” (ARRIVÉ, 2012, p. 20) da área.

Costa, Schneiders e Scherer (2012) mencionam que o legado saussuriano trata-se de um arquivo e de um *corpus* constituído pelo conjunto heterogêneo dos textos atribuídos a Saussure e pelos textos editados por Saussure, que se desdobram em textos outros edificados a cada nova pesquisa/tradução/versão/coletânea ou obra que com esses dialoga, construindo a ideia de permanência e inconstância, alimentada toda vez que sai à luz um novo texto. A partir do argumento das autoras, é possível pensar que essa permanência se erige pela presença do CLG como publicação que alça a linguística como ciência, por isso todas as discussões que remetem ao “início” tocam o CLG de alguma forma.

Costa (2014, p. 88) explica que a permanência da discussão do CLG até os dias de hoje se deve à “[...] complexidade do seu processo de edição, ao lugar que essa obra ocupou na história da Linguística, bem como às diferentes (re)leituras realizadas em diferentes momentos”. Esses argumentos servem também para pensar sobre a inconstância que ronda o CLG, já que tanto as condições de produção da obra são complexas quanto as discussões suscitadas a cada nova publicação que com ela se relaciona. A

inconstância está na instabilidade da renovação dos sentidos que surgem a cada tradução, a cada nova pesquisa que se debruça sob um determinado ângulo do todo discursivo em que Saussure figura.

Como podemos ver no RD1, há vozes que demarcam essa influência de Saussure nos dias de hoje, quando os currículos de Letras estão perpassados por palavras-chave que se conectam a Saussure, seja na descrição do CCR, seja nas referências que o sustentam, tal como em **Breve histórico da produção do conhecimento linguístico; principais tendências** (na relação com o referencial); **Introdução à Linguística Moderna e às dicotomias saussurianas**; e **Ferdinand de Saussure: o pai da Linguística Moderna**, excertos que aparecem respectivamente nas materialidades das três IEs em cotejo, negritados no Quadro 2.

Ao analisar a formulação das ementas, em seu fio do discurso, ou seja, no nível intradiscursivo, entendemos que há ressonâncias de significação, tal como propõe Serrani (2001), ressonâncias que se linearizam no discurso via paráfrase discursiva. Com base em Leandro-Ferreira (2020, p. 225), entendemos a paráfrase como

[...] processo de efeitos de sentido que se produz no interdiscurso, retorno ao já-dito na produção de um discurso que, pela legitimação deste dizer, possibilita sua previsibilidade e a manutenção no dizer de algo que é do espaço da memória. A paráfrase é responsável pela produtividade na língua, pois, ao proferir um discurso, *o sujeito recupera um dizer que já está estabelecido e o reformula*, abrindo espaço para o novo.

No recorte que estamos analisando, há uma retomada do pensamento saussuriano. Não é observada repetição, mas sim recuperação e reformulação do que já está estabelecido e legitimado.

Se consideramos que o RD1 apresenta componentes curriculares que são ministrados nas IES entre o primeiro e o quarto período de curso, percebemos que esse caminho de apresentação dos estudos linguísticos constrói uma perspectiva que indica vozes que ressoam o discurso saussuriano como base imprescindível para a compreensão da linguística. Se tal perspectiva abre os currículos, essa visão já colore o campo das Letras com uma narrativa de que a linguística começa com Saussure. Isso nos leva ao gesto interpretativo de que, ainda que depois nos PPCs essa perspectiva se tensione com outras de outros CCRs, esse é o ponto de partida para mostrar como outras visões se aproximam ou se afastam dessa.

Inspiradas em Surdi da Luz (2010), dizemos que o RD1 apresenta Saussure como discurso fundador (ORLANDI, 2003) da linguística, fundador porque dá as bases do campo de saber que estudamos, no sentido de que, quando pensamos em linguística, a primeira relação que fazemos se conecta dialogicamente com Saussure. Como linguística é a ciência que estuda a linguagem, o campo das Letras está tecido por fios dialógicos, então, que se conectam a discursos anteriores, construindo uma trama de vozes que projeta uma rede de sentidos que pode ser pensada: Linguística-ciência-Saussure-Letras. A esse tipo de discurso chamamos discurso-referência, já que evoca um já-dito, já que retoma um ponto em comum, para projetar sentidos a partir das conexões que fazemos quando do reconhecimento da cadeia dialógica identificada.

Surdi da Luz (2010) levanta uma importante reflexão sobre o fato de a didatização dos saberes

nos cursos de Letras tomar a mesma sequência da constituição do discurso científico. Para a autora, iniciar por Saussure e fazer uma transposição do discurso científico para pedagógico é negligenciar o fato de que a passagem do discurso científico ao didático o transforma em outro. Em diálogo com esse entendimento, podemos questionar também se traçar o eixo epistemológico da linguística a partir de Saussure não é desconsiderar a história das ideias linguísticas.

Volóchinov (2017, p. 163, grifo do autor) explica que a visão saussuriana é uma dentre algumas que a linguística como ciência bem constituída já apresentava. Essa visão, abalizada por outros autores (tal como por Leibniz e sua percepção de gramática universal) é transpassada por uma perspectiva racionalista, “[...] caracterizada pela ideia da *condicionalidade, arbitrariedade da língua e também pela comparação entre o sistema da língua e o sistema de signos matemáticos*”. Tudo isso demonstra, segundo o autor russo, uma ligação com o pensamento cartesiano e uma visão de mundo neoclássica, que cultua a forma abstrata e o imóvel, tal como pretende o recorte sincrônico proposto por Saussure, seguindo tendências iluministas do século XVIII, colocando nessa forma a essência da linguística como a língua simplificada em um sistema de signos arbitrários, convencionais e racionais.

Essa é uma perspectiva, portanto, muito específica e fechada para comportar um objeto complexo, flexível e histórico – tal como entendido na filosofia da linguagem, teoria de onde fala Volóchinov. Quando Saussure delimita a língua sincronicamente observada como o objeto da linguística, diz Volóchinov (2017, p. 161), ele faz uma ruptura entre história e sistema da língua, criando uma dualidade insuperável já que “[...] o presente da língua e sua história não compreendem nem são capazes de compreender um ao outro”, daí não ser possível dizer que a essência da língua é seu sistema imutável e estável de formas idênticas entre si. Essa visão é insuperável porque abriu precedentes para que durante muito tempo o sujeito, o histórico e o discurso não fossem estudados.

Essas considerações ratificam nosso pensamento de que o recorte epistemológico que marca o caminho dos estudos de linguagem nos cursos de Letras iniciando por Saussure delinea já ao professor em formação um discurso-referência; um marco-zero, um ponto de início, valorando a história das ideias linguísticas a partir desse autor e na tensão com suas explicações. Esse discurso-referência que liga Letras-linguística-Saussure está inscrito na história de edificação dos cursos e na organização da própria linha de tempo dos estudos linguísticos, reverberando uma memória, já uma tradição de estudo, mas sempre é oportuno questionar essas demarcações para compreender quais sentidos se desdobram desses movimentos de tensão.

Para Colombat, Fournier e Puech (2010, p. 31, grifo dos autores), “[...]. Os linguístas do século XX têm relação com o saussurianismo por *filiação, formação ou reação*”. Segundo eles, soma-se a isso o fato de que o CLG é importante para outras áreas, uma vez que a obra é considerada uma “[...] *matriz* em vista da ‘modernização’ do conjunto das ciências humanas em círculos cada vez mais largos, servindo de referência ativa ou reativa”. Justamente por isso os autores mencionam que ainda hoje esse texto é considerado no mundo em diferentes cursos universitários como iniciação à linguística. Sobre essa questão:

O problema colocado para a compreensão das questões ligadas à recepção do CLG é, de início,

um problema historiográfico. A dificuldade aqui vem precisamente do que toda nossa apreensão “espontânea” do período é largamente retrospectiva e teleológica: em inúmeras histórias da linguística dos anos 1960 (Mounin, 1967; Lepschy, 1996), Saussure é o mais frequentemente representado como a origem e o fim das teorizações linguísticas, no esquecimento de mediações e sobretudo de primas de recepção que se interpõem entre ele e nós (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010, p. 32).

O problema da recepção de Saussure – e das considerações históricas que isso abarca – é colocado pelos autores. Nós aqui alongamos o questionamento perguntando-nos como o mestre genebrino é lido e discutido nos cursos de Letras que o evocam. Estamos discutindo Saussure a partir do CLG (obra póstuma edificada a partir das anotações de diferentes pessoas? Estamos tensionando o CLG aos “Escritos de Linguística Geral” (obra escrita a partir dos manuscritos de Saussure, cujas ideias aparecem em estágio embrionário, muitas vezes de maturação, com aspecto lacunar)? Estamos lendo Saussure a partir de comentadores, que oferecem um panorama do chamado *estruturalismo*, apresentação essa atravessada por uma visão de compêndio ou manual?

Cada uma dessas experiências vai oferecer um percurso para pensar tanto o que Saussure propôs quanto o que significa ler a história da linguística a partir dele. E ainda: compreender a área das Letras a partir dessa reflexão! Isso porque, se o professor em formação inicia seu contato por Saussure, ele precisa delimitar o objeto da linguística nos moldes desse autor; depois, com a apresentação de outros CCRs, alargar ou restringir a visão em relação a qual é o objeto da ciência que se estuda pela ótica de cada corrente da linguística. Fica claro ao professor em formação que não se trata de ver a verdade, mas sim de compreender que há pontos de vista em tensão? Fica claro que cada corrente da linguística tem seu próprio objeto ou estamos discutindo se esses objetos se aproximam ou se afastam de Saussure?

Fiorin (2006), discorrendo sobre a composição do primeiro curso de Letras do Brasil, o da Universidade de São Paulo – USP, datado de 1934, explica que a pesquisa linguística surge no país com os cursos de Letras e a perspectiva dessa linguística que se começa a fazer no Brasil é resultado dos atores que estavam envolvidos à época de sua proposição, na historicidade daquele contexto de fixação das universidades. Em sua análise, destaca que a orientação histórico-comparativa imperava, com trabalhos sobre a evolução do português, em perspectiva diacrônica; e que as línguas estrangeiras e as clássicas tinham como objeto a literatura, com vistas à leitura dos textos originais ou à tradução dos originais para o português.

Apesar desse quadro, Fiorin menciona o fato de que, entre os anos de 1945 e 1946, na disciplina de Linguística Românica, de orientação histórico-comparativa, houve um movimento de ruptura, segundo ele (2006, p. 24), devido à formação de um dos catedráticos que atuava na USP. Assim, como o professor ministrante havia estudado na Universidade de Yale e sido aluno de Bloomfield, “[...] começam a difundir-se as ideias dos fundadores da Linguística Moderna. Essa será a base da formação de toda a geração de linguistas, que estão em atuação em diferentes universidades”.

Esse fato nos leva a pensar sobre história e construção do saber científico e história e memória disciplinar, uma vez que, conforme a ciência se desenvolve, o saber científico se envolve, sob determinadas

formas de representação, que passam a ter certos modos de transmissão, levados a cabo a partir de relações de afinidade, que circulam pela voz das comunidades científicas, que validam e legitimam os conhecimentos produzidos (AUROUX, 2008). Dessa compreensão, também destacamos que as IEs são formadas pelas pessoas que nelas atuam, construindo currículos a partir das filiações teórico-metodológicas dos sujeitos que decidem sobre ementas, CCRs, currículo, enfim, tudo aquilo que tem a ver com o perfil que será edificado na instituição. O capital humano da IE é transitório, já que cargos são ocupados em diferentes momentos por diferentes pessoas, fazendo circular perspectivas distintas, que se refratam nas decisões da instituição.

Assim, temos “[...] a história não apenas de fatos e dados, mas as condições de produção de uma certa memória disciplinar; de um certo controle, pelo institucional, quando da divisão disciplinar, quando de sua história”(COSTA; SCHNEIDERS; SCHERER, 2012, p. 2) e a relação entre a IE e os professores que desenvolvem suas atividades, a partir de uma determinada filiação teórica.

Os componentes curriculares dos PPCs analisados deixam ver uma percepção de língua(gem) relacionada com a perspectiva teórica na qual a disciplina se insere e essa visão, possivelmente, será mais bem detalhada nos planos de ensino, mas é possível inferir que no final a condução vai depender da formação do professor ministrante, que pode escolher dar, por exemplo, sintaxe a partir de diferentes perspectivas: sintaxe gerativa, sintaxe em perspectiva dialógica, sintaxe por uma abordagem mais prescritiva (o referencial teórico do CCr contribui para ver essa voz teórica que impera no viés escolhido).

Os títulos que nomeiam as disciplinas, os objetivos das disciplinas, suas propostas de ementa, dentre outros fatores são carregados de historicidade, ou seja, em determinado período histórico mudam conforme uma série de fatores políticos, sociais, econômicos, culturais etc., que determinam tanto sua caracterização quanto sua presença ou ausência nos currículos universitários. A posição que esses CCRs ocupam na matriz curricular também é algo que depende das percepções dos grupos que decidem a identidade do curso, bem como do espírito do tempo que marca as correntes teórico-metodológicas de cada época, priorizando o que deve ser visto no primeiro, segundo ou último período de curso.

Entendemos, a partir de Surdi da Luz (2010, p.162), que as disciplinas, aqui também nomeadas como CCRs, “[...] constituem-se em produtos históricos e instrumentos pedagógicos, pois o que é ensinado na escola deve estar sob o rótulo de uma disciplina, ou seja, deve estar em um lugar institucionalizado para se dizer”. Isso carrega as tendências de um recorte de tempo e também daquilo que se constitui como saber institucionalizado e validado em uma determinada área.

Neste texto não pretendemos questionar a importância de Saussure para a área das Letras, nem criticar a organização curricular dos cursos. O intuito foi analisar as ressonâncias do pensamento saussuriano e pensar o que isso pode reverberar na formação inicial, refletindo justamente sobre a compreensão que o aluno pode ter da linguística como ciência a partir de tal organização.

Considerações finais

Nosso gesto de análise indicou que há a essência de abordar os fundamentos da área das Letras, mostrando ao professor em formação inicial que a linha base do que é considerado linguística moderna é

traçada a partir de Saussure, no sentido de que, quando pensamos em linguística, a primeira relação que fazemos se conecta dialogicamente com esse autor. Como linguística é a ciência que estuda a língua(gem), o campo das Letras está tecido por fios dialógicos que se conectam a discursos anteriores, construindo uma trama de vozes que projeta uma rede de sentidos que pode ser pensada: Linguística-ciência-Saussure-Letras. A esse tipo de discurso chamamos discurso-referência, já que evoca um já-dito, já que retoma um ponto em comum, para projetar sentidos a partir das conexões que fazemos quando do reconhecimento da cadeia dialógica identificada.

Dessa consideração, problematizamos o fato de a didatização dos saberes nos cursos analisados tomar a mesma sequência da constituição do discurso científico, sem considerar que, quando transposto, esse discurso já é outro. A questão é saber se fica claro ao aluno em formação o corte epistemológico que se realiza com as angulações dadas com a escolha do referencial teórico da ementa.

Com este estudo, esperamos ter apresentado uma discussão que tocou a temática das ressonâncias presentes nas materialidades discursivas que constituem o discurso sobre formação inicial do profissional de Letras, discorrendo sobre a questão de que escolher um saber e catalogá-lo, encerrá-lo em um ponto de vista específico, registra o que é (e o que não é) saber dentro de um determinado campo. Com isso, visamos a fomentar a importância de estimular uma aprendizagem crítica.

Referências

ARRIVÉ, Michel. Em busca de Ferdinand de Saussure. São Paulo: Parábola, 2010.

AUROUX, Sylvain. **A questão da origem das línguas**. Campinas: RG, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: 34, 2017.

BRAIT, Beth. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. *In*: FIGARO, R. (org.). **Comunicação e análise do discurso**: as materialidades do sentido. São Paulo: Contexto, 2012.

BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (orgs). Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. *In*: **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2005.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido y diálogo en Bajtín. **Acta Poética** 27 nº 1, 2006, p. 97-114. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/acta-poetica/index.php/ap/article/view/191>. Acesso em: 20 dez. 2022.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. **Uma história das ideias linguísticas**. São Paulo: Contexto, 2017.

COSTA, Maria Iraci. Saussure após um século: a problemática do objeto da linguística. *Fragmentum*, (41), 87-122. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/20814>. Acesso em: 20 dez. 2022.

COSTA, Maria Iraci Sousa; SCHNEIDERS, Caroline Mallmann; SCHERER, EloinaA. Biblioteca Saussuriana à la Borges: Um convite. **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/13438>. Acesso em: 17 jan. 2023.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em análise do discurso. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/118380>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DAHLET, Véronique. A entonação no dialogismo bakhtiniano. *In*: BRAIT, Beth. Dialogismo e construção de sentido. Campinas: Unicamp, 2005.

DA SILVA, Alexandre. Nomenclatura gramatical brasileira na esteira da história das ideias linguísticas. **Verbum**. v. 10 n. 03 (2021): História das Ideias Linguísticas. Disponível em: [v. 10 n. 03 \(2021\): História das Ideias Linguísticas](#). Acesso em: 28 dez. 2022.

DE MAURO, T. ... **Fragmentum**, [S. l.], n. ESPEC, p. 239–257, 2018. DOI: 10.5902/2179219436595. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36595>. Acesso em: 4 abr. 2023.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. A linguística e outros nomes de saber sobre a linguagem. *Revista de Letras*, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: [A linguística e outros nomes de saber sobre a linguagem | Ferreira | Revista de Letras \(ucb.br\)](#). Acesso em: 28dez. 2021.

FIORIN, José Luiz. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. **Letras e Línguas**. v. 7 nº 12 1º sem. 2006, p. 11-25. Disponível em: <https://e- revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/887>. Acesso em: 26 nov. de 2022.

LEANDRO-FERRERIA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

Orlandi, Eni. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2.ed. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, Eni P. (org.) **Gestos de leitura: da história no discurso**. Traduzido por Bethânia S. Mariani [et.al.] Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERER, Amanda Eloina. Linguística no Sul: estudo das ideias e organização da memória. *In*: GUIMARÃES, Eduardo; BRUM DE PAULA, Mirian Rose (orgs.). *Sentido e Memória*. Campinas: Pontes, 2005.

SCHNEIDERS, Caroline Mallmann. O conhecimento linguístico em livros introdutórios: uma reflexão sobre o modo de conceber a Linguística. **Fragmentum**, [S. l.], n. 33, p. 63–70, 2012. DOI: 10.5902/6750. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/6750>. Acesso em: 3

abr. 2023.

SCHNEIDERS, Caroline Mallmann. As revistas científicas e a disciplinarização dos estudos linguísticos no Brasil. **Fragmentum**, [S.l.], n. 52, p. 81–97, 2019. DOI: 10.5902/2179219436814. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36814>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SERRANI-INFANTE, S. M. Resonancias discursivas y cortesíaenprácticas de lecto-escritura. *D.E.L.T.A.*, v. 17, n.1, p. 31-58, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39752/26908>. Acesso em: 28 dez. 2022.

SURDI DA LUZ, Mary Neiva. **Linguística e ensino**: O discurso de entremeio na formação de professores de Língua Portuguesa. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/3967>. Acesso em: 20 jan. de 2023.

SURDI DA LUZ, Mary Neiva. Linguística e ensino: a formação de professores de língua portuguesa. **Revista Línguas & Letras** – Unioeste, vol. 15, nº 28, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/9788>. Acesso em: 12 nov. 2022.

ROSSI, João Carlos; SOUZA, Andréia Cristina de. Concepções de linguagem na Base Nacional Comum Curricular: Reflexões para o ensino de Língua Portuguesa. COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição; KRAEMER, Márcia Adriana Dias. **Uma leitura Crítica da BNCC: compreensões subjacentes**. Campinas: Mercado das Letras, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: 34, 2017.

Resenha

Compte rendu: Le sentiment linguistique chez Saussure

Anne-Gaëlle Toutain

Le sentiment linguistique chez Saussure, Gilles Siouffi (dir.), Lyon, ENS éditions, 2021, 190 pages, ISBN : 979-10-362-0328-2

Le sentiment linguistique chez Saussure rassemble des travaux présentés lors de l'atelier thématique du même nom organisé par Gilles Siouffi, qui est aussi le directeur de cette publication, au colloque « *Le Cours de linguistique générale. 1916-2016. L'émergence* ». À ces contributions de Gilles Siouffi, Bruno Courbon, Loïc Depecker et Vincent Nyckees s'en sont adjointes deux autres, dues à Emanuele Fadda et Philippe Monneret. Comme son titre l'indique, l'ouvrage se donne pour objet la notion de sentiment linguistique, envisagée chez Saussure et pour son importance dans la linguistique contemporaine. Comme le pose Gilles Siouffi dans l'introduction, ses deux « objectifs principaux » (p. 11) sont en effet, d'une part, « d'essayer d'explorer plus en profondeur cette notion chez Saussure, de la situer, de l'historiciser, d'en préciser les contours, la valeur, à partir de ce qu'on peut dire du cadre de pensée de son époque et de ce qu'on sait des cours, essentiellement, dans leurs versions publiées et manuscrites, même si d'autres textes peuvent également être explorés » (p. 11), et d'autre part « d'inviter à réévaluer l'opérativité de la notion de sentiment linguistique aujourd'hui, et à en révéler les potentialités dans une perspective contemporaine » (p. 12).

L'ouvrage s'ouvre sur la contribution de Gilles Siouffi, « Que pouvait-on comprendre par *sentiment de la langue* à l'époque de Saussure ? », qui s'attache à retracer l'histoire de la notion de sentiment linguistique dans les traditions française et allemande, avant de montrer « en quoi Saussure a marqué une étape décisive dans la conceptualisation du “sentiment de la langue” ou du “sentiment linguistique” et de quelle manière il a explicité quelques-unes des questions qui pouvaient rester pendantes à son propos » (p. 34). Gilles Siouffi s'étonne en conclusion de ce que le champ du sentiment linguistique « ait été si peu défriché par la suite » (p. 39), alors que « [t]out porte à croire [...] que Saussure souhaitait passionnément se donner les moyens d'avoir accès à cette dimension » (p. 39). L'article de Vincent Nyckees, « *Du sentiment linguistique saussurien à la pensée dans la langue : penser la langue avec et contre Saussure* », affirme de même dès le début que « [l]e concept de “sentiment linguistique”, ou celui, très voisin, de “conscience collective”, nous situe d'emblée au cœur de la refondation saussurienne de la langue » (p. 41). C'est à définir ce concept, à la nature « souvent assez mal comprise » (p. 41), chez Saussure, que s'attache tout d'abord cette deuxième contribution, afin d'en déduire les caractéristiques de la conception

saussurienne de la langue, et de mettre en évidence les limites de celle-ci, à laquelle Vincent Nyckees substitue pour sa part « une conception de l'activité de langage [...] à la fois plus juste, moins réductrice et plus riche de perspectives pour la linguistique d'aujourd'hui » (p. 42). Dans le troisième chapitre, intitulé « Le linguiste et son double : autour du sentiment linguistique chez Saussure », Bruno Courbon s'efforce lui aussi de caractériser la notion saussurienne de sentiment linguistique, mais à la lumière d'une « autre dimension critique, complémentaire, relative à la psychologie du chercheur qu'était Ferdinand de Saussure » (p. 67). Il commence ainsi par montrer l'importance de la prise en compte de la personnalité de Saussure, avant de montrer le rôle de la « subjectivité dans le langage » dans la pensée saussurienne, puis la fonction unificatrice du sentiment linguistique dans une telle représentation de la langue, qui lui paraît essentiellement marquée par la dualité. À ce parcours « par touches impressives » (p. 67) fait suite un article de philosophie du langage, dû à Emanuele Fadda. Dans « Le sentiment linguistique chez Saussure : entre intelligence et volonté », ce dernier insiste sur l'aspect normatif du sentiment linguistique. Il identifie en effet une autre dualité saussurienne dans la dualité intelligence/volonté, la première renvoyant à la dimension cognitive du langage, et la seconde à la dimension normative de celui-ci, et s'attache à mettre en évidence le caractère de « disposition immédiate bifaciale (cognitive/normative) » (p. 100) du sentiment linguistique saussurien, ce qui le conduit à insister, pour conclure, sur le caractère « moral » de la grammaire. Dans le cinquième chapitre de l'ouvrage, « Ferdinand de Saussure aux portes de l'inconscient », Loïc Depecker adopte pour sa part une perspective philologique, en s'appuyant sur les manuscrits saussuriens et les notes des étudiants ; en effet, affirme-t-il en préambule, « on ne mesure pas encore le profit qu'il y a à approfondir à partir des manuscrits les concepts fondamentaux de la linguistique, encore opératoires aujourd'hui » (p. 114). Selon lui, dans son élaboration du concept de sentiment linguistique, de nature psychologique mais « dont Saussure fait progressivement un concept méthodologique en linguistique » (p. 145), Saussure « s'avance au seuil de l'inconscient » (p. 114) : son « étude du fonctionnement psychologique de la langue dans la pensée, consciente et inconsciente, du sujet parlant » (p. 145) apparaît à Depecker comme des « [p]rémices inédites [...] d'une psychanalyse fondée sur les mécanismes mêmes de la langue chez le sujet parlant » (p. 145). L'ouvrage se clôt sur une contribution de Philippe Monneret, intitulée « Sentiment linguistique et sentiment de la langue après Saussure : l'apport de Gustave Guillaume ». Philippe Monneret s'attache à caractériser la conception guillaumienne du sentiment linguistique, et à le comparer à son homologue saussurien. Il montre ainsi que tandis que la notion a chez Saussure un statut épistémologique, elle acquiert chez Guillaume celui de « concept opératoire de la description linguistique, qui permet l'articulation de la langue au discours » (p. 161).

Si l'objet que s'est donné cet ouvrage n'est pas inintéressant en soi, sa problématique le disqualifie complètement : il s'agit d'examiner les occurrences de quelques syntagmes, examen dont les auteurs ont beau jeu de mettre en évidence la nouveauté, mais qui constitue un vecteur de projections dans les textes de Saussure de préoccupations d'une linguistique ignorante de la rupture saussurienne. En effet, si le « sentiment linguistique » a de fait quelque importance dans l'élaboration saussurienne – comme en témoignent sans conteste les passages cités dans les différentes contributions –, il se trouve redéfini dans le cadre de l'élaboration du concept de valeur, dont la conséquence est une définition de la langue comme

fonctionnement, au lieu d'une entité. Cependant, aucun des contributeurs ne renonce à la conception pré-saussurienne de la langue : le sentiment linguistique est envisagé, quelle que soit la contribution, comme une perception subjective d'une langue dès lors dotée d'une positivité. En cela, cet ouvrage est tout à fait représentatif d'une part significative des études saussuriennes actuelles : un vagabondage dans les textes – extrêmement stimulants – de Saussure, vagabondage sans cesse relancé et stimulé par la singularité du corpus saussurien (l'existence d'un fonds manuscrit, exploité notamment dans cet ouvrage par Loïc Depecker, et mentionné dès l'introduction par Gilles Siouffi, et que l'on oppose volontiers à un *Cours de linguistique générale* que d'aucuns considèrent comme « apocryphe »), mais dont l'obstacle épistémologique de l'idiome compromet d'emblée la fécondité. On pourrait, paraphrasant Canguilhem, affirmer que ce vagabondage est un symptôme très net d'inaptitude à la critique épistémologique, critique épistémologique dont, pourtant, ce genre d'ouvrage fait sentir avec une extrême acuité la nécessité absolue. L'ambition de cet ouvrage, cependant, était beaucoup plus limitée : selon son directeur, chacun peut se contenter de « prendre à Saussure ce dont il a besoin et ce qu'il croit comprendre » (p. 39).

Resumo de Tese

As posições do sujeito falante na teorização de Ferdinand de Saussure

Bruno Turra

SILVA, K. A. *As posições do sujeito falante na teorização de Ferdinand de Saussure. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 182. 2023.*

O movimento estruturalista, que influenciou as pesquisas nas ciências humanas entre os anos de 1950 e 1960, como sabemos, tem em seu centro o livro póstumo de Ferdinand de Saussure, o *Curso de linguística Geral*. É importante lembrar, entretanto, com Milner (2002), que o estruturalismo sai do CLG, mas não está no CLG: do livro póstumo são extraídas as premissas que se espalharam pelo pensamento da segunda metade do século XX. Nesse movimento de expansão, consolidam-se as ditas dicotomias saussurianas ao custo de alguns apagamentos, dentre eles, o do sujeito e o da história.

A tese de Karen Alves da Silva destaca-se, de partida, pelo tema: o sujeito falante na teorização de F. de Saussure. É precisamente sobre um dos pontos-cegos da leitura estruturalista que Karen Silva (2023) lança luz e, iluminado, a autora o complexifica já em seu título: “As posições do sujeito falante”. Ao contrário do “Saussure excluiu o sujeito” que ouvimos e lemos até hoje, este trabalho nos mostra as diferentes posições e implicações teóricas que a noção de sujeito falante ocupa na reflexão do genebrino.

Outro mérito de seu trabalho é o cuidado com as fontes. Ao navegar por textos de diferentes períodos e materialidades, destaca-se o rigor na datação e contextualização de cada peça, bem como na disponibilização do fac-símile dos manuscritos analisados seguidos de sua transcrição em francês e a tradução em nossa língua. Nesse sentido, a Nota introdutória e o primeiro capítulo funcionam como guia. É no primeiro capítulo também onde lemos um breve, porém importante panorama da época e como a questão do sujeito estava então colocada.

A investigação parte do circuito da fala e das posições de sujeito falante e ouvinte ali em jogo, e ganha contornos mais complexos no segundo capítulo, quando se analisa as posições do sujeito falante na delimitação e na combinação de unidades. Seriam estas operações da ordem da língua ou da fala? Dito de outro modo, haveria uma codificação sistêmica ou uma dimensão de “criação” e “vontade” do falante? Por meio de uma análise bastante cuidadosa, percebemos a “orelha” do circuito da fala não apenas como um receptor acústico, mas sobretudo como o próprio sujeito: uma orelha que sente e julga, que corta “como uma tesoura, pan, pan, pan” (Saussure, 1911 apud GODEL, 1969 [1957], p. 30).

Criação, vontade, sentimento. O léxico saussuriano do universo psíquico é trabalhado no terceiro capítulo, em que a autora, num percurso que vai do manuscrito inédito, *Classes Morfológicas*, às criações analógicas infantis, tratado sujeito falante nos limites entre língua e fala: se há uma orelha-tesoura que

corta a cadeia sonora em significantes, isso se dá apenas na medida em que o sujeito está capturado pela língua (por seu sistema de valores). Em outras palavras, a volição, a criação do sujeito em Saussure, não é da ordem de uma intencionalidade, mas do efeito de sua captura pela língua. Esse funcionamento fica evidenciado também na pesquisa anagramática, tema do quarto capítulo, em que Saussure era instado como pesquisador e ouvinte que “sentia” o anagrama que lhe chegava à orelha.

Assim, “A relação do falante com a língua se pauta pelo “ressentir”, isto é, pelo sentimento que ele tem da língua. [...] O sujeito saussuriano é aquele que, ao sentir os efeitos da língua, fala, escuta, delimita e combina as unidades no discurso entre o possível e o impossível da língua.” (Silva, 2023, p. 170).

A pesquisa de doutoramento de Karen Alves da Silva não apenas aponta a fecundidade da noção de sujeito falante, mas evidencia sua centralidade para o edifício teórico de Ferdinand de Saussure.

Referências

MILNER, J.-C. (2002) **Le périple structural – figures et paradigme**. Paris : Seuil.

SILVA, K. A. **As posições do sujeito falante na teorização de Ferdinand de Saussure**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 182. 2023.

GODEL, R. **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure**. 2. ed. Genève : Droz, 1969.

Resenha de livro

Ferdinand de Saussure e seu saber-fazer com a escrita. Ou do que se circunscreve de um enigma.

Maria Fausta Pereira de Castro

TURRA, B.M. Ferdinand de Saussure e seu saber- fazer com a escrita. Ou do que se circunscreve de um enigma. Campinas: Mercado de Letras, p. 276. 2023.

Este livro é fruto de uma tese de doutorado escrita no ritmo de uma reflexão rigorosa e bem-sucedida sobre a forma como Saussure articula língua e escrita no *Curso de Linguística Geral* (CLG), nos cadernos dos alunos e em tantos outros textos. Por outro lado, ao adotar a psicanálise como “método de leitura”, apoiado na hipótese do inconsciente e lendo Saussure com Lacan, Bruno Turra explora as implicações e questões que se levantam a partir desse ponto de vista.

Ciente de que a moldura do tempo se impõe ao estudioso da escrita, Turra parte das gramáticas quinhentistas esclarecendo que estas se situam - do ponto de vista dos seus deslocamentos teóricos - a meio caminho entre as concepções de escrita dos gregos e latinos e daquele que é o tema de sua tese, Ferdinand de Saussure. Sob o arco de tantas transformações acompanhamos com grande interesse as reflexões sobre o modo de as gramáticas compreenderem a *letra* e a *língua* e sobre a estreita relação entre a escrita e a construção de um saber sobre a língua.

A síntese dessa questão pode ser entendida através de um enunciado recorrente na literatura e estenografado por Benveniste (1969): “a escrita foi sempre e por toda parte o instrumento que permitiu à língua de semiotizar a si mesma”. Esse enunciado e seus desdobramentos permitiram que Bruno formulasse sua questão de base e determinaram o itinerário deste trabalho que é objeto de nossa atenção.

São várias as dimensões da escrita em jogo na análise do *corpus* saussuriano, o que nos dá o alcance do trabalho realizado: a escrita ordinária, a escrita fonológica como instrumento científico e a escrita como formalização, a escrita matemática. Há ainda uma dimensão da escrita chamada “a escrita do linguista”, aquela do próprio genebrino. É nesse universo que Bruno procura compreender o modo como Saussure se insere no discurso da ciência linguística, deixando marcas como rasuras, brancos e acréscimos nos seus manuscritos.

Ao se voltar para o estabelecimento do texto do *Curso de Linguística Geral*, Bruno Turra se dedica a uma leitura que visa a transmissão de uma fala. Os três cursos de Saussure ministrados na Universidade de Genebra são assim reconhecidos como um *Urtext*, perdido como tal para sempre, mas gerador de um movimento de transmissão que se configura na edição do CLG e, mais além, naquilo que dela decorre.

Por sua vez, a expressão lacaniana *saber-fazer com* sintetiza o alcance da *démarche* saussuriana no estabelecimento da semiologia como um novo campo. É só a partir desse novo campo que a escrita sofre um reexame.: “...se dentro da linguística a escrita serve apenas para representar a língua, fora, a escrita é pensada enquanto sistema de signos”.

Mas nada está tão claro assim: é importante acompanhar a escrita de Turra. Com apoio em Harris (2000) o autor afirma que “mesmo sem saber muito bem onde colocar a escrita (...)Saussure mostra seu *saber-fazer com* a escrita trazendo-a à cena enquanto ex-sistentes à língua. Com esse gesto – que é um gesto de escrita uma vez que Saussure escreve o signo filológico para refutá-lo e então escrever o signo tal como o conhecemos no CLG – faz a escrita da linguística” (Turra,251/2).

Uma palavra final sobre o autor: Bruno Turra pertence a uma nova geração de pesquisadores saussurianos, que reúnem o lado filológico e o lado teórico em suas pesquisas. Ao tratar as diferentes dimensões da escrita, seu livro se insere tanto no campo da filologia saussuriana – com grande zelo documental - como na reflexão teórica sobre o pensamento de Saussure.

Maria Fausta Pereira de Castro

Resenha de livro

Saussure

Estanislao Sofia

John E. Joseph, Saussure, trad. Bruno Turra. Campinas, Unicamp Editora, 2024, 904p.

A publicação do *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure em 1916 foi um marco decisivo no destino da linguística moderna. Sua influência nos círculos primeiramente europeus, depois americanos e, mais tarde, por meio da caixa de ressonância que foi o estruturalismo francês na década de 1960, mundiais, foi, e ainda é, formidável. Tanto é assim que não é possível entender a configuração atual da linguística teórica sem fazer referência a esse livro, que Saussure porém não publicou: ele morreu em 1913. Uma história singular, como quase todas as histórias, mas que deu origem a uma corrente de pensamento e estudos como nenhuma outra, e que continua crescer.

O século XX teve seus quatro ou cinco eventos filológicos principais em relação a essa tendência que logo passou a ser chamada de “linguística saussureana”: a publicação das *Sources Manuscrites* de Robert Godel em 1957, a edição crítica de Rudolf Engler de 1967-1974, a edição italiana de Tullio De Mauro, publicada em 1968, a descoberta de manuscritos inéditos em 1996, publicados por Engler e Bouquet em 2002 (junto com outros manuscritos) nos *Escritos*. Já neste século, a série de grandes eventos continua com a publicação, em 2012, da enorme biografia de John Joseph, discretamente intitulada “*Saussure*”, mas que merece ser decorada com um adjetivo que tradicionalmente era reservado para a edição crítica de Engler. A biografia de John Joseph é, tanto ou mais do que a edição crítica de 1967-74, “monumental”.

A obra, nem é preciso dizer, não se limita a resgatar aspectos biográficos de Ferdinand de Saussure, mas, incluindo-os, reconstrói, em chave historiográfica, o (complexo) contexto acadêmico em que Saussure se formou, como nasceram e evoluíram suas primeiras ideias científicas e, finalmente, como essas ideias impactaram e modificaram o horizonte teórico da linguística da época. Trata-se de uma obra imprescindível e, ao mesmo tempo, de uma forma de deleite para percorrer e compreender as vicissitudes da mudança de paradigma que, nas últimas décadas do século XIX, significou a passagem da gramática comparativa à linguística geral, sincrônica e estrutural, passando pela depuração teórico-metodológica realizada pelos neogramáticos e pela consolidação da dialetologia. Um processo para o qual o pensamento de Saussure, delineado em 1878 quando escreveu o famoso *Mémoire*, sustentado em seus cursos universitários em Paris (1881-1891) e Genebra (1891-1912) e coroado com a publicação (póstuma) do *Curso* (1916), contribuiu muito para elaborar. Esse é o caminho que o John Joseph traça e reconstrói com maestria em seu livro de 2012.

Por algo que eu chamaria de um milagre às avessas (feito curioso, surpreendente e infeliz), a primeira tradução dessa obra teve de esperar dez anos para aparecer no mundo. Foi somente em 2022 que a tradução de Nathalie Vincent-Arnaud foi publicada em francês (Limoges, 2022). Dois anos depois, a biografia de John Joseph apareceu do outro lado do Atlântico, dessa vez traduzida para o português brasileiro por Bruno Turra.

O trabalho de Turra é – quero repetir o uso do adjetivo – monumental, baseado no original em inglês, mas em constante consulta à edição francesa que havia sido corrigida pelo próprio Joseph. Como a edição em português também se beneficiou da releitura do autor, é essa edição que deve ser considerada, e que o próprio John Joseph considera, “definitiva”.

A publicação deste livro no Brasil é um marco que não passará despercebido. Não há nenhum país (nem mesmo a França, a Suíça ou a Itália) que rivalize atualmente com o Brasil em termos de vitalidade e número de pesquisadores e grupos de estudo dedicados à obra de Saussure. A tradução de Bruno Turra da obra de John Joseph fará muito bem à comunidade. Ela deve ser saudada como outro grande evento editorial do Saussurianismo.

Tradução

O que pode dizer um historiador da ciência sobre Saussure?^I

Sylvain Auroux

Laboratoire d'histoire des théories linguistiques (HTL)

Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)

Université Paris Diderot - Paris 7

Uma grande parte da historiografia saussuriana repousa sobre uma certa ideia (um certo mito) de ciência: ela seria descontínua, de acordo com o modelo construído por G. Bachelard, a partir da Física Moderna^{II} e aplicado, por seus discípulos, à Química Lavoisiana. Tal modelo retoma o grande estudo de A. Koyré sobre Galileu^{III} e as ideias que ele desenvolvia sobre a noção de “revolução científica”, o qual tinha a vantagem de romper com a ideia ingênua do século XIX de que a ciência seria uma simples acumulação de “descobertas”. Não só isso: ele supunha um “nascimento” da ciência pela “ruptura epistemológica” que separaria, na história das nossas representações, a “verdadeira” ciência da ideologia. Desse fato, o modelo teve o inconveniente de suscitar a descoberta de inumeráveis “rupturas epistemológicas”, neste ou naquele domínio do saber. É nesse contexto dos anos sessenta que Saussure foi a vítima ou o “beneficiário” desta moda. Tanto os textos dos linguistas “alemães” (de língua germânica) do século XIX como aqueles de Saussure podiam se prestar muito facilmente à essa abordagem, porque o próprio autor genebrino se via como o fundador da verdadeira “ciência” linguística. Antes dele, nada de científico teria sido feito no que se refere à linguagem. Trata-se de um ponto de vista dificilmente admissível, absurdo, para aqueles que possuem um conhecimento aprofundado das disciplinas que têm a linguagem por objeto, saberes cuja origem remonta em torno ao terceiro e ao segundo milênios^{IV}.

Entendemos rapidamente que essa visão de ciência não correspondia ao seu funcionamento normal. A partir dos anos cinquenta do século XX, os historiadores da ciência construíram um outro modelo, mais em conformidade com o desenvolvimento de nossos conhecimentos tomados a longo termo. Aplicado a Saussure, o novo modelo implicaria que pudéssemos responder à questão: o que descobriu o linguista, ou, em outras palavras, sobre esse novo conhecimento que ele construiu, o que, efetivamente, se mantém estável na prática do linguista? Nós temos um recuo de cem anos, e nosso método tão, se não mais, antigo, reconhece em Saussure um imenso linguista. Para a revolução científica, é outra coisa; a novidade não introduzia o tanto de descontinuidade que não se pudesse reconhecer os elementos do Antigo Regime do Novo, nem entrever, no Antigo, o que iria se passar.

Para um historiador, a ciência é um domínio empírico, dotado da seguinte estrutura:

I Esse texto seria a conferência de abertura que deveria ter sido ministrada no evento XI **Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística, em Buenos Aires (Argentina), nos dias 19, 20 e 21 de abril de 2017**. Entretanto, Sylvain Auroux não pode comparecer e gentilmente enviou o texto à comissão organizadora, a qual compartilhou com os participantes do evento.

II La philosophie du non, 1940.

III Etudes galiléennes, Paris, Hermann, 1939.

IV Histoire des idées linguistique, S. Auroux, dir., 3 vols., 1989-2000, Liège, Mardaga.

- i) os fatos são constituídos de conhecimento, quer dizer, de asserções consagradas a domínios de objetos e validados por protocolos empíricos e formais recuperáveis;
- ii) o conhecimento é invenção, isto é, inovação retomada no horizonte de retrospectão da comunidade e verificável quando necessário;
- iii) o tempo é uma dimensão essencial das disciplinas científicas: não há ciência instantânea nem ciência sem memória (ou horizonte de retrospectão);
- iv) o conhecimento é descontínuo (ele corresponde a invenções isoláveis, mais ou menos datáveis e substanciais) e é igualmente inserido nos conjuntos mais vastos ou em campos de conhecimentos;
- v) a estrutura dos campos de conhecimentos pode variar, sem, para tanto, fazer desaparecer certas invenções ou núcleos de racionalidade (por exemplo, para as ciências da linguagem, a teoria dos tempos, ou aquela dos casos gramaticais);
- vi) novos objetos podem aparecer em um domínio de conhecimento ou dele desaparecer; esses fenômenos podem deprender da estrutura do campo, de uma mudança de interesse ou do aparecimento de novos dados empíricos;
- vii) um domínio de conhecimento que não tenha núcleos de racionalidade a longo termo não seria uma ciência. Os núcleos de racionalidade estão submetidos à revisão, mas podem também ter reconhecidas suas filiações ou sua recorrência;
- viii) as asserções fundadas sobre a estrutura de um campo de conhecimento em um dado momento não têm nenhuma necessidade de serem estáveis. A ideia que temos de ciência (independentemente da abordagem histórica) faz parte desse tipo de asserção.

1 - Podemos “inventar” uma ciência sobre um domínio de objetos dispondo de conhecimentos revelados a longo termo?

Quando se interessavam pela história de sua disciplina, os linguistas alemães do século XIX introduziram uma temática nova na representação do desenvolvimento das ciências da linguagem: tais saberes teriam adquirido o estatuto de “ciência” somente a partir da gramática comparada. Essa ideia teve uma importância significativa; nós a encontramos diluída na ideia de estados sucessivos (gramática → filologia → gramática comparada), desde as primeiras linhas do Curso de Linguística Geral (1916) de F. de Saussure, que vai mais longe quando sugere que o processo não está acabado:

A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto.

Na época do estruturalismo, nós retivemos a ideia de que Saussure era o fundador da linguística como “ciência”. Para um historiador que possuía uma visão global, não há inventor da “ciência”, como também não há inventor do fogo ou da roda. Em um certo momento, os personagens podem escrever um tratado que, colocado em forma de conhecimento, os apresenta como um corpo de doutrina que servirá de referência. É o caso dos “primeiros gramáticos” como Panini, Sibawahi ou Denys Le Thracé.

Eles evidentemente não inventaram de uma só vez a gramática. No domínio da ciência, não há nada mais da geração espontânea como existe na biologia. Nos últimos trinta anos, os historiadores das ciências da linguagem colocaram em ordem todas essas afirmações.

Neste texto, eu me interessarei por uma questão bizarra: será que podemos manter Saussure como “inventor” de “conhecimentos linguísticos”, no sentido recém formulado?

2. O caso evidente das soantes e dos coeficientes sonânticos

Sabemos que, inicialmente, o linguista genebrino F. de Saussure (1857-1913) recebeu uma formação de comparatista, junto aos neogramáticos de Leipzig, cidade onde ele defendeu uma tese consagrada ao uso do genitivo absoluto em sânscrito (1880). Nesse sentido, ele praticava a (ciência normal) de seu tempo. Nós devemos a ele, nesse contexto, duas invenções sobre as quais eu não me deterei:

i) as “sonantes”, essas consoantes vogais que explicam algumas evoluções indo-europeias (o N vogal, por exemplo) é alguma coisa que Saussure reivindica em sua correspondência precoce, mas muitos professores de Leipzig publicaram sobre a questão. É um conceito admitido que Saussure retoma em seu *mémoire* de 1879. Trata-se de uma verdadeira invenção (múltipla). Segundo os critérios admitidos (anterioridade da publicação, referências), não é possível atribuí-lo à Saussure. Sua relação às “sonantes” é anedótica.

ii) ele publicou em 1879 um *mémoire* sobre o vocalismo indo-europeu onde, para explicar a coloração vocálica de algumas formas, postulava a existência, durante um estado anterior, ao lado de certas vogais, de elementos desaparecidos (“os coeficientes sonânticos”, do qual ignoramos a pronúncia) que explicam a transformação. A maturidade e o valor científicos desse texto são impressionantes; em 1916, encontraremos exemplos desses elementos (laringais) em uma língua desaparecida que começava a ser decifrada, o hitita. Hjelmslev notará a novidade do método, verdadeira origem da abordagem estrutural. Trata-se, incontestavelmente, da grande descoberta de Saussure no domínio da Gramática Comparada. Ela é confortada e consolidada pelos linguistas^V de hoje, isto é, como toda grande descoberta, ela continua a estar presente no trabalho dos pesquisadores. Se parássemos por aqui, Saussure seria um grande linguista, autor de invenções consideráveis. À primeira vista, a continuidade de seu trabalho não é tão fecunda. De 1881 a 1891, Saussure foi professor na École Pratique des Hautes Études em Paris, ao lado de personalidades como M. Bréal, V. Henry, P. Meyer e G. Paris, os quais se opunham vivamente aos neogramáticos; depois, ele retorna à Genebra, também como professor, onde morre precocemente, após ter ministrado, em 1907, 1908/1909 e 1910/1911, os cursos consagrados à “linguística geral”. Em vida, ele publicou apenas artigos técnicos sobre a gramática comparada. Sua glória virá de uma obra póstuma, o^{VI} Curso de Linguística Geral (1916), editado por seus discípulos C. Bally, A. Sechehaye e A. Riedlinger, a partir de notas conservadas por alguns de seus estudantes. É também o autor de manuscritos

^V Charles de Lamberterie, “La Théorie des laryngales en indo-européen”, AIBL Relatório do ano 2007, pp. 141-166.

^{VI} O determinante “o” remete à obra enquanto tal, ao livro; o título escolhido pelos editores, sem determinante, não especifica, pois trata-se da exposição de um ou mais cursos e mesmo de um curso contínuo.

consagrados se interessando pelo sentido escondido em algumas obras poéticas, sentido manifestado por alguma palavra que vai sendo descoberta graças à análise de sequência de letras apresentadas no texto (anagramas^{VII}). Ele abandona essas pesquisas quando descobre o mesmo procedimento na obra do poeta italiano Parodi, o qual, por sua vez, não responde às suas cartas.

O impacto do Curso não foi imediato. Por exemplo, em 1923, se o linguista americano L. Bloomfield redige uma resenha da segunda edição do Curso; por outro lado, em seu célebre manual (*Language*), de 1933, ele sequer faz uma citação ao genebrino. Evidentemente, Saussure é evocado nos principais escritos daqueles que renovam a linguística nos anos trinta (Escola de Praga, Escola de Copenhague); mas ele é somente uma fonte entre tantas outras. Em 1945, ainda, quando E. Cassirer publica, no primeiro volume da *Revista Word*, um artigo consagrado ao “Structuralism in modern linguistics”, ele não o cita senão rapidamente, entre quatro outros linguistas mais recentes (Bronckal, Jakobson, Trubetzkoy e Meillet). Saussure era, todavia, contestado, desde 1929, na célebre obra^{VIII} de V. N. Volochinov, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, como o principal iniciador de uma das duas correntes da linguística, “objetivismo abstrato”^{IX}; este autor lhe atribui (assim como a Bally e a Sechehaye) uma influência determinante sobre a linguística russa de sua época. Após a segunda guerra mundial, a recepção, particularmente na França ou na Itália (no entorno de Tullio de Mauro), tornou-se massiva. De um lado, trata-se de uma referência quase universal, mais ou menos bem informada. De outro lado, o texto faz-se objeto de exegeses sem fim, nem sempre desejosas de respeitar a abordagem filológica^X. A utilização dos manuscritos (R. Godel, *Les sources manuscrites du CLG*, 1957), uma sólida edição crítica graças à R. Engler^{XI} (1967/1968-1973), e o acesso a novos manuscritos (retomados nos *Écrits de Linguistique Générale*, 2002, por S. Bouquet e R. Engler) conduziram finalmente a admitir o fato de que o Curso que nós conhecemos foi objeto de um considerável trabalho dos editores e que ele nada reflete o pensamento completo e acabado de Saussure, se aí existe uma. O genebrino se mostra menos doutrinário e mais hesitante sobre muitos pontos^{XII}. A obra desses dois editores, muito extraordinária quando consideramos o estado das fontes manuscritas, é universalmente descrita; buscamos reconciliar os “dois Saussure” (o homem dos anagramas e o comparatista), para procurar até encontrar o “verdadeiro Saussure” (sic) atrás da “falsificação” do Curso, personagem mítico, sobre o qual se imagina que abriria àquele que o descobrisse a possibilidade de ser o fundador dos novos desenvolvimentos científicos. Mesmo que, às vezes, nos detenhamos em explorar os antecedentes^{XIII}, o texto é raramente abordado em seu pertencimento a uma série de descobertas científicas, o que seria, após tudo, o percurso normal de um historiador da ciência; ele é, a maior parte do tempo, considerado como um ponto de partida absoluto, valendo em si e por si.

VII Ver J. Starobinski, *Les mots sous les mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*, 1986.

VIII Em sua publicação (e até nos anos 70 na França) era atribuído à Bakhtin.

IX A outra sendo o “subjativismo idealista” do alemão K. Vossler.

X Em 1980, R. L. Wagner (um universitário francês de renome) não vai hesitar em escrever, no primeiro número da revista *Mots*, que “não estava certo do nosso ponto de vista, que agiria de maneira útil, procurando uma edição crítica (...)” (“Les désarrois du maître de Genève”, p. 29). A edição crítica de Engler foi publicada 12 anos antes desse artigo.

XI Salientamos nessa obra um útil *Léxique de la terminologie saussurienne* (1968), que encaminha para as fontes manuscritas. Foi pouco utilizado pelos críticos.

XII Podemos notar que eles são, em geral, os que impõem dificuldades aos intérpretes.

XIII Cl. Normand *Avant Saussure*, 1978; ver igualmente os trabalhos de Engler, ao final dos anos 70, consagrados ao papel dos romanistas franceses na elaboração de uma eidética segundo a qual a língua não é “uma espécie natural” (não há fronteira dialetal, as línguas “filhas” e as línguas “mães” não existem, o que há é continuidade).

Entre um texto que se desnuda e o recobrimento indefinido de comentários peremptórios, é extremamente difícil, hoje, escrever dez linhas tendo o sentido comum sobre Saussure. No que segue, nós tomamos como referência o texto canônico do Curso (é ele que foi objeto da recepção dos estruturalistas), jogando luz nos elementos centrais que podem ser considerados como descobertas; o recurso aos manuscritos nos servirá somente para clarear a compreensão do texto. Eu deixarei de lado a quarta parte consagrada à “geografia linguística”, assim como tudo aquilo que poderia concernir à “fonologia”^{XIV}.

3. A “língua”

Após os destaques históricos aos quais fizemos alusão, o Curso se abre sobre a definição do objeto da linguística, isto é, a língua. Sobre isso responderão as últimas linhas tão frequentemente citadas da obra (nós sabemos desde Engler que elas são apócrifas): *a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma*. Mas o que é necessário entender por “língua”? O texto nos diz que ela corresponde ao “ponto de vista do linguista”, formulação ambígua que poderia sugerir uma opção “nominalista” (que era provavelmente aquela dos romanistas franceses), a qual contradiria a ideia central, segundo a qual a língua é uma realidade social (coletiva) que se impõe a todo indivíduo idêntico no espírito de cada um dentre eles^{XV}. Qualquer que seja a sua “realidade”, nem os dialetos nem as línguas têm “limites naturais”. A língua se opõe à fala, que, por sua vez, é o ato individual que ela contrai. Ela não é definida pelos elementos que a comporiam; ela é “um sistema onde tudo se sustenta”. O tempo não é uma dimensão, os elementos da língua em seu conjunto devem ser considerados como essencialmente coexistentes, pois eles formam o que Saussure nomeia uma sincronia. Isso não significa que os fenômenos linguísticos não sejam afetados pelo tempo, mas se eles o são, enquanto elementos individuais, na história (a diacronia), há somente fatos individuais; na língua, o sistema. O neogramático H. Paul considerava que a ciência das línguas se reduzia à história das línguas. Para Saussure, a linguística é, antes de qualquer coisa, sincrônica; ela é a ciência da língua enquanto essa não é considerada pelo tempo^{XVI}. Isso não significa que a língua não seja afetada pela temporalidade, pois a imobilidade absoluta não existe, mas, ao final de um certo tempo a língua “não será mais idêntica a ela mesma” (p. 273)^{XVII}. O que interessa aos linguistas da sincronia é que a língua enquanto tal é idêntica a si mesma. Trata-se de uma redefinição do campo do objeto. A definição do objeto ele mesmo pode ser considerada como uma inovação. Qualquer que seja uma invenção, ela depende unicamente da retomada pelo seu estado posterior da disciplina. Sabemos hoje que ela não é unânime, mas que se trata da inovação, a mais original inovação do referido linguista.

XIV A história dessa disciplina é muito complexa. A prática de opor os sons dos contextos próximos remonta ao menos ao século XVIII para o domínio francês (diferenças específicas de classificações aristotélicas), e a noção de “distintividade” tem sido discutida desde a construção da APU nos anos 1880 (G. Paris).

XV Daí que o esquema de comunicação (que une o locutor e o ouvinte, ver p. 28) é totalmente reversível. Saussure não se detém sobre este ponto. Ele é, entretanto, essencial: a irreversibilidade destruiria o conceito de língua.

XVI *“A linguística diacrônica estuda, não mais as relações entre termos coexistentes de um estado de língua, mas entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo”* (p. 193). *A coexistência é percebida pela mesma consciência coletiva; enquanto que a sucessão não o é* (p. 140).

XVII *Na edição crítica de Engler (fasc. 3, p: 453), essa expressão muito abstrata, retida pelos editores, figura em três fontes sobre quatro, e por isso, é pouco provável que ela seja uma pura invenção dos estudantes. Para um desenvolvimento deste tema da identidade em si como definição da língua, podemos nos reportar ao início de J. -C. Milner, *L'amour de la langue*, Paris, Le Seuil, 1978.*

4 - Sincronia/Diacronia

A relação entre sincronia e diacronia é difícil de ser formulada e gastou-se muita tinta. Saussure a abordava com a ajuda de três analogias. A primeira é geométrica: um estado de língua é como a projeção da realidade histórica em um momento dado. A segunda é biológica: a sincronia é como o corte horizontal de um tronco de árvore, a diacronia como o corte vertical. A terceira (a mais célebre) é tomada emprestada do jogo de xadrez: a sincronia é como a disposição de peões em um dado momento sobre o tabuleiro. A diacronia é como uma sequência de disposições que dependem dos deslocamentos de peões, a cada lance. Não é evidente que essas analogias sejam totalmente adequadas (assim, o jogador de xadrez premedita seus lances, enquanto não há finalidade na língua), nem que elas sejam equivalentes entre elas.

O mais importante é compreender o que é necessário entender por “sistema” (o termo “estrutura” não faz parte do vocabulário saussuriano específico^{XVIII}). O mais simples é evidentemente se referir ao funcionamento linguístico por ele mesmo. O desenrolar da fala (o eixo sintagmático) faz aparecer solidariedades; mas, cada um dos elementos desse eixo pertence a séries “paradigmáticas”. Assim, “desfazer” pode-se decompor sintagmaticamente como “des-fazer”; mas ele pertence igualmente a outras séries “descolar”, “deslocar”, “descosturar, etc”, “fazer, refazer, contrafazer, etc”.

É difícil dizer que o paradigma é uma “invenção”. Para os historiadores modernos das ciências da linguagem, estas disciplinas remontam ao aparecimento de paradigmas nos bilingues sumérios/acadianos em torno do terceiro e do segundo milênio antes da nossa era. Seu aparecimento está ligado à utilização da escrita. O que é uma inovação é integrar ao funcionamento da língua à dualidade dos eixos. Tornou-se um ponto comum das ciências da linguagem.

5- O signo linguístico

Todavia, é por uma abordagem mais original que Saussure assume a novidade de sua noção de sistema, fazendo-a corresponder a uma redefinição da noção de “signo linguístico”. É somente na época moderna (ver, por exemplo, *La logique*, de Port Royal, 1661) que o signo linguístico foi integrado a um conceito geral de “signo”. Na Antiguidade, a palavra era, para Aristóteles, um *symbolon*, elemento sonoro arbitrário, religado convencionalmente a um conceito (as línguas são diversas, mas os conceitos são universais), ao passo que o signo (sêmeion) tinha um laço, de natureza mais frequentemente causal, com o que ele significava (o rastro para a caça, a fumaça para o fogo, etc.). Saussure invoca uma “ciência futura” dos signos, ou semiologia, que “estudaria a vida dos signos no seio da vida social” e da qual a linguística fará parte. Esse tema terá consequências maiores para o estruturalismo. Para conceber o estatuto da semiologia, podemos nos referir, seguindo uma iniciativa dos editores, à analogia do jogo de xadrez. Vimos o estado do tabuleiro de xadrez corresponder à sincronia e à sua reorganização, seguida de cada jogada, à diacronia; as jogadas, como os estados sucessivos, são regidas por regras do jogo, análogas aos “princípios constantes da semiologia” (p. 126)^{XIX}.

Se a linguística é somente uma parte da futura semiologia, ela é a única que Saussure desenvolveu.

XVIII Evidentemente, a palavra está presente no texto com seu sentido corrente (arquitetônico); ver o *Lexique d'Engler*.

XIX Esta passagem parece ser uma extrapolação dos editores. Ela não aparece em nenhum dos cadernos de notas dos estudantes, os quais tinham todos somente observado que o sistema de cujos valores dependem é o tempo todo momentâneo.

Se toda teoria do signo é uma representação da relação entre o *designans* e o *designatum*, entendemos comumente por “signo” o *designans*; o *designatum* torna-se a coisa significada^{XX}. No Curso, essa teoria tem, sobretudo, por função, apresentar então, por contraste, a (teoria) do genebrino; ele considera que, por natureza, o signo é uma dualidade: “O signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica”. Para designar cada um dentre eles, ele forja os neologismos de *significado e significante*, opondo, como a tradição, o particípio presente ativo e o particípio passado passivo, o que não será provavelmente sem consequência sobre a proeminência que alguns partidários do estruturalismo acordaram ao significante (representando o signo sobre a forma Sa/Sé). De todo modo, a representação canônica do signo é aquela de uma unidade (mental) em dupla face: Sé/Sa^{XXI}.

Poderíamos nos surpreender com o que desaparece nesse esquema: aquilo a propósito do que nós utilizamos a linguagem, a saber, os objetos do mundo. Mas não significa que o genebrino ignore a questão. Ele a evocou sob o nome de *Onymique*^{XXII}. Para ele, trata-se de um caso particular na semiologia, onde existe um terceiro termo na constituição psicológica do signo (das palavras como árvore, cavalo, etc) e “a consciência que ele se aplica a um ser exterior (...) bem definido em si mesmo para escapar à lei geral do signo”. Dito de outro modo, Saussure escolheu explicitamente rejeitar toda situação onde as palavras fazem função de simples etiquetas para as coisas externas.

Essa é uma posição notável, mas não é uma escolha original. O *Dictionnaire de l'Académie* (1696) já o tinha feito, deixando ao dicionário de Thomas Corneille, que é publicado no mesmo ano, todos os termos técnicos e de profissões, retendo somente os termos da “língua comum” que se entre-definem entre eles. Durante dois séculos, os dicionários de sinônimos fizeram constantemente a mesma escolha. A “audácia” teórica de Saussure consiste em não ratificar essa rejeição, da qual provavelmente ignora as raízes históricas, mas em considerar que o recurso ao objeto externo não pertence simplesmente à teoria do signo linguístico. Na edição do Curso (e nos três cadernos de notas), onde nós encontramos vários pequenos desenhos representando uma árvore ou um cavalo, observamos que eles são utilizados somente para refutar o caráter primordial da concepção tradicional do arbitrário (ausência de laço natural entre o nome e a coisa).

A primeira parte do Curso abre-se sobre um pequeno capítulo consagrado à natureza do signo linguístico. Tal natureza é regida por dois princípios, o arbitrário do signo e o caráter linear do significante. Para Saussure, o segundo, embora possa parecer evidente, é tão importante quanto o primeiro: todo mecanismo da língua depende disso. A organização sintagmática, na verdade, vem do que os elementos dispõem somente da linha do tempo, eles se apresentam um após o outro e formam uma cadeia. Isso é admitir claramente a primazia vocal na existência e na análise do fenômeno linguístico, uma atitude que Derrida vai criticar sobre o nome geral de “logocentrismo”.

O arbitrário do signo é uma questão filosófica antiga e difícil. Não há verdadeiramente uma

XX A nosso conhecimento, só é encontrado muito raramente este gênero de concepção (principalmente nos pedagogos do século XVII, que, como Comenius, introduzem o multilinguismo com a ajuda de pequenos desenhos dos objetos). Em geral, os gramáticos e os lógicos, desde Aristóteles, utilizam três termos: o som, a ideia (o conceito) e a coisa. Nós retornaremos a isso.

XXI A natureza da barra que separa o Sé e o Sa será o objeto de múltiplas discussões pelos comentadores. Parece que o próprio Saussure hesitou sobre a questão. No Fundo BPU 1996, há uma barra (Bouquet e Engler, 2002, p.95); nas notas sobre a linguística geral (Engler fac. 4, item, 3310.5, p. 36; Bouquet e Engler, 2002, p. 103), o autor, para representar o signo, utiliza um retângulo, do qual a diagonal corresponde à barra; ele recusa explicitamente uma linha contínua para esta diagonal (mesmo se ela aparece em outras ocorrências), ao proveito de uma linha pontilhada. Os editores do Cours adornaram numerosos esquemas que não figuram aparentemente em todas as notas tomadas pelos estudantes.

XXII Ver Engler, Lexique. Iguamente, Engler fasc. 4, item 3312.1, p. 36 e Bouquet e Engler, p. 106.

única maneira de formulá-la. Saussure rejeita explicitamente várias^{XXIII}; sua concepção complexa é uma inovação e, sem ela, o que ele entende por “língua” é inconcebível.

6 - O valor linguístico

Os signos sendo compostos de um significante e de um significado: o arbitrário concerne a essa relação. Destacamos, antes de qualquer coisa, que eles são, cada um em sua ordem, decompostos em unidades. Uma primeira tese de Saussure consiste em defender que toda decomposição de um é uma decomposição do outro^{XXIV}. Significante e significado são como as duas faces de uma mesma folha de papel, se cortamos o papel, cortamos igualmente as duas faces^{XXV}: “na língua não saberíamos isolar nem o som do pensamento, nem o pensamento do som”. Essa “simetria do corte” possui evidentemente consequências para a concepção de cada um dos elementos: ou ele resulta de uma harmonia (de um equilíbrio) entre os dois que preexistem, de uma certa maneira, cada um em sua ordem, ou ainda é ela que determina os elementos. De uma maneira muito surpreendente, se não Saussure, ao menos seus seguidores escolheram a segunda alternativa^{XXVI}; resulta que, antes de sua associação, significado e significante não têm existência determinada:

Não há (...) nem materialização dos pensamentos, nem espiritualização dos sons, mas se trata do que os faz de certa forma misteriosos, que o “pensamento-som” implica divisões e que a língua elabora suas unidades se constituindo entre duas massas amorfas (p. 155)

Assim se explica que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário: “a ideia de ‘irmã’ (soeur) não está ligada por nenhuma relação interior com a sequência de sons i-r-m-ã que lhe serve de significante” (p. 100). Esse fenômeno não pode ser integralmente compreendido sem o recurso a este “arbitrário lateral” que subentende a concepção propriamente saussuriana da noção de “valor”. Não há signo isolado, o que delimita um signo são os outros signos pertencentes ao mesmo sistema. Por consequência, dois signos cercados de elementos diferentes não teriam o mesmo significado:

XXIII Essencialmente três. A primeira é aquela da convenção; a segunda é aquela da liberdade individual (arbitrária) na atribuição das significações. Para ele, a língua é sempre, de alguma forma já-lá com relação à atividade do sujeito falante (caráter social da língua). A terceira é aquela da não-motivação (anomalia dos contemporâneos do gramático latino Varon): como os signos linguísticos formam sistema, há analogias (por exemplo, quando da derivação) de uns aos outros: “des-fazer” não é isolado, pertence a grupos de elementos (re-fazer, des-construir, etc.). De direito, o sistema faz com que a palavra possa ser não importa o quê, mas no interior do sistema esse “não importa o quê” não aparece geralmente, justamente porque há sistema.

XXIV A. Martinet (Eléments de Linguistique Générale, 1967) dará a esta “simetria do corte” o nome de “primeira articulação” da linguagem; ele define uma “segunda articulação” que concerne à decomposição do significante em unidades distintas (é ele mesmo um continuador inventivo da fonologia de Praga, que não poderia conhecer Saussure). A “dupla articulação” seria uma propriedade diferencial da linguagem humana.

XXV Deveríamos deduzir o critério linear do significado. Como mostram alguns comentadores (M. Arrivé, À la recherche de Ferdinand de Saussure, 2007, p. 46; L.-J. Calvet, Le Jeu du Signe, 2010, p. 145) é muito estranho que o genebrino reserve seu princípio de linearidade somente ao significante. A única hipótese que podemos fazer é que esta limitação material imposta ao significante se impõe também ao significado; todavia, se decomposmos o “sentido” em diferentes paráfrases (depois de tudo, não temos outro meio de “apreendê-lo”), isto é manifestadamente falso. O problema vem sem dúvida de ter concebido o significado ou o conceito como uma “parte” do “pensamento”, uma concepção psicológica muito datada que não é mais verdadeiramente a nossa.

XXVI O texto da p. 156 que nós citamos resulta de um exagero dos editores entre as fontes muito díspares. As quatro fontes apresentadas por Engler notam: a) que o pensamento é de natureza caótica; b) que os sons da linguagem não representam uma forma pré-existente. O exemplo que os editores dão (o contato entre uma superfície de água e uma massa de ar, as ondas representam as unidades) figura bem nas fontes, com representações imagéticas diferentes segundo cada uma: temos em todos os casos dois volumes que se encontram sobre o plano horizontal e as barras verticais que figuram a separação das unidades quando essas se encontram, mas em uma das fontes o volume superior (o pensamento) possui divisões próprias que não são respeitadas por essas barras. Aliás, em nenhuma das fontes, o qualificativo “amorfo” não concerne ao pensamento, como na nossa citação, mas se sobressai na comparação e concerne essencialmente à água e ao ar (uma das fontes atribui, todavia, à “este cadeia fônica que é ele própria amorfa”). Enfim, no fundo BPU 196, encontramos um estranho destaque (não datado, mas que podemos supor anteriormente aos cursos): “mas esses sistemas <da língua> consiste em uma diferença confusa de ideias correntes sobre a superfície de uma diferença [] de formas, sem que jamais possa ser uma diferença de primeira ordem corresponde exatamente a uma diferença do segundo, assim como uma diferença do segundo corresponde a primeira []” (Bouquet e Engler, p. 82).

O francês *mouton* pode ter a mesma significação que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor, e isto por várias razões, em particular porque falando de uma peça de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz *mutton* e não *sheep*. A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* leva em conta que o primeiro tem, ao lado dele, um segundo termo, o que não é o caso para o francês.

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente; sinônimos como *temer*, *recear*, *ter medo* não têm valor próprio senão por sua oposição; se *recear* não existisse, todo seu conteúdo iria para seus concorrentes (p. 160)^{XXVII}

A originalidade de Saussure não consiste simplesmente em retomar a herança, agora bem conhecida, dos sinonimistas franceses^{XXVIII} compreendidos em seus exemplos canônicos e a estendê-la a todas as unidades linguísticas, mas em admitir que o valor de um signo é sua realidade, e que essa realidade é de natureza opositiva e diferencial: “jamais um fragmento de língua poderia ser fundado, em última análise, sobre outra coisa que sua não coincidência com o resto^{XXIX}” (p. 163). “Arbitrário e diferencial são duas qualidades correlativas^{XXX}”. “Há línguas em que é possível dizer sentar-se ao sol” (p. 161). A noção de valor é incontestavelmente uma invenção que se inscreve em uma série ao tratar de um núcleo de racionalidade bem conhecida (a sinonímia), mas é uma noção que não só transforma totalmente esse alcance, como também remodela-o profundamente.

Podemos medir o alcance dessa invenção analisando o erro de um comentador. Em um artigo^{XXXI} muito confuso, muitas vezes citado e comentado, E. Benveniste acredita ver uma contradição na análise saussuriana: a relação entre significado e significante (“irmã” e i-r-m-ã) não seria arbitrária, mas necessária, pois o conceito é forçosamente idêntico na minha consciência à sequência fônica; por consequência, o arbitrário poderia ser afirmado somente recorrendo sub-repticiamente à “coisa”. Trata-se de um verdadeiro contrassenso^{XXXII} que pode nos fazer compreender a profundidade da inovação. O significado “irmã” não é dado; se aparecesse uma palavra como t-a-s-o para significar exclusivamente “irmã-da-mãe”, ela decorre de princípios pelos quais o significado “irmã” não seria mais o mesmo. É nisto que o significado, como significante, é arbitrário e, por consequência, sua ligação e, por isso, o signo na sua totalidade. É esse arbitrário que explica tanto a mobilidade linguística quanto a imobilidade (ele repousa sobre a tradição). Da mesma forma que ela não é um conjunto de nomes (uma “nomenclatura”), a língua não é um conjunto de significantes e de significados, é um conjunto de diferenças e de oposições ou, ainda, segundo uma expressão que aparece frequentemente no curso: *ela é forma e não substância*.

A recepção moderna de Saussure (após a Segunda Guerra Mundial) perfeitamente assimilou, em

XXVII Esta série de sinônimos figura em quase todos os dicionários desde o abade Girard (1718). Quanto à ideia que palavras estranhas introduzidas a uma língua terminam por se distinguir de palavras autóctones por suas nuances, é um clássico desenvolvido pelos sinonimistas de Guizot à Lafaye, passando pelos semanticistas como Bréal (que lhe dá o nome de “Lei de repartição”). As línguas utilizadas são muito diversas (compreendem o latim). A série inglesa desenvolvida no texto de Saussure e bem conhecida. Nós a encontramos principalmente em a *Sémantique Intégrale* de R. de la Grasserie (um compilador não muito original) em 1908, pp. 107 e 264.

XXVIII S. Auroux, 1985, “Deux hypothèses sur la conception saussurienne de la valeur linguistique”, *Travaux de linguistique et de littérature*, XXII-1. Notamos que a teoria da sinonímia “opositiva” remonta ao sofista grego Prodicus de keos, bem conhecido de Platão.

XXIX Fórmula feliz que retomam os editores e que foi somente anotada por uma das quatro fontes.

XXX A fórmula, ainda uma vez, provém dos editores. Duas das fontes apresentam um texto talvez mais claro: “Si le signe n’était pas arbitraire, on ne pourrait dire qu’il n’y a dans la langue que des différences ».

XXXI “Nature du signe linguistique”, 1939, *Acta Linguistica I*, Copenhague; retomado em *Problèmes de linguistique générale*, 1967, chap. IV.

XXXII É necessário confessar que Benveniste é ajudado por uma formulação infeliz de Saussure (ela figura em várias das fontes): “o significado ‘boeuf’ tem por significante ‘b-ô-f’ de um lado da fronteira, e o-k-s (ochs) de outro” (p. 100). Isto contradiz a asserção central segundo a qual dois significados de línguas diferentes não podem ser idênticos. Se o ochs alemão não tem como o ox inglês de origem germânica, uma palavra de origem normanda como o beef, tem rind cuja oposição não é idêntica (diríamos assim como Ochsfleisch e Rindfleisch).

sua generalidade, esse “princípio das diferenças”. Assim, M. Merleau-Ponty:

O que aprendemos com Saussure foi que os signos, um a um, nada significam, que cada um deles expressa menos um sentido do que marca um desvio de sentido entre si mesmo e os outros. Como se pode dizer o mesmo destes, a língua é feita de diferença sem termos, ou, mais exatamente, os termos nela são engendrados apenas pelas diferenças que aparecem entre eles (*Signes, 1960, premières lignes du chap. I*)

“Ideia difícil”, acrescenta logo o filósofo. De fato, nós concebemos uma relação somente entre termos dados; para a lógica moderna^{XXXIII}, ela é somente o produto cartesiano dos conjuntos de seus termos. Um conjunto é ele mesmo definido somente por uma propriedade claramente identificável, mesmo se ela funciona como a diferença específica das classificações aristotélicas. Ou nós encontramos uma maneira de reduzir este hiato entre o texto saussuriano e o estatuto de relações, ou é necessário admitir que nós estamos diante de alguma coisa radicalmente nova. Merleau-Ponty havia escolhido a primeira alternativa: haveria um paradoxo semelhante aos paradoxos de Zénon (nós diríamos antes ao paradoxo do ovo e da galinha). Numerosos comentadores (Deleuze, Derrida, Milner, sobretudo) escolheram a segunda alternativa e viram em Saussure o iniciador de uma nova ontologia^{XXXIV}. Nada no estado das fontes e, mais ainda, no estado dos conhecimentos dos quais Saussure dispunha permite decidir por uma das alternativas. Afinal, o genebrino era um linguista que se esforçava, tanto bem quanto mal, para colocar às claras as ideias gerais que lhe inspiravam, tanto na sua profissão quanto nas discussões com seus colegas. Hjelmslev (1943), bom conhecedor da lógica moderna, retomará o princípio das diferenças e suas implicações sobre o arbitrário, abstendo-se de recorrer às metáforas pouco claras (como aquela das “massas amorfas” do pensamento e do som), mas colocando em correspondência os léxicos provenientes de línguas diferentes bem constituídas (por exemplo, sobre as cores).

7- A Semiologia

Atribuímos frequentemente a Saussure a invenção de uma “disciplina” nova, a semiologia. Naville, seu colega na Universidade de Genebra, notava que “Ferdinand de Saussure insiste sobre a importância de uma ciência muito geral que ele chama de semiologia e cujo objeto seria as leis da criação e da transformação dos signos e dos seus sentidos” (*Nouvelle classification des sciences. Études Philosophique, 1901*). Como podemos compreender esta novidade: Saussure seria o inventor da Semiologia?

À primeira vista, essa atribuição pode parecer sujeita à cautela. A ideia de uma ciência dos signos não é certamente uma novidade na virada do século XX^{XXXV}. Podemos fazê-la remontar, ao menos, à

XXXIII Segundo toda verossimilhança Saussure desconhece a lógica moderna. Notaremos que os cursos são contemporâneos da publicação de *Principia Mathematica* de B. Russell e N. Whitehead, que começa em 1911.

XXXIV Nós estaremos enganados se víssemos aí tão somente uma oposição em dois termos: uma ontologia clássica de um lado e Saussure de outro. A ontologia ocidental não é tão monolítica quanto a deixa entender a concepção das relações a partir da lógica de classes que nós acabamos de expor. Existiu e existe modelos alternativos, poderiam citar somente a lógica estóica do acontecimento ou a mereologia de Lesniewsky que seus partidários concebem como uma alternativa à teoria dos conjuntos. Em nosso conhecimento, Deleuze (*La Logique du sens, 1969*) é o único a ter tentado uma reaproximação da lógica estóica e do estruturalismo. Notaremos que desde os anos 30 o cálculo-lambda permite utilizar as relações sem recorrer aos conjuntos pré-existentes. É Hjelmslev que parece (com seu conceito de função) o mais próximo deste tipo de solução.

XXXV Lembremos que o termo “semiologia” é um termo tradicional da medicina (“parte da medicina que trata dos sinais das doenças”, Littré) e que o termo “semiótica” lhe é um sinônimo, dispondo de uma acepção suplementar (“arte de fazer manobrar os grupos indicando-lhes os movimentos por sinais e não pela voz”, Littré).

tripartição estóica das ciências entre lógica^{XXXVI}, física e moral. De maneira mais moderna, é uma herança da filosofia clássica. No último capítulo do livro IV de seu *Essay concernant l'entendement humain* (16), Locke retomava a divisão estóica dando-lhe um outro nome: “a terceira divisão poderia ser chamada de sêmiotikê ou ciência dos signos; e, como as palavras fazem uma parte comum, ela também foi bem apropriadamente nomeada Lógica. Seu emprego consiste em considerar a natureza dos signos do qual o espírito se serve para entender as coisas, ou para comunicar o seu conhecimento aos outros”. Em seu comentário, Leibniz começou por destacar: “Esta divisão já era célebre na obra dos antigos” (Nouveaux essais sur l'entendement humain). As obras de Locke e Leibniz foram beneficiadas em 1823 de uma edição conjunta por F. Thurot, que era conhecido entre os genebrinos, ao que parece impossível que Saussure possa tê-lo ignorado, ao menos a partir de 1874^{XXXVII}. No século XVIII, a semiótica permitiu organizar o conjunto das concepções cognitivas em torno da trilogia, clássica desde Aristóteles: som → ideia → objeto (S. Auroux, *La Sémiotique des Encyclopédistes*, 1979). O que viria fazer Saussure e sua semiologia em tudo isso?

Dois elementos vão mudar consideravelmente as coisas no século XIX e na virada do século XX. Inicialmente, a atenção prática acordada aos sistemas e às normas de comunicação humana; essa atenção é motivada pela internacionalização dos intercâmbios e pelos novos meios de comunicação (telégrafo, telefone). É a época das criações de “línguas universais”, ou melhor, de línguas internacionais auxiliares (às quais poucos linguistas ficaram indiferentes), mas também de acordos internacionais sobre o Alfabeto Fonético Internacional - AFI (1888), o sistema de unidade CGS (Paris, 1881), a nomenclatura da Química Orgânica (Paris, 1889), a classificação bibliográfica decimal (M. Dewey, 1873), o código internacional dos sinais marítimos (a partir de 1856), etc. O segundo elemento é o trabalho constante de matemáticos e de lógicos na elaboração de um sistema simbólico adequado às matemáticas e ao cálculo lógico. G. Boole, C. S. Pierce, G. Peano, G. Frege, B. Russell produziram resultados que mudaram completamente a lógica. Todos eles refletiram sobre a natureza dos símbolos e, às vezes, como Peano, sobre uma língua internacional auxiliar (latino *sine flexio*), ou, como Pierce, de forma mais geral, sobre uma disciplina que ele nomeava Semeiotics, ou, ainda, como Frege inventou, uma ideografia (*Begriffsschrift*, 1879). A orientação reformista e a crítica das ambiguidades das línguas cotidianas é um tema essencial para os lógicos, assim como na obra da influente Lady Welby^{XXXVIII}, que tentou toda sua vida institucionalizar uma disciplina que ela tinha batizado de *significs*^{XXXIX}. Nenhum pensador da envergadura de Brentano Husserl ou de Frege a Russell negligenciou a questão do signo e da significação.

Para os linguistas, a evolução foi menos evidente. Os neogramáticos se interessavam, antes de tudo, pelas leis fonéticas e, de maneira nenhuma, por qualquer teoria do signo ou da significação. Se, desde o começo do século XIX, os filólogos alemães (sob o nome de “Semasiologia”^{XL}) e os gramáticos

XXXVI A constituição da lógica é consubstancial a uma reflexão sobre a natureza da expressão verbal (o *sumboloen* de Aristóteles). Encontramos a teoria aristotélica do signo linguístico no segundo tratado do *Organon* sobre a Interpretação.

XXXVII Existe um exemplar da obra (hoje em minha posse, SA) que traz o carimbo de Théodore Flournoy e a data manuscrita de 1874. Flournoy, professor de psicofisiologia, recorreu a Saussure para analisar as produções linguísticas do médium Hélèn Smith e foi o mestre, depois o sogro de R. de Saussure, o filho mais novo de Saussure.

XXXVIII Ela teve uma correspondência com Pierce e numerosos intelectuais e foi dela a iniciativa da tradução inglesa do *Essai Sémantique* de M. de Bréal. XXXIX Ver, por exemplo, *Significs and Language. The articulate Form of our expressive and Interpretative Resources* (1911). A “significs” foi definida como o estudo do processo de significação (“significância”) em todas as suas formas e relações. O nascimento desse neologismo remonta a 1894, no mesmo ano em que, segundo R. Engler, F. de Saussure teria introduzido o termo de “semiologia” em um manuscrito.

XL É o termo que empregará frequentemente Bühler até que ele introduza o neologismo de “sematologia” em 1934. A teoria dos signos de Bühler deve certamente mais a Husserl que a Saussure.

franceses (frequentemente sob o nome de ideologia^{XLI}) se interessam pelas mudanças de significação, é claramente contra os neogramáticos que Bréal introduz o neologismo de “semântica”:

Sémantikê technê, a ciência das significações do verbo sêmainô, “significar” por oposição à fonética a ciência dos sons (Bréal, 1897, *Essai de sémantique*, 8, note 1).

Sabemos que Saussure conheceu muito bem Bréal quando de sua estada parisiense. Entretanto, ele é muito crítico em relação à semântica:

é sempre questão do que se passa entre os termos da linguagem; ora, para seguir, seria necessário inicialmente saber o que eles são, o que tomamos como estando, antes de falar de fenômenos entre os termos existentes. (Notas sobre a linguística geral, Curso, éd. Engler, fasc. 4, 41)

O que é criticado na semântica é pressupor a existência dos termos a partir dos quais ela estuda as relações; dito de outro modo, é ignorar o conceito de valor e a unidade do significado e do significante. Compreendemos, desde então, a insistência do genebrino sobre a necessidade de uma ciência nova^{XLII} que repousa sobre sua própria teoria do signo^{XLIII}, a qual é efetivamente uma inovação teórica de grande importância. Colocando-a à frente, ele define que a semiologia estudará a língua não só como fato particular, mas também como fato primordial. Na melhor das hipóteses, a semântica seria somente uma parte da semiologia (aquela que estuda os significados, por mais que possamos imaginá-la independente do estudo dos significantes). Assinalando a essa disciplina, nova por seu objeto, como caminho à “vida dos signos no seio da vida social”, ele somente segue ao interesse geral de sua época pelos novos sistemas de comunicação. A escolha de um fundamento sociológico em vez de psicológico não é anódino: deixamos a ontologia subjetivista que veicula, desde os milênios, o conceito de significação analisado em termos “de ideias” para a existência coletiva de entidades sociais. Fazem parte do domínio da semiologia, além da língua, a escritura, os sinais visuais (língua dos surdos mudos, sinais militares e marítimos) e tátil (cegos), as formas de polidez (rituais, costumes, etc.). Em geral, a disciplina estudará os sistemas de valor arbitrariamente fixados e ela terá como interesse “se os sistemas outros que arbitrários são também de seu domínio”.

Não podemos não trazer à baila a confusão em torno do tema de uma teoria dos signos dessa época. O célebre vocabulário técnico e crítico da filosofia de Lalande (1927), que foi elaborado ao longo das sessões da Sociedade Francesa de Filosofia, compreende uma entrada “semântica”, a qual acrescentamos um destaque, que refere à sêmeiotikê de Locke e à Significs de Lady Welby. Mas se compreende também uma entrada “semiológica”, com uma citação direta de Saussure, notando que a semântica faria somente uma parte e que dizemos também séméiologie”. Todavia, a entrada remete igualmente ao artigo “Significs”

XLI Encontramos ainda este termo tomado emprestado de Destutt de Tracy mas utilizado em sentido mais restrito (“ideologia lexicológica”), nos linguistas naturalistas franceses aos quais se oporá Bréal.

XLII Saussure parece muito confiante em sua invenção: “é sob este nome que M. A. Naville [em sua *Nouvelle Classification des Sciences*, 1901] fez a honraria a essa ciência de recebê-la pela primeira vez no círculo” (*Écrits de Linguistique Générale*, 266). No contexto histórico que recém evocamos, é difícil de imaginar um Saussure suficientemente ingênuo ou mal informado para acreditar que a ideia de uma teoria qualquer do signo seja uma novidade. Se se trata de uma nova disciplina para ele, é na estrita medida em que ela deve repousar sobre a concepção binária do signo e do valor, que são novidades.

XLIII Ele conseguiu posteriormente evocar a possibilidade de utilizar o termo “signologia” que ele abandona porque Naville teria consagrado “semiologia”.

que Lady Welby redigiu para o Dictionary of Philosophie and Psychologie (1901-1905) de Baldwin, assim como seu livro *What is Meaning?* (1903).

As diferentes teorias dos signos que encontramos têm consistências bem diferentes. Mesmo aos lógicos para os quais o problema essencial é esclarecer a relação dos nomes aos objetos para construir uma doutrina da verdade, as modalidades de apreensão são múltiplas. Se Frege é bem conhecido por avançar na distinção entre sentido e referência^{XLIV} (“Ueber Sinn Und Bedeutung”, 1892), Russell identifica a significação a uma única referência (“On denoting”, 1905). Husserl, na *Seconde Recherche Logique* (1901, 1913), reconhece, remetendo a J. S. Mill, a necessidade de começar a lógica por uma reflexão sobre a linguagem. Nós devemos a ele a ideia de que a indicação difere essencialmente da expressão em que ela não tem função de significação; a expressão enuncia alguma coisa, mas ela enuncia também alguma coisa sobre um objeto. Jamais o objeto coincide com a significação. Todavia, é um ato de atribuição de sentido e nele “não saberíamos distinguir senão duas faces que dariam à expressão uma significação, e à outra, a determinação de sua orientação ao objeto”. Se, na maior parte do tempo, os autores se conhecem, eles se criticam frequentemente. C. K. Ogden e I. A. Richards, discípulos de Lady Welby, (*The Meaning of Meaning. A Study of The Influence of Language Upon Thought And Of The Science of Symbolism*, 1923) maltratam tanto Bréal quanto Saussure por terem admitido a fixidez da significação (“a fixed meaning, a part of la langue”) e o caráter unicamente binário do signo. Para eles, os filólogos e os gramáticos não têm uma formação suficiente para dominar uma linguagem analítica e abstrata.

A concepção de signo não é, por isso, qualquer coisa de unívoca e estável. A inovação saussuriana, por mais importante que seja, constituiu somente um núcleo relativo de estabilidade entre os estruturalistas europeus.

É somente após a Segunda Guerra Mundial, no contexto do desenvolvimento universitário, que a semiologia vai, mais ou menos, tornar-se uma disciplina de ensino e de pesquisa geral. Nós lhe reconhecemos então uma origem nos estóicos e em Locke, à exemplo de C. Morris (*Signification and Significance. A Study of the Relations of Signs and Values*, 1964). Mas, como disciplina, ela não está ligada a uma teoria particular do signo. Nós lhe atribuímos domínios variados, como a zoosemiótica e, aplicada à linguagem humana, ela se divide em fonética, sintaxe e pragmática (Morris). Th. Sebeock funda a revista *Semiotica*, em 1969, e a dirige até sua morte, em 2001. Ele está na origem da criação do International Association for Semiotic Studies, que teve seu primeiro congresso mundial em Milão, em 1976. Contemporânea ao desenvolvimento do estruturalismo, essa semiótica não está essencialmente ligada ao saussurianismo. Nós conservaremos, de uma maneira pouco arbitrária, o nome de semiologia para designar uma corrente que se apoia unicamente sob a concepção saussuriana binária do signo. Ela aparece essencialmente na França, com autores como Prieto, Barthes ou Greimas, e tem um papel fundador para a extensão do estruturalismo. A cadeira que R. Barthes obtém no Collège de France, em 1976, será batizada “cadeira de semiologia (literária)”. O desenvolvimento institucional da semiótica tem um papel incontestável de garantia e de caixa de ressonância para os partidários estruturalistas da semiologia. Vamos ver, todavia, que, ao fim dos anos oitenta, o termo “semiótica” vai ganhar do termo

XLIV Distinção retomada por Husserl: “dois nomes podem significar alguma coisa de diferente, mas nomear a mesma coisa” (*Recherches Logiques*, T. 2, Chap. I, 12).

semiologia, e aí também referem os discípulos de Greimas que ele mesmo falava de “quadrado semiótico” e não de “quadrado semiológico”. É difícil ver hoje, na inovação saussuriana, outra coisa se não uma tentativa de restrição, que teve eco, mas que não conseguiu se impor, em razão de sua própria restrição. A concepção binária do signo podia parecer somente um embaraço de linguistas para uma parte da lógica tão importante quanto a teoria dos modelos, para quem o essencial é a referência do signo. Mesmo em linguística, eu imagino que a análise de fenômenos como a anáfora pode dificilmente se passar da referência.

8 - Conclusões

O objetivo do historiador da ciência é colocar em ordem o desenvolvimento do conhecimento. Evidentemente, isso de certa forma lineariza os autores. Retrospectivamente, não encontramos nas outras invenções saussurianas alguma coisa de tão nítida quanto a descoberta dos coeficientes sonânticos. Neste caso, o estado da disciplina e seu funcionamento sociológico não devem ser subestimados. Todavia, Saussure é um cientista de grande envergadura e autor de múltiplas inovações, entre as quais, algumas são de grande invenção. Se fosse preciso avaliá-las, eu optaria incontestavelmente por colocar o “valor” em primeiro plano, até porque o resto pode muito bem ser deduzido (mesmo se não se trata certamente da ordem de descoberta). Que essa invenção surja em um núcleo de racionalidade presente em uma série muito longa, não somente coloca luz no processo normal de evolução do conhecimento, mas, sobretudo, faz da força teórica surpreendente de Saussure diferença na realidade mesma do elemento.

Tradução de Amanda Eloina Scherer, Maria Iraci Sousa Costa, Maurício Bilião